

Ficha Técnica

Título: "Tempo – Os Dias do Cavaleiro -" – Revolution Tool

Editado no âmbito do Projeto Revolution, suportado pelo Programa Juventude em Ação da União Europeia.

Obra da autoria de: Abraão Costa

Ilustrações de: Cristiana Fernandes

Correção e Revisão Gráfica: Equipa Técnica da PASEC

Propriedade de:

Plataforma de Animadores Socioeducativos e Culturais

Rua Barão de Joane, 129, 2ºB, Edifício Sinções

4760-019 Vila Nova de Famalicão

Telefone – 00351 917 380 178

Sítio na internet – www.pasec.pt

Email – pasec.geral@gmail.com – geral@pasec.pt

Depósito Legal n.º

Novembro 2013

Os dias de Milénia

Época de 3980. Comemoro hoje 33 épocas anuais, não sei muito bem que dia é, nem a altura, mas pelo calor deve ser a estação a que os antigos chamavam de Verão. Nos dias que correm limitámo-nos a contar os dias da época anual (consagrada como tendo 365 dias). Eu nasci no dia 114 pela manhã noturna. Hoje faço 33 existências num mundo sem memória que recupera ninguém sabe muito bem de quê.

Vivo em Ethérnia, um pequeno vilarejo ancestral, sede feudal da região. Sou sozinho, os meus pais vivem aqui perto, a minha irmã migrou para a região de Bahar onde vive em família com o seu esposo.

Por estes dias estou em Milénia Centrum, ilha mãe do arquipélago de Milénia, também rezadas como as ilhas do descanso eterno dos Deuses. Milénia Centrum é uma espécie de capital espiritual do Império de Gaia, que une as muitas centenas das regiões livres conhecidas. Todas as épocas anuais este número de regiões aumenta, assim que o Homem descobre novas regiões que desconhecia.



Estou em Milénia em retiro, como o tenho feito em todas as épocas anuais desde que assumi as minhas funções de Mestre Aprendiz na Ordem dos Cavaleiros do Poder. Para além de Milénia ser a minha casa espiritual, ela é ao mesmo tempo o refúgio de muitas histórias intemporais, de aventuras que ficaram por viver e onde estive mais próximo de perceber o que os nós, seres humanos, chamamos de "Amor".

Apesar de estar em retiro não estou sozinho, vim com alguns Mestres Aprendizes iniciais e alguns candidatos a aprendizes de Mestre. Na Ordem dos Cavaleiros do Poder começamos como candidatos a aprendizes, evoluímos para Aprendizes e por fim Companheiros. Depois alguns de nós seguem o caminho de Mestre. Sentem que para continuarem o seu percurso têm de devolver e multiplicar parte do que lhes foi dado. Começamos como Mestre Aprendiz em iniciação, passamos por Mestres Aprendizes em confirmação e por fim Mestres Aprendizes. A palavra aprendiz segue-nos sempre porque como nos conta a lenda que deu origem à Ordem dos Cavaleiros do Poder: "**o Mestre que perdeu a capacidade de aprender já não tem mais nada a ensinar**". Alguns de nós seguem depois o que chamamos de "caminho simbólico" e tornam-se em Mestres Simbólicos, protetores de um saber maior, só ao alcance de alguns.

Mas voltando a Milénia Centrum e ao "Amor", nestes estranhos tempos procuro desvendar o seu mistério, a sua energia, insistindo em inutilidades para perceber onde reside o meu erro ou a minha certeza. Quero perceber se amo o meu ego, os que me rodeiam, a minha família, o que faço ou uma construção de imagens, todas elas irreais. Ou ainda, na pior das coincidências, nada de nada, sendo eu mesmo um vazio nos vazios que gerei e me rodeiam. Pelo meio das minhas dúvidas, mantenho o meu trabalho de reflexão, meditação e contemplação junto dos meus Mestres Aprendizes em iniciação e dos seus Aprendizes, tentando viver sem pressas, respeitando o tempo imaterial. Aprendi que não vale a pena apressar o ritmo do Universo, mesmo que a realidade assim o determine. **Desvendar o essencial apenas se revela quando estamos disponíveis para sermos o que ainda não somos, deixando verter parte da água que encheu o nosso cálice.**

Gosto de acreditar que todos estamos dimensionados para o bem

Gosto de acreditar que todos estamos dimensionados para o bem, aliás por estas eras acreditamos que o homem nasceu predisposto para o bem. Acreditamos que mesmo os que vivem à margem da sua própria natureza estão predispostos para o bem e que cabe a cada um de nós, nobres cavaleiros imperfeitos, criar os campos de oportunidades suficientes para cada um poder concretizar todo o seu potencial orientado para a bondade e promoção do bem comum.

O mundo como cada um de nós o conhece está para além do subjetivo, chega a ser absurdo a forma como o vemos, sobretudo quando nos damos ao trabalho de partilhar a nossa opinião com o universo em redor. Tudo o que eu digo é assimilado e entendido de forma absolutamente distinta por cada um dos que me ouve. Cada um absorve, subverte e rentabiliza a informação de forma diferente, com uma intensidade diferente, numa perspetiva diferente. Por isso também a forma como vemos o bem subverte-nos. Uma decisão imponderada, uma abordagem diferente do real que nos



envolve pode ser assimilada e compreendida como ato de maldade.

No Império de Gaia, regido pelo Livro dos Elementos, somos ensinados acreditar que o bem é um fluxo energético constante que habita em todos os seres humanos, centrado na sua aura e que um dia alguém registou em palavras como sendo "o poder do coração".

Duvido muitas vezes desta ideia, mas não duvido da intenção cega que a mesma pretende guardar. O Livro dos Elementos refere que "cada ser humano merece um novo começo, independentemente do caminho que um dia escolheu para se perder..."

A Adaptabilidade ao Nada

Na ordem dos Cavaleiros do Poder somos treinados a preparar-nos para o imprevisto, para o inevitável jamais esperado, para a etapa complementar fora de planos depois da etapa complementar com a qual também não tínhamos contado. Ter um plano alternativo não é uma escolha, é uma inevitabilidade, faz parte de alguém que pronto para o embate, embora confiante na sua estratégia e nas suas capacidades, não descarta que para além da montanha pode estar um rio de correntes impossíveis de controlar.

Há algumas épocas anuais atrás, treinei Ruy, discípulo de Delea, uma pequena aldeia ancestral, perto de Ethérnia. Algum tempo após o início da preparação de Ruy, pernoitávamos nas montanhas em redor de Ethérnia. Tínhamos acampamento montado nas zonas húmidas bem perto de um ribeiro com pouco mais de dois metros de largura. Estava uma noite de tempestade e aproveitei para acordar Ruy para treinarmos a arte do varapau com os elementos como inimigos dos sentidos.



Antes de começar peguei no meu arco e flecha, tornei a flecha numa tocha incandescente, estendia no arco e lanceia para lá da outra margem, muito para além de uma bruma densa que não nos deixava ver mais de 10 metros à frente dos olhos. Convidei Ruy a encontrar a flecha perdida na companhia do seu varapau. Ruy questionou:

- Mas não íamos treinar a arte do varapau? Ainda ontem fizemos exercícios de exploração e orientação na bruma da noite... não o consigo perceber...

- A decisão de procurares a flecha ou te retirares é inteiramente tua. - Respondi

- Não quero questionar a sua opção Mestre, só gostaria de perceber o que pretende? - Voltou a questionar

- Se não me pretendes questionar, então porque o fizeste? O que tinha a dizer já está dito, agora se voltas para a tenda ou vais procurar-te a decisão é inteiramente tua.

Depois destas palavras retirei-me e não lhe dei tempo para que me voltasse a questionar. Mesmo a contragosto vi Ruy a ceder à sua própria questão e a evoluir nas águas do pequeno ribeiro e a passar para a outra margem. Ao fim de alguns segundos perdi-o de vista.

Ruy rapidamente encontrou a flecha, mas quando voltou já não me encontrou. Gritou pelo meu nome algumas vezes mas como não obtive resposta pensou estar perante mais uma prova, perante mais um teste às suas reais capacidades. Decidiu procurar-me por entre a bruma da noite com o auxílio do seu varapau.

Passaram dias, semanas, até que ao fim de uma longa temporada Ruy desistiu de me procurar. Levantou acampamento e voltou a Delea. Pelo caminho passou por Ethérnia e perguntou aos transeuntes se me haviam avistado. Ninguém lhe soube responder. Como era normal os Mestres Aprendizizes desaparecerem do nada sem prestar contas a ninguém, Ruy achou que esse seria mais um desses períodos de vazios da vida de um Mestre. Pensou que havia desistido dele. Supôs, que eventualmente, não estava à altura do desafio que lhe havia preparado.

Procurou os seus amigos mais próximos, partilhou a experiência com eles à espera de uma resposta, de uma luz de sentinela que pudesse explicar o ato de desprezo do seu Mestre. Por muitas respostas que obtivesse só conseguia construir mais perguntas até que... Até que o tempo passou, a vida seguiu o seu curso e o tempo se encarregou de fazer a memória desvanecer.

Mais de uma época anual após, Ruy voltou ao mesmo local, com o mesmo varapau e permitiu-se ao silêncio do treino através da arte do manejar do varapau. Fechou os olhos, deixou a força do vento levar-lhe os braços, o som da água limpar-lhe a sua mente e o seu jogo de pés balançar os seus alicerces na terra. O varapau tornou-se parte do seu "eu vivo", a força e a delicadeza dos elementos fundiram-se com o seu bailado simbólico orientado pelo seu varapau.

Sem perceber como e quando ele desenhava as mesmas formas de um alguém presente em sombra do lado oposto da margem do rio. Sem questionar desta vez, Ruy

sobrepôs-se ao ribeiro, atravessou a margem, vislumbrou-me e, sem pensar, ajoelhou-se, fez-me uma vénia de respeito e entregou-me o seu varapau. Entretanto de olhos tensos questionou-me:

- Por onde te perdeste Mestre? Porque permites-te a minha solidão? Não percebi onde falhei?

- Sabes, meu bom amigo, em tempos aprendi que temos de mudar a nossa maneira de ser tantas vezes quantas forem necessárias, sem que na prática nunca tenhamos mudado. Hoje, uma época anual após, voltamos ao mesmo sítio, sentiste as mesmas emoções, mas agiste de uma forma completamente diferente. Deixaste que a tua natureza interior falasse ainda antes de tu falares. Sem te deixares controlar, adaptaste-te ao Cosmos sem esperar vencer nem perder, preocupaste-te antes em ouvi-lo sem perceber o que ele te guardava. Não me perdi nem permiti a tua solidão, apenas te dei tempo para perceberes como te podes adaptar ao nada, como cada um de nós consegue ser flexível, inclusive perante o vácuo. Sem perceberes onde tinhas errado fizeste caminho, voltaste à estrada e mesmo assim voltaste ao início. Mudaste, adaptas-te sem nunca teres realmente mudado. - Respondi

- Então dizes-me que nunca precisei realmente de ti? - Voltou a questionar.

- **O mais inesperado que nos pode acontecer é o "nada", o vazio de desafios, de memórias, de conquistas. Por vezes quando treinamos demais esquecemo-nos que continuamos a existir para além do nosso treino, da nossa loucura. Esperar o mais inesperado dos inesperados é adaptarmo-nos a viver a partir do "nada" porque foi daí que todos viemos e alguns acreditam que é para aí que todos vamos...**- respondi

Não temos tempo para a nossa falta de tempo

Na fundação do Império de Gaia, os predestinados, aqueles cuja lenda conta que deram início ao novo início da nova era que por estes dias vivemos, escreveram o Livro dos Elementos.

Está escrito no Livro dos Elementos que " o Cosmos é um fluxo condensado e ordenado pelos elementos. Aos quatro elementos base juntam-se os fluxos energéticos de todos os outros elementos que se fundem em matéria e dão origem ao Cosmos visível e



corpóreo. Mas mais importante que os elementos e a semente das suas interações é a arena onde ganham forma e potenciam a sua existência astral, a esta arena damos o nome de Tempo". Mais à frente o Livro dos Elementos acrescenta " o Tempo mais não é do que o fluxo existencial, negá-lo, subvertê-lo, não perceber a sua importância sagrada é negar a nossa própria existência, o nosso próprio tempo, a nossa oportunidade de perceber o futuro".

Quando treinamos para sermos Cavaleiros vemo-nos muitas vezes subvertidos pela desculpa da falta de tempo. O treino é duro, por vezes nem reparamos na capacidade de respirar, somos ultrapassados pela nossa falta de paciência, pela oportunidade do triunfo fácil, em resumo, damos a oportunidade ao nosso anjo negro (o nosso Némesis interior) de nos contaminar e atirar para o caminho que nunca quisemos percorrer.

Na verdade esquecemo-nos do privilégio que é poder fazer parte da vida dos outros e permitir que estes possam exercer e ampliar todo o seu potencial. Ser Cavaleiro é uma tarefa transcendente para novos predestinados e os outros não têm tempo para nossa falta de tempo. Eles precisam, antes de tudo, do nosso tempo para entenderem o seu próprio tempo. **Basicamente, ao Cavaleiro não é-lhe dado o privilégio do egoísmo, é-lhe dado o poder "de inventar tempo" para aqueles que se esqueceram que precisam de tempo.**

A retirada

A Algumas épocas anuais atrás retirei-me para meditar nas montanhas de Milénia, mais precisamente para a Ilha de Tircide, a segunda ilha mais importante do arquipélago sagrado. Levei comigo Mestre Canis Lupus e Mestre Chitra. É normal vários mestres partirem em retiro em conjunto como forma de se completarem e não permitirem que qualquer um deles caia na tentação de sonegar o seu próprio Tempo.

À noite, à volta da fogueira, partilhávamos histórias e Mestre Chitra contava quando ele próprio se havia iniciado como candidato a aprendiz:

“O meu Mestre tinha-me colocado perante um desafio impossível, subir uma parede de uma montanha com mais de 300 metros, praticamente sem qualquer tipo de soalco, quase que completamente lisa. Quando estamos a iniciar o nosso caminho somos determinados e medimos poucas vezes as consequências dos nossos atos. Determinado que estava e sem escutar o Cosmos em redor, pensei que o único modo de ascender na consideração do meu Mestre era ultrapassar a meta que ele me tinha determinado.

Tentei todas as formas de que me lembrava para tentar subir a montanha. Inicialmente tentei escalar pelos meus próprios meios, mas nem a 20 metros cheguei. Seguidamente procurei utensílios que me pudessem auxiliar como cordas, uma velha picareta de escalada, mas nem assim. Não havia suporte onde colocar as cordas e sempre que me auxiliava na picareta, a rocha era tão dura que mal a conseguia beliscar. Mais tarde tentei construir um suporte em terra e pedras de grande porte que aos poucos se foi tornando numa torre. Demorei noventa dias só para conseguir erguer 10 metros, mas como era a única solução de que me lembrava, continuei mais duzentos e quarenta e dois dias até que deixei de ter pedras suficientemente com o tamanho suficiente para continuar a erguer aquela espécie de nova montanha. Para continuar a construí-la teria de fazer grandes viagens para ter a matéria-prima necessária à execução daquela colossal empreitada. Ao fim de uma época anual e uma centena de dias tinha apenas construídos 30 metros.

Pensei em pedir ajuda, mas como a tarefa me havia sido dada a mim, pensei ser a minha missão concretizá-la pelos meus próprios meios e um sinal de fraqueza pedir auxílio ou conselhos ao meu Mestre. Este havia partilhado logo nos inícios dos treinos de candidato a aprendiz que a maior parte das respostas que procuramos depende da nossa força de vontade. E segui este saber à risca, de forma cega, sem negociar as soluções para o desafio com ninguém.

O meu Mestre, impávido e sereno, lá aparecia uma vez por outra. Em alguns destes encontros ele trazia alguns dos novos aprendizes que continuava acompanhar e treinar. Foi num destes encontros que tudo mudou. Aí que conheci Alexia, uma



Aprendiz, quase Companheira (categoria na ordem dos Cavaleiros do Poder que se segue à categoria de Aprendiz), que se mostrou impressionada com a minha obra:

- Fantástico, Chitra, nunca pensei que alguém chegasse tão longe, há quantos dias constróis esta montanha de pedras? - Perguntou impressionada.

- Como? Há mais de época anual e cem dias que tento chegar ao topo da montanha. Apenas consegui estes míseros 30 metros e tu mostras-te surpreendida? Não sabes respeitar o esforço e sacrífico daqueles que ainda agora começaram o caminho? - Retorqui a pergunta enfurecido, pensando eu que a jovem Aprendiz se estava a divertir à custa do meu trabalho.

- Calma jovem Chitra, não fazia ideia de que já o tentavas há tanto tempo. O Mestre deu-me a mesma tarefa às mais de quatro épocas anuais atrás e ao fim de noventa dias desisti. - Respondeu Alexia.

- Mas como é possível Mestre? Como pode ela chegar a Aprendiz se não superou o desafio da montanha impossível? - Questionei eu o meu Mestre ainda mais indignado.

- **Para mereceres aprender os desafios e os mistérios do que é ser um Cavaleiro do Poder tens antes de tudo que aprender a o que significa a retirada. Existem desafios inúteis, que em tempo algum serão superados. No nosso íntimo temos de descobrir quais as montanhas que realmente merecem ser escaladas. Perante as que não conseguimos escalar devemos ter a sabedoria de nos retirarmos, retemperarmos forças e avançarmos para o desafio seguinte porque o nosso tempo não para -**
Respondeu o meu Mestre

Foi neste dia que percebi a importância de me retirar perante a lógica das minhas próprias limitações e retemperar as forças que entretanto perdi. Este é um desses momentos meus amigos"

O Némesis

O Livro dos Elementos define Némesis como sendo a personificação de Rhamnusia ("a deusa Rhamnusia" da vingança), designada como o espírito da vingança divina contra aqueles que sucumbem à arrogância (arrogância perante os deuses). Os predestinados acreditavam que cada um possuía um Némesis interior, uma espécie de anjo negro que, como diz o Livro dos Elementos, "nos retribuía o que nos era devido".



Este saber passou de geração em geração e perdurou até aos dias de hoje. Aprendemos que o Némesis pode ganhar uma forma humana nas pessoas que menos esperamos, é alguém que de alguma forma nos revela a fraqueza e fragilidade que

realmente escondemos. Qual de nós nunca conheceu ninguém capaz de nos levar às profundezas do nosso inferno emocional e com isso fazer sobressair o pior de nós mesmos? E para mal dos nossos pecados, esse alguém é por vezes quem mais amamos.

Aprendemos também que o Némesis pode atuar apenas ao nível da consciência, como personificação emocional dos nossos pecados, como nosso espelho consciente.

Compreendemos com o tempo a sua utilidade, a sua importância no nosso ciclo vital. Funciona como um sistema de alerta para o caminho que não devemos nem queremos trilhar, serve de espaço de reflexão antes de uma má tomada de decisão.

De qualquer forma muitos de nós não somos capazes de enfrentar o nosso próprio Némesis, muito pelo contrário, deixamo-nos contaminar pelo mesmo. Somos possuídos por uma espécie de força catatónica que nos imobiliza e nos coloca a definhar no nosso próprio inferno emocional. Sentimo-nos diminuídos num exercício de comparação perante uma suposta perfeição existente. Por momentos percebemos os piores motivos pelos quais existimos, podemos mesmo chegar a sentirmo-nos os últimos seres de uma realidade menor que não nos quer. Alguns optam mesmo pelo suicídio emocional e deixam de querer o seu próprio tempo.

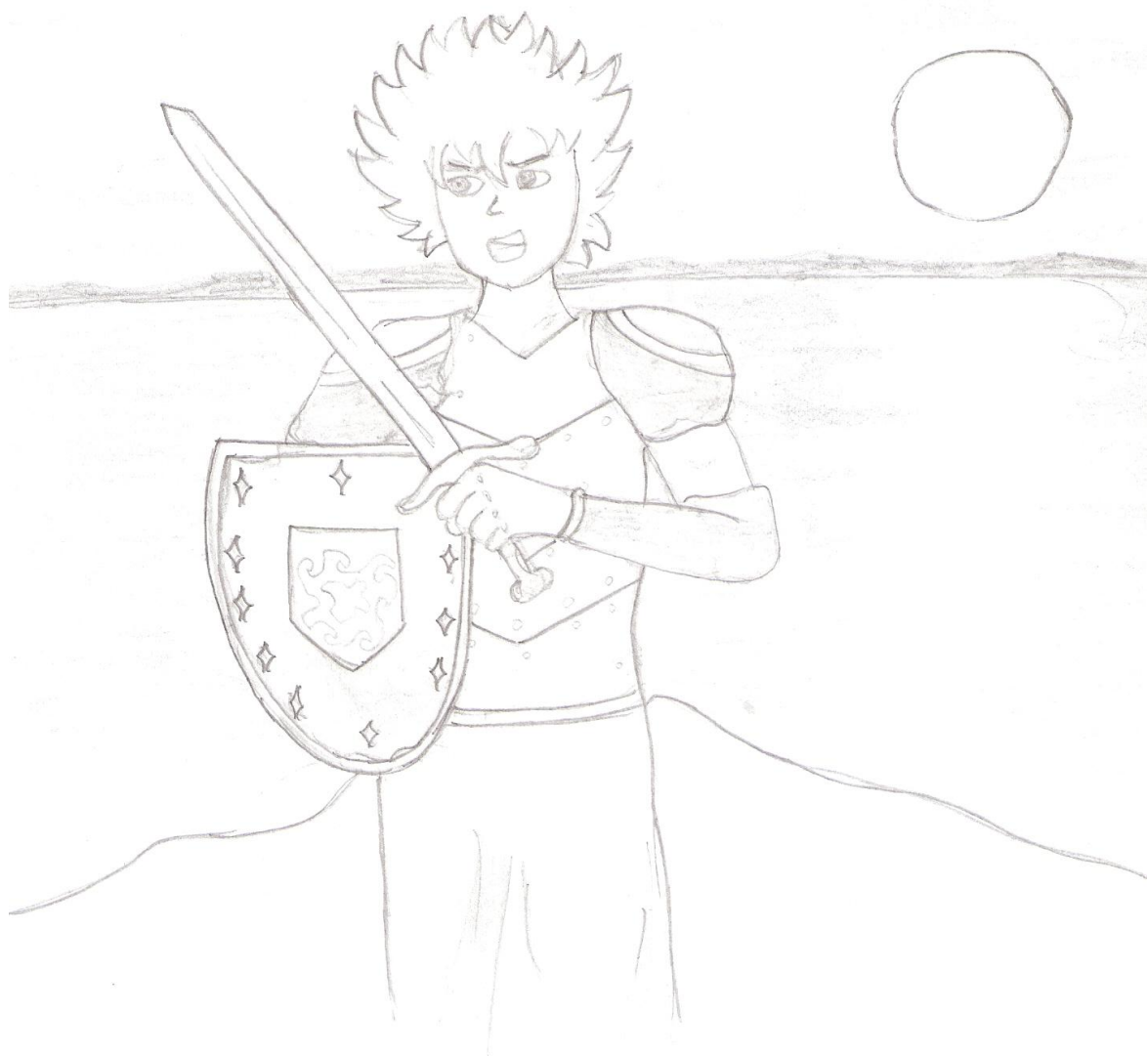
A este respeito recebi por estes dias uma carta de um velho aprendiz:

"Parte das nossas vidas é passada a descobrir o que somos, outra a confirmar o que somos e o resto a perceber se não nos enganamos. Por entre dúvidas e a total ausência de certezas procuramos no "divino suporte" ao caminho alheio a resposta à ausência de respostas que guardamos para nós.

No meio desta encruzilhada por vezes esquecemo-nos de olhar à nossa volta e perceber os caminhos que trilhamos, as pessoas que fizeram esses caminhos e a diferença que fizemos na vida deles e delas. De certeza que toda a imensidão que construímos não foi feita só de jardins de encantamento. Estou certo que os desfiladeiros e pântanos foram por vezes imensos e tortuosos, mas todos eles fizeram parte do processo de descoberta e confirmação do que somos, seja no "que desejamos ser ou no Némesis de nós mesmos". É por isso que quando nos damos por conscientes devemos lembrar à aura que nos persegue e alimenta que **por vezes é ridículo tentarmos perceber quem somos, é imperioso percebermos onde estamos.**"

Oportunidades que não devemos desperdiçar...

A oportunidade é um conceito abstrato para qualquer aspirante à Ordem dos Cavaleiros do Poder em fase de Aprendiz ou mesmo já com o estatuto de Companheiro. Somos ensinados que a oportunidade surge de duas formas, como bênção ou como aviso. A dificuldade em perceber em qual delas caímos é um exercício de insanidade. Dessa forma somos também ensinados em deixar que seja o próprio tempo a revelar com que espécie de oportunidade nos estamos a deparar. A este respeito, em tempos conheci um Cavaleiro do Poder, já Companheiro, que dava pelo nome Maneki Neko e que no seu diário simbólico escrevia:



"A vida dá-nos oportunidades que soam a aviso...

Por vezes as marés trazem-nos a praias com que não contávamos, a momentos de relutância que nos fazem analisar todo o percurso que traçamos, ou pelo menos parte dele. Nestas nesgas de terreno compreende-mos alguns dos erros que cometemos não são apenas parte do percurso, são fantasmas que nos perseguem a quem não devemos renegar.

Nestes momentos em que a vida nos passa à frente temos um manancial de opções abundante, mas duas sobressaem, ou compreendemos a oportunidade que tivemos e com ela evoluímos positivamente ou rezamos para que a sorte da não consequência ao erro se mantenha.

Optei por não optar por nenhum caminho na certeza que esta é mais uma oportunidade.... e como em todas as oportunidades.... tentarei tirar dela o máximo partido possível.... "

O caminho da redenção...

Logo após os inícios da nova história, os predestinados que redigiram a sangue o Livro dos Elementos desenharam o que chamaram de processo, o resgate do que realmente são, a lógica dos passos que voluntária e involuntariamente nos precedem rumo ao objetivo que achamos ser o nosso.

Todos os aspirantes a Aprendizes, todos os Aprendizes que pretendem ser Companheiros e todos os Companheiros que pretendem evoluir para Mestres passam por aquele que é denominado no Livro dos Elementos como o "caminho da redenção". O Livro conta também que este é um caminho que fazemos várias vezes durante a nossa existência, sempre que fazemos uma transição de um ciclo existencial para outro.

Sempre que conscientemente escolhemos percorrer o caminho da redenção a primeira lição que aprendemos é a de perceber que nem sempre existe uma resposta a seguir a uma pergunta, que existem respostas sobre perguntas que nunca foram feitas e que existem perguntas que são apenas isso, perguntas, vácuos sem qualquer direção, nadas intermitentes recriados pela nossa mente em estado selvagem.

Depois de percebermos que corremos o risco de ficarmos mais perdidos do que inicialmente estávamos, partimos para um caminho com três pontos de paragem entre o ponto de partida e o ponto de chegada, como se nos orientássemos numa viagem a partir de um mapa que nos dará as coordenadas para salvar o nosso mundo. Cada um destes cinco passos responde a uma pergunta concreta e ao domínio de um dos elementos nucleares (a terra, o ar, a água e o fogo) com quem o nosso Cosmos se funde.

O ponto de partida é o nosso ponto terra. A nossa existência persiste numa soma de partes que se dilui e dá origem à nossa personalidade terrena, aquela que todos vêm. Nesta fase somos convidados a voltar a perceber cada uma das parcelas que nos conclui, qual delas nos está a contaminar e assim a desequilibrar a soma das partes. Nesta fase tentamos responder à pergunta "Qual a raiz do meu desequilíbrio?". Neste momento perguntam: Mas como faço isso? E a resposta não existe. Depende do Mestre que escolherem, depende do novo nível a que pretendem chegar, depende do desafio que estiverem dispostos a abraçar.

O nosso primeiro momento de paragem é nosso ponto água. Já cientes do que realmente nos contamina desafiamo-nos a mergulhar na personalidade que construímos. Mentalmente e emocionalmente somos transportados para um exercício onde desafiamos a nossa harmonia. Imaginem uma linha de água onde à superfície, numa escala de um para cinco, sendo que cinco é a mais importante e o um o menos importante, determinados, apelando ao apoio e sabedoria dos nossos entes mais

queridos e companheiros de jornada, as nossas maiores armas na arte de fazer o bem, de melhorar a humanidade e o humano da natureza que nos rodeia. Repetimos entretanto o mesmo procedimento, mas desta vez imaginamos a mesma escala abaixo da superfície da água e procuramos detetar os nossos maiores poderes no artifício de conceber o mal, de deteriorar a humanidade e o humano da natureza que nos contorna. Nesta fase tentamos responder a uma pergunta mais complexa "Qual é o verdadeiro destino dos meus poderes?"



No segundo momento de paragem chegamos ao ponto ar. Nesta etapa da metamorfose emocional partimos à procura da libertação do espírito, da verdadeira redenção. Conscientes do que nos contamina, do poder que realmente exercemos e da diferença que o mesmo faz, temos a força para nos desvanecermos no nosso vácuo e não temermos o vazio. Percebemos que estamos prontos para conhecer o próximo destino. Nesta fase procuramos responder à demanda "Que missão a minha consciência e o meu poder me delegam a seguir?"

O nosso último momento de paragem é o nosso ponto fogo em que abraçamos com naturalidade a missão que nos foi delegada estando em perfeita sintonia com as nossas limitações, talentos, certezas e incertezas. Assumimos a nossa essência, o nosso fogo interior, entendemos a razão pela qual, naquele momento, naquele lugar, com aquelas pessoas, nós existimos. Neste momento respondemos à pergunta "Aceito, sem medo de errar, a missão que tenho pela frente?"

O ponto de chegada, fim desta jornada, o último capítulo do caminho da redenção é a certeza da ação, ou como nos descreve o Livro dos Elementos, **"depois de vislumbrarmos o inferno que nos atormenta, de conhecermos as chagas e as lógicas benignas do nosso poder, desafiamo-nos a desafiar uma nova existência que entusiasma e glorifica a existência dos outros. Neste caminho de caminhos, os quatro elementos fundem-se para nos darem a conhecer o quinto elemento, a nossa sabedoria interior, alimentada pela harmonia do desafio da missão que agora sabemos que é a nossa"**.

Ouço o mundo que me rodeia mas só permito a crítica a quem não paralisa...

Numa das minhas muitas viagens com Mestre Canis Lupus e Mestre Chitra paramos na região de Boria, na cidade de Milkar, capital feudal de todas as terras borianas. Paramos para cear numa velha taberna vegetariana. Boria é conhecida como a região do Verde Infinito, as suas gentes baseavam toda a sua vivência na ligação com a terra, toda a sua cultura, gastronomia e arte nasciam e morriam no verde da natureza circundante. Por isso dizer que paramos numa taberna vegetariana é uma redundância porque em Boria todas as tabernas são vegetarianas.

Todos pedimos uma sopa de leguminosas e algum pão seco para continuar a viagem. Um desconhecido aproximou-se de nós, fez uma vénia em sinal de respeito e dirigiu-se diretamente a Canis Lupus:

- Mestre, a que devemos a honra de o ter por cá? - Questionou o desconhecido
- Lamento, mas se nos conhecemos não me consigo lembrar com quem estou a falar. - Retorquiu Canis Lupus
- Mestre, sou Edzo, irmão de Edo, com certeza que se lembra de mim. - Afirmou com entusiasmo o forasteiro
- Recordo-me bem de Edo, mas Edzo, seu irmão, nunca ouvi falar - respondeu Mestre Lupus, baixando posteriormente a cabeça e voltando à sua refeição.
- Mas Mestre, com certeza que se lembrará de mim. Treinou-me como seu aprendiz durante três épocas anuais. Eu próprio lhe levei o meu irmão para ser treinado por si. - Insistiu o auto denominado Edzo.

Sem responder, Canis Lupus, continuou a sua refeição. Edzo insistiu um par de vezes e eu respondi-lhe:

- Meu bom rapaz, o meu amigo já disse que não se lembrava de si, se não se importasse pedia que se retirasse para continuarmos a nossa refeição. Ainda temos uma longa jornada à nossa frente.

O rapaz lá cedeu e retirou-se cabisbaixo. Dirigi-me então a Canis Lupus:

- O que se passou meu bom amigo. O rapaz conhecia-te realmente, inclusive falou de Edo, um dos mais promissores Companheiros que treinaste, porventura até futuro Mestre. E antes que desmintas, os teus olhos tensos denunciaram-te.
- Não te vou contrariar, lembro-me bem de Edzo. Mas o que de bom ficou entre nós foi apenas o facto de este me ter dado a conhecer Edo. - Retribuiu Mestre Lupus.



- Mas porquê? - Questionou Mestre Chitra.

- Como todos estudamos e aprendemos, o Mestre que perdeu a capacidade de aprender, nada mais tem a ensinar. Edzo e Edo foram dois aprendizes com quem aprendi muito, mas apenas um deles foi capaz de chegar ao estatuto de Companheiro. Apenas um deles foi capaz de dominar o seu fogo interior e assim reger o quinto

elemento, a sua sabedoria e a sua certeza na ação. O outro perdeu-se por entre ideias tão geniais quanto inertes. - Respondeu Canis Lupus.

- Mas o que aconteceu entre vós que te marcou assim tanto? -perguntei-lhe eu reforçando a curiosidade de Chitra.

- Quando treinamos os nossos aprendizes damos forma a uma rotina de treino sob a qual também fomos treinados. Com o tempo vamos moldando novas rotinas com base na experiência adquirida. São os nossos novos discípulos que nos obrigam a reequilibrar e calibrar as opções que fazemos. Edo e Edzo, para mim, foram o início desta fase de descoberta.

E continuou:

- Tudo começou quando lhes sugeri que ambos plantassem um campo de cereais em pleno Inverno, naquele ano mais rigoroso que o normal. Cada um tinha o seu. Edzo cedo percebeu que era inútil aquela tarefa e desistiu. Edo por sua vez, apesar de ter feito a mesma análise continuou a missão que eu lhe confiara.

À noite, à volta da fogueira, partilhávamos a experiência do dia e ambos mostravam-se desmotivados e irritados com a tarefa que lhes tinha dado. Ambos me questionaram até quando o tinham de fazer. E respondia sempre que as ordens que tinha dado eram aquelas e não outras, competia-lhes a eles lidar com elas. Com o tempo Edzo tornou-se permissivo e passivo, passando o dia a treinar outras artes marciais que mais lhe apraziam. Edo por sua vez, mesmo discordando de mim, tentava novas formas de dar vida aos cereais. Por vezes tentava inclusive fazer o trabalho que o seu próprio irmão negligenciara.

À noite, como sempre, encontrávamo-nos à volta da fogueira e, como sempre, ambos se mostravam frustrados e irritados. Até que ao fim de uma longa temporada Edzo se mostrou farto e me enfrentou abertamente. Não permiti que continuasse a falar, mandei-o calar, inclusive recorri à força bruta para o fazer. Neste momento Edo levantou-se e fez o irmão recuar, tentando explicar a frustração dos dois. Deixei que Edo partilhasse tudo o que estava a viver e o sentimento sobre a inutilidade da tarefa que estava a realizar. Explicou-me que o solo nesta altura não possuía os nutrientes necessários à produção de cereais e que seria melhor esperar pela época primaveril. Nesta altura, pedi que ambos se voltassem a sentar e expliquei-lhes que só reconhecia autoridade para ser criticado a quem não abandonava o seu projeto. Edzo tinha desistido de tentar e preferiu procurar outros interesses, por sua vez Edo tentou perceber a tarefa que lhe foi dada e com isso aprendeu a dominar o solo e a gerir todo o seu potencial. Apesar da inutilidade da tarefa, um foi capaz de aprender com ela, enquanto outro preferiu esperar para que os acontecimentos se vencessem a eles mesmos.

Só permito a crítica a quem não paralisa, a quem apesar de falhar continuou a tentar. Quem nunca tentou, quem nunca empreendeu não tem o direito nem o privilégio de aconselhar quem se arrisca a falhar. Neste momento convidei Edo para uma nova viagem e despedi-me de Edzo para todo o sempre. A nossa história acabava ali.

Letargia emocional

Entre os muitos aprendizes que treinei e convidei a percorrer o caminho da redenção foram muitos os que não passaram sequer o ponto de partida, que o Livro dos Elementos determina como o ponto terra.



Quando tentamos reger o nosso ponto terra, rumo ao caminho da redenção, procuramos responder à pergunta "Qual a raiz do meu desequilíbrio?". Numa fase em que somos desafiados a descobrir cada uma das parcelas que nos conclui e qual delas

nos está a contaminar, desequilibrando a soma das partes, por vezes, descobrimos que o fator de instabilidade chega ser inultrapassável.

Alguns dos aprendizes descobrem que a raiz do seu desequilíbrio é a Letargia Emocional. Cedem perante os acontecimentos, são possuídos por uma espécie de sonolência astral que se esconde nos detalhes. Entram num estado soporífero de indiferença da qual não se apercebem. Esta espécie de preguiça emocional é a justificação para todas as grandes oportunidades de realização pessoal e humana que perderam ao longo da sua existência.

Alguns destes aprendizes, com grande potencial e talento, sempre foram acompanhados por uma sorte cega, que lhes tirou a capacidade de antecipar os seus próprios desníveis até ao dia em que são confrontados consigo mesmos. Perante esta empreitada, paralisam, não avançam, preferem contornar uma muralha que escolheram não ver. São alguns destes que nunca chegam a conhecer quem poderiam ser, só pelo fato de não serem capazes de renunciar à sua letargia emocional.

O amor como fim último

No Livro dos elementos, que contem as leis absolutas da Ordem dos Cavaleiros do Poder, podemos ler que o quinto elemento é o elemento da sabedoria. Cada um de nós deve dominar e perceber a sua existência perante os quatro elementos e só depois poderá viver na plenitude o quinto elemento, a sabedoria de entender o mundo que nos rodeia como elemento vivo do mesmo. O livro também nos ensina que tudo faz parte de um ciclo e que no nosso processo vital viveremos vários ciclos em que somos obrigados a refazer o caminho de aprendizagem de domínio dos quatro elementos e assim reaprender e alargar a sabedoria que nos liga ao mundo de tudo o que é vivo.

Existe apenas uma energia que nos liga entre estes momentos e que tudo justifica, a energia do amor. O amor pelo mundo vivo, pela vida em que prosperamos e que permite que outros prosperem, pela alma gémea que passamos uma vida inteira a procurar e que alguns morrem sem encontrar. O amor por nós e pela nossa fragilidade que nos dá a força para despertamos para novos saberes, pela família que nos permitiu compreender e entender a existência como algo comum e nos orientou na desorientação do início dos nossos dias.

No final tudo acaba por se resumir ao ato de amar, algo que cada um de nós, Mestres Aprendizes, busca uma vida inteira, sendo que boa parte de nós acaba sozinho, sem nunca o ter percebido na sua imensidade. Acabamos por só amar o momento em somos o fermento de um sonho novo... Alguns de nós acreditam, sem que isto venha escrito em qualquer lugar ou narrado por qualquer lenda, que nos cortaram a ligação à alma gémea logo que vislumbramos o Cosmos pela primeira vez, só para que o nosso coração permitisse o espaço suficiente para os sonhos de todos os outros que precisam de almas gémeas.

A mentira

Quando prestamos provas perante o nosso Mestre para nos tornarmos parte da Ordem dos Cavaleiros do Poder ou para subirmos de grau aprendemos que alguns conceitos que anteriormente assumimos ao longo da nossa existência estão mal aferidos ou estão por nós mal interpretados.



A noção que temos de conceitos como mentira ou manipulação estão alicerçados em rótulos negativos e enviesados. Alguém mentiroso ou manipulador é considerado por nós, à primeira vista, indivíduo desregulado e pouco fiável.

No início da minha caminhada o meu Mestre ensinou-me que um conceito apenas o é, a forma que lhe damos é da nossa inteira responsabilidade. Para eu perceber um pouco melhor esta ideia ele deu-me o exemplo da mentira.

Ele descrevia a mentira como um veículo de sabedoria porque, mais não seja, na sua essência, revelava o poder da verdade. Por outro lado a mentira pode ser um exercício de autopunição, porque o sujeito que lhe dá corpo injustificadamente nunca poderá encontrar o seu caminho da redenção e assim, ser verdadeiramente feliz.

Para apreender todo o alcance desta ideia o meu Mestre remeteu-me para um dos códices poéticos do Livro dos Elementos redigido por um dos predestinados do início da nova era, a que este chamara de "No Seio da Mentira":

Mentindo,

Imaginaria o provavelmente

E o que provavelmente o provável me traria.

Tentaria reencarnar algo mais que a minha ténue probabilidade

E desfigurar-me nas probabilidades de uma qualquer galáxia

Sem que isso tivesse que transfigurar qualquer sentido.

Sinceramente, penso, para quê debitaria eu palavras

Seguindo a probabilidade de ser e o provável de me reconhecer,

Seguindo no condicional do quase verbo provável

Se o quase pecado da mentira é mais uma probabilidade.

Nesta provável prática desnuda

Acabarei no assim rotineiro que me traça os dias,

Na suposta vontade de deixar uma qualquer galáxia

E no facto do quase improvável de encontrar a alma,

Uma alma tão inverosímil quanto provável

Porque quase que quero admitir que a mentira é essa provável verdade

Presente e oculta no seio do meu alento

No reflexo da nossa identidade prostituta,

Na harmonia de uma pauta pensada num clarão incandescente,

Na liberdade corrompido pelo nosso próprio tempo.

No seio da mentira

Provavelmente me ostentei,

Consumi-me sem que o próprio ardor deflagra-se.

No seio da mentira ergui selvas,

Tremendos existencialismos desperdiçados,

Recalcados pelo engenho da minha mente.

Alguns provavelmente verdadeiros,

Outras, prováveis mentiras degeneradas e corrompidas

Na desproporção da minha probabilidade.

No seio da mentira

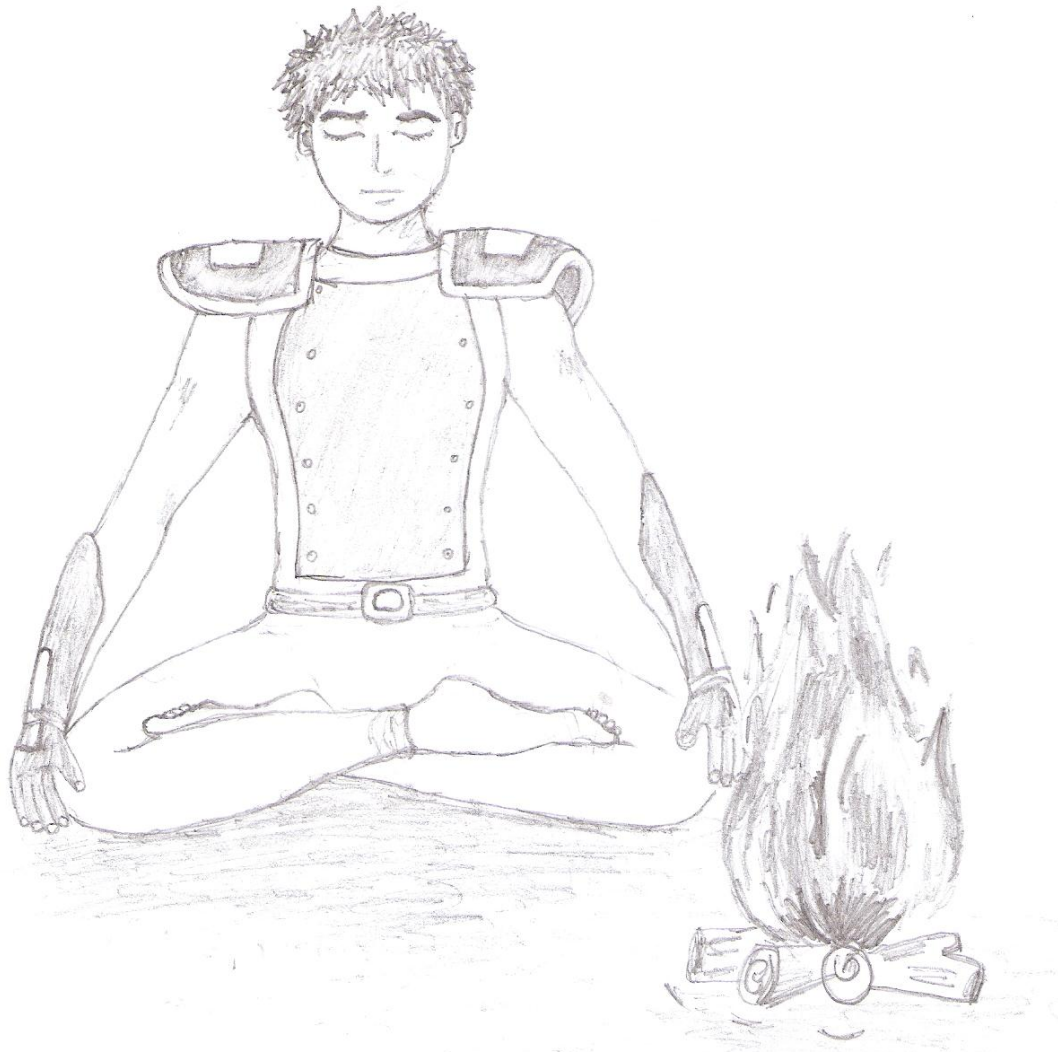
Deixo o alcance da sua probabilidade

E no limiar da minha sentença... a verdade.

A solidão e o silêncio

Uma das mais veneráveis Mestras que conheci foi Mestra Karin, descendente direta de um dos Mestre predestinados da origem da nova era, Mestre Kronos. Recorri a ela quando quis aprender a viver a minha solidão, quando quis perceber como era viver no meu vazio.

O ser humano teme chegar ao seu leito e perceber que não tem quem abraçar, teme chegar ao fim dos dias sem uma história em comum para contar, teme não ter o amigo



com quem partilhar um cálice à volta da fogueira depois da última batalha. Este medo também me apoquentava, sentia-me mesmo diminuído, e como todos os bons Mestres Aprendizes recorri a um Mestre de grau superior para subir mais esta montanha.

Mestra Karin recebeu-me muito bem e de forma humilde e disponível ouviu os meus clamores. Lembrei-lhes as velhas lições que aprendi e a própria me ajudou a meditar no que em tempos outros Mestres me haviam ensinado.

Aprendi que a solidão vivesse no silêncio e na destreza mental e emocional para perceber quando o nosso silêncio se torna no nosso "deserto" ou no nosso "isolamento". Todos os aprendizes aprendem a técnica do deserto, a capacidade de nos retirarmos no momento certo e termos os nossos momentos de pausa para reorganizarmos a mente, alimentarmos o espírito e limparmos a aura para prepararmos a próxima jornada. Por outro lado somos ensinados a não confundir a necessidade de deserto com isolamento. Naturalmente somos levados a refugiar-nos nos nossos próprios demónios, a alimentar o nosso Némesis e a desacreditarmo-nos com a desculpa de que precisamos de tempo para nós próprios.

Depois deste exercício de retrospectiva, Mestra Karin, antes de se despedir, lembrou-me um dos códices poéticos do Livro dos Elementos, este sobre o silêncio:

No silêncio escrevo com o meu sangue,
No meu silêncio arrasto vazios.
Não posso dizer que é realmente o meu silêncio
Mas sei que sou eu que escrevo
Sei que sou eu que dou formas a mundos distantes,
Sei que sou eu que carrego a minha armadura,
Uma armadura cobarde
Que só o silêncio desintegra.

Vi no distante a felicidade,
E no tão perto, o ideal.
Claro que dou por mim no mundo
Mas não vejo o Cosmos
Porque o Cosmos não me quer
Ou somente eu não o suporto.
Mas o meu silêncio ensina-me a amá-lo,
Ensina-me a escutá-lo
E a trazê-lo até mim
E por breves instantes,

Deixo as armas, a armadura,
Deito fora o meu próprio corpo,
E deixo a minha alma viver
Porque na minha catástrofe eu nunca morri,
Só desalentei na minha púrpura existência.
Mas graças aos profanos Deuses, o silêncio curou-me as feridas.

No silêncio moram demónios, anjos,
Moram tormentos, alegrias
No silêncio moram os nossos silêncios
Mora a nossa verdade, a febre da nossa quimera
E a esperança de conquistar.
Sem códigos,
Sem condutas,
E profundamente silenciosos...

O nosso Mestre

Quando um aprendiz procura o seu primeiro caminho da redenção, ele procura antes de tudo o seu Mestre, aquele a quem irá confiar os seus sonhos, a quem irá permitir que entre nos seus pesadelos e de quem espera a revelação do caminho até à sua chave mestra.

É difícil perceber como é possível encontrarmos o nosso Mestre, aliás isso é uma lição que nenhum Mestre nos consegue ensinar. O Mestre não nos encontra, nem nós encontramos o Mestre, os nossos destinos cruzam-se e, sem nos apercebermos, somos desafiados a desafiar-nos.

Muitos aprendizes caem no erro de acharem que finalmente encontraram o seu Mestre, uma situação mais banal do que imaginam. Eu próprio, durante a minha caminhada de aspirante a aprendiz, fui semeador deste devaneio.

Fui treinado por vários Mestres de acordo com cada estágio de evolução em que me encontrava. Uns marcaram-me intensamente, outros atropelaram-me sem que com isso eu aprendesse o que quer que seja. De uma forma ou de outra, todos me marcaram, mas foi uma Mestra que me ajudou a definir quem eu queria ser. Falo-vos da Mestra Edvania.

Conhecia quando procurava melhorar as minhas capacidades de orientação e exploração de novos territórios, mais concretamente, as minhas qualidades como batedor.

A maneira como nos conhecemos foi a pior possível. Enfrentei-a sem saber de quem se tratava no sopé de uma montanha perto Louana, da região de Conin, bem no centro do Império de Gaia. Via maltratar quem eu pensava ser um pobre mendigo, sem imaginar que se tratava de um dos seus aprendizes. Coloquei-me entre ambos pensando estar a praticar um ato de justiça insuspeito. Qual não foi a minha surpresa quando foi a suposta vítima a violentamente desviar-me. Em breves instantes percebi o meu erro e me fizeram perceber quem estava perante mim. Lamentei o incidente e humildemente apelei a Mestra Edvania que me aceitasse como seu aprendiz. Sem me responder, Mestra Edvania revelou algum desprezo e seguiu caminho.

Tentei durante dias ser aceite como seu aprendiz mas a única resposta que conseguia era o seu silêncio e aparente desprezo. Ao fim de algum tempo, mesmo sem falarmos, fui-me apercebendo das suas rotinas, integrando alguns dos seus momentos de treinos diários com outros aprendizes e aos poucos senti que ela foi cedendo e permitindo que fosse entrando. Mesmo assim, cada dia que passava odiava cada vez mais aquela mulher e os seus métodos desumanos.

Eram-nos pedidas tarefas impossíveis ou outras terrivelmente fáceis, não percebia qual era o fio condutor, sentia-me perdido. Aos poucos também eu comecei a desempenhar as mesmas tarefas, mas abestia-me de as comentar porque, fizesse o que fizesse, nunca via as minhas perguntas e inquietudes respondidas.

Passaram longas temporadas e como bom aprendiz fui paciente e tentei tirar o máximo partido de todas as experiências vividas. Mesmo que não melhorasse as minhas qualidades de batedor, tinha conhecido novas vivências, presenciado novos momentos e intensificado importantes aprendizagens anteriores como a persistência, o valor do silêncio e adaptabilidade ao nada. Sentia, no entanto, que era hora de partir, mas especulava qual seria a opinião de Mestra Edvania sobre o caminho que devia percorrer e o motivo pelo qual nunca havíamos conversado. Cordialmente dirigi-me a Mestra Edvania e despedi-me, agradecendo a hospitalidade. Mais uma vez tentei comunicar com ela e tentei, pela última vez, que me respondesse a uma questão:

- Venerável Mestra, permite-me uma questão agora que me retiro?

Mais uma vez não me respondeu. Virei costas e quando já não esperava mais nada, ouvi a sua voz pronunciar o meu nome pela primeira vez. Virei-me e permiti que aquele momento acontecesse:

- Porque só agora falamos, Venerável Mestra? – Questionei energicamente.

- Vieste procurar-me à espera que te apontasse um caminho, que te colocasse as perguntas que ainda não tinhas ouvido e os desafios que achavas que precisavas de ultrapassar. Todos nós temos um tempo e o teu tempo comigo já passou. Neste momento não importa perceber para onde eu acho que deverias caminhar, importa perceberes para onde queres ir e onde deves estar. Todos temos um momento para aprender e ouvir e um momento para decidir e arriscar, em qual deles estás...?

Depois desta intervenção Mestra Edvania virou costas e voltou aos seus aposentos sem que eu pudesse dizer o que quer que seja.

O nosso Clã

Todos desesperamos à espera de encontrar parte de nós no desconhecido que se cruza connosco, no grupo com quem ocasionalmente somos peregrinos, no vizinho que nos viu crescer, só para preenchermos o enorme vazio que é não pertencer a nada, só para apaziguarmos a alma e a ostentarmos como algo que faz parte do “algo”, que integra algo maior que nós próprios e que dá sentido ao que somos, ao que queremos ser ou ao que ocasionalmente achamos poder ser. Por isso é que na Ordem dos Cavaleiros do Poder todos somos treinados no seio de um grupo, no seio de um Clã que nos moldará a identidade para todo o sempre. Outros se seguirão a esse porque o caminho faz-se caminhando, mas ao primeiro Clã de todos, na Ordem, nós damos-lhe o nome de grupo nativo.

Perceber que somos um ser comunitário, comunicativo, com necessidades básicas como a de querer abraçar e precisar de ser abraçado são lições que ninguém nos ensina. São um caminho que os Mestres permitem que desvendemos no seio do nosso Clã, do nosso grupo. Só nos explicam que o nosso grupo de aprendizagem, o Clã, é o alimento do espírito, é a arena onde espiamos os nossos pecados, onde erguemos a nossa alma caída e onde atenuamos os impactos desmesurados dos nossos egos. O grupo nativo é o nosso primeiro refúgio simbólico, a primeira visão e realização que temos da guerra dos dias, aquela que vamos enfrentar até morrer. O grupo é o primeiro espaço onde realmente perceberemos o que é sonhar e o que é sofrer, o que é odiar e o que é acolher, o que é ser orientado e o que é desorientar.

A este respeito deixo aqui um excerto do Diário Simbólico de um velho amigo a quem chamo Mestre Guardador de Sonhos, de seu nome Mizegui Takasugui:

“Há um tempo para tudo e para todos. A vida é extremamente generosa mas o ser humano é perito em desperdiçar o tempo em crises existenciais inexistentes justificadas pela idade, pela falta de maturidade, pela falta de oportunidades, pela falta de tempo ou disponibilidade ou ainda pela falta de saberes. Tudo isto é verdade, mas não serve todas as causas nem todas as situações. O caminho da espiritualidade é uma destas.

Sou Mestre Aprendiz em confirmação. O meu trilho espiritual está mais ou menos por entre o caminho que intercepta o espírito e a consciência humana vulgar e a magia que torna os homens e mulheres seres místicos conscientes que o próximo desafio é sempre o mais decisivo.

Chamo a este estranho caminho de saberes icónicos, Simbologia. Explicando de forma simples, acredito que escolhemos a linguagem dos símbolos para explicarmos o que somos mantendo ao mesmo tempo a ideia de que não sabemos o que realmente

somos. Os símbolos são essa linguagem metafísica, constante e subjetiva, que ao mesmo tempo que nos perturba e nos abre caminhos.

Introduções à parte, a Simbologia na sua dimensão grupal acabou por se tornar numa metodologia de vida que partilho com todos os que me são próximos, aliás, entender a Simbologia só fazia sentido quando partilhada, sobretudo com o nosso grupo, com o nosso Clã.

Nesta caminhada uns ficam na primeira estalagem, outros ficam a meio das suas próprias palavras, outros nunca perceberam o que ajudaram a construir. Porventura é pela idade, pela falta de maturidade, pela falta de oportunidades, pela falta de tempo ou disponibilidade ou ainda pela falta de saberes. Sinceramente, nem procuro saber, o fundamental é que todos percebam que há um tempo para tudo e para todos e se o caminho que escolheram é o da Simbologia no estado grupal, o vosso Clã, o vosso estado grupal é a essência que vos alimenta. Se não existe ou não se revêem nela significa que o vosso tempo nesse Cosmos já foi... procurem outro e preservem os laços..."

A arena da História

Quando somos treinados na arte do combate todos temos as nossas armas preferidas, eu pessoalmente prefiro as espadas Shinto, sabre longo arqueado anterior à história que se conhece. Mas há algo que não podemos escolher, a arena onde vamos combater. É-nos dada a hipótese de escolhermos os momentos e as latitudes onde podemos aperfeiçoar a arte do combate, mas a arena onde nos vamos enfrentar



realmente e por em prática tudo o que aprendemos não nos cabe a nós decidir. Esta arena é o nosso dia-a-dia, o nosso trabalho na comunidade, o caminho que travamos no nosso processo de crescimento e maturação espiritual, o construir do nosso legado diário, a história que já foi escrita, está a ser escrita e será escrita. Nenhum de nós tem o poder de a definir, apenas de treinar e aperfeiçoar a arte do combate à espera que essa batalha inesperada inapelavelmente nos encontre na imperfeição dos nossos dias na busca incessante pela felicidade.

O Livro dos Elementos, redigido pelos predestinados, fala-nos do tempo que não conhecemos desta forma através de um códice poético denominado “Grande Povo”.

O Grande Povo...

Na plenitude do existir

A diferença era apenas o conceito

E os homens não eram homens,

Eram a harmonia perfeita,

Eram o exemplo, o único exemplo.

Nas estradas cósmicas

Os viajantes celestes divagavam,

Divagavam por entre os mundos,

Espalhando a novidade,

A verdade, as outras verdades.

E o Universo era assim

Dominado por um real inexistente

Que não tinha denominação nem lugar.

O ser humano era ele próprio

E isso era o importante,

Porque existir era o importante,

Porque a verdade era a existência.

O destruir e o construir eram-se

E a mortalidade perdia-se por entre palavras.

A eternidade estava-lhes na alma

E nós ainda estávamos longe.

Como seria o outro lado?

Será que existia outro lado?

Ou a realidade era só uma?

O ser questionava-se a si mesmo

E procurava a diferença incógnita.

Sem saber o bem e o mal confrontavam-se,

Os dois opostos assinalaram-se...

Pela primeira vez

O homem deu-se a um novo sentido,

Pela primeira vez

Ele dividia-se pelos extremos,

Ele encontrou-se como nunca se quis encontrar.

Perdeu-se em si mesmo,

Já não sabia porque existia,

A sua existência já não o era.

A Força Suprema revolta-se contra a sua própria criação,

A ira do Omnipotente era inevitável,

A Humanidade iria dar-se novamente ao início,

Iria partir do nada que antes fora,

A evolução iria começar de novo.

Novos mundos, novas vidas,

A grande caminhada rumo ao grande futuro

Era o rumo que haveria de ser percorrido pelos predestinados.

Nos confins do infinito

O mundo milenar era tudo o que restava,

Seria a herança que o homem um dia voltaria para reclamar.

Em todo o Universo,

Milhões de presentes e futuros após,

Os sinais finalmente.

Passou a nossa era e as eras que se lhe seguiram,

Os mundos não se conheciam

Mas já viviam,

Já sonhavam,

Já se construíam,

O Criador do topo assistia à revolução.

De todos os cantos do Universo

Chegava o sonho.

O sonho de o conquistar

De o conhecer, de o explorar,

De dar início a algo,

Há nova realidade, à nova veracidade...

Os sinais multiplicavam-se,

Era intensa a busca de respostas,
Enfrentar o Cosmos seria o próximo passo.
Voar pelas estrelas,
Caminhar na Imensidão galáctica,
Seguir os cometas.
Toda esta imensa ilusão havia de fazer sentido.
O sonho ultrapassava as barreiras do real,
Os mundos descobriam mundos
A realidade dava lugar à realidade,
Os povos formavam alianças
A Humanidade crescia,
A Humanidade existia...

Mas ainda estava para vir a Geração,
A Geração predestinada,
A que iria mudar para sempre a face da existência,
Que definitivamente iria revolucionar o verdadeiro início.

Pelo Universo,
Os predestinados iniciavam a grande missão,
Mas por entre todos um ganhava força,
Um era único entre únicos,
Ele era o predestinado dos predestinados,
Ele era o escolhido,

Ele era cada um de nós.

No planeta Milenar

As sombras anunciavam um regresso,

Uma densa neblina parecia fazer esconder algo muito próximo.

Enquanto o devaneio ganhava forma

A pacata vida vulgar prosseguia pelos mundos.

Eles já se viviam

Assumiam uma realidade comum,

E enfrentavam o outro lado do mesmo lado.

Mesmo com um futuro que anunciava glória,

Os extremos eram desta vez inimigos conhecidos,

O outrora inconsciente

Dera lugar ao após consciente

Onde não era só a existência que contava

Mas a vontade de existir,

E realizar o «algo» dessa mesma existência.

O querer

O ser algo mais no sempre de todos,

O fazer das trevas luz

O apostar no ser como ser

A confiança numa Humanidade universal

Levou o sonho em frente.

Os predestinados cumpriram o seu papel,

Até que a grande recompensa,

A Suprema Herança

Foi finalmente merecida.

Muitas consciências e sonhos após

O Planeta Eterno reviveu

O mundo sagrado voltou para dar morada aos escolhidos

Era a reta final,

Era a última pedra da Grande Fortaleza Humana,

Era o renascer da Humanidade,

De uma Humanidade nova e superior,

Onde o valor Vida era o importante

E o viver a razão de tudo.

Muito ainda os esperava,

Muito ainda nos espera,

Mas este, era realmente, o início da Vida,

Este é o recomeço da luta,

Este será o reviver do Grande Povo,

Será o reconquistar de cada dia como se fosse o último

Com um único propósito

A felicidade eterna...

A crença

Mizegui Takasugui, Mestre Guardador de Sonhos, foi espécie de mensageiro durante muitos anos. Apesar de termos quase a mesma idade, Mestre Mizegui já era Mestre Aprendiz em Iniciação muito antes de eu mesmo ser Companheiro da Ordem dos



Cavaleiros do Poder. Era fora do normal, descendente direto de um dos predestinados do novo início. E ao contrário de muitos outros descendentes diretos que viviam na sombra da sua herança, ele era especial, e de facto um predestinado. Não era o mais sábio dos Mestres na arte do combate, muito menos o mais audaz dos Mestres na arte do domínio dos saberes ocultos. Ele era, apesar da tenra idade, o melhor na arte de

interpretar os sonhos, na capacidade de ouvir o coração escondido pela alma corrompida pelo tempo.

Em tempos, em conversa nas Montanhas de Endai, já com o por do Sol como horizonte perguntava-me:

- Já alguma vez ouviste o teu coração encoberto pela alma agastada pelo tempo?
- Sim. Quando fiz o meu primeiro caminho da redenção, enquanto tentava perceber qual a parcela do meu ser que me contaminava. – Respondi intrigado.
- E a que resposta chegaste? – Voltou a questionar.
- Que a vida pode mudar num sopro. Que sem percebermos somos dominados pela falta de alento e num ápice de ligeireza e devaneio nos voltamos a perder. – Voltei a responder.
- E como é que fizeste frente a essa resposta, meu bom amigo? – Voltou a perguntar mas desta vez olhos nos olhos.
- Acho que ainda hoje tenho dificuldades em perceber esta resposta. Quando me perco, gosto de acreditar que o tempo do amanhã acabará na sua sabedoria por acalmar os intentos da minha perdição. – Respondi alinhado com a sua visão.
- Que nome dás a esse amanhã? – Voltou a interrogar
- Boa pergunta. Nunca pensei realmente nisso ... - retorqui.

Correspondendo ao meu desabafo, colocou-me a mão no ombro direito, voltou os olhos para o Sol a acabar de se pôr e compartilhou estas palavras que me perseguem até hoje:

- Sabes, meu bom amigo, esse amanhã é a crença. É a esperança que depositamos nos objetivos que nos definem, é um porquê que questionado se limita a ele próprio, é a causa que existe para existirmos. E quando já não há ontem nem hoje, há a crença, e essa só existe no amanhã.

Depois disto, Mizegui puxou uma cópia do Livro dos Elementos que traz constantemente consigo e partilhou um dos seus códices poéticos redigido pelo seu antepassado:

A incosequência da minha mente

O azar de ser humano

O odor das palavras que não disse

Continuam a ser remoinhos fechados,
Remoinhos fechados na não exatidão da minha crença.
Absolvo-me no entretanto do crer de todos,
Nos trópicos de latitudes enganadoras
E nos fados de neblinas sumptuosas e recíprocas.

Assumo a fé própria de estar algures no celeste,
Assumo a crença que me é suscetível de não estar algures na neblina,
Assumo nas entrelinhas da noite a fé que não vagueia nos algures
E que sem querer entender onde desperta o seu poder
Tento ressuscitar no acaso de ser humano.

Pelo caminho,
Quero ser, persistir,
Subsistir nos celestes e neblinas do meu fantasma
Sem o talvez de sombras e noites xenófobas
Sem a inconsequência da minha quase mente.

A fé que exerço não é a minha crença
Nem o meu sarcófago lendário de que furto alento,
É a saudação de um acaso humano
Arrebatado no presságio de não ser vão e vazio...

Observo-me neste oco e deserto espelho,
Na orbe que o retém
E que um dia evocarei de refúgio
Na sagrada noite de sombras de aposento.
Neste momento percebo,

A fé que exerço é a aura da Fénix da minha alma e mente,
A fé que exerço é a natureza de um ser bizarro,
É a peregrinação que faço em busca da minha nobreza,
Em busca do equilíbrio
Da incosequência da mente...

O amigo falhado

Quando nos emaranhamos nos caminhos da busca da nossa redenção passamo-nos a focar no essencial em detrimento do acessório e a procurarmos formas de nos melhorarmos como instrumentos do bem no mundo dos homens imperfeitos. Durante o treino, apesar de anularmos parte da nossa existência inútil somos sempre lembrados sobre a importância da gratidão, do valor da disponibilidade e da força da amizade. Aliás são os nossos próprios Mestres que nos obrigam a partir em retiro com os nossos amigos e a aprender com a sua fé casual, com a sua disponibilidade natural, com as suas insignificâncias, com os seus sacrifícios e com as suas traições.

Nesta linha lembro-me de alguns aprendizes que treinei e de quem me tornei cúmplice e amigo. Lembro-me em especial de dois, Benem e Alcatium, que fizeram parte do



meu primeiro grupo de aprendizes enquanto Mestre Aprendiz em iniciação.

Benem e Alcatium eram brilhantes, fora do comum, líderes naturais na forma de ser e na forma como queriam estar. Alcatium era mais introvertido e prático, Benem era mais extrovertido, enérgico e centro natural das atenções nas conversas à volta da fogueira pelos seus incríveis dotes retóricos e boa disposição que alimentavam todo o grupo. Cedo percebi que para além do seu potencial inato estava também um carácter diletante, vaidoso e manipulador. Não é que eu também não fosse ou tivesse sido portador desses devaneios, mas tinha dificuldade em perceber a sua dimensão folgada e relativizadora da realidade. Mas como ainda eram jovens, pensei que com o treino e

o seu tempo, sem se renegarem a eles próprios, seriam capazes de se afirmarem como instrumentos de um bem maior, procurando também eles o caminho da redenção.

Com o tempo, apesar de todas as recaídas, incluindo as minhas, trilhamos caminhos singulares de oportunidade inquestionável. Lembro-me das nossas longas jornadas ao Templo das Lágrimas de Sangue, na região de Islam, a quatro dias de viagem de Ethérnia, o pequeno vilarejo ancestral onde vivíamos.

Havia sido em Islam que eu havia sido treinado num dos meus caminhos da redenção, quando fui induzido como Companheiro da Ordem dos Cavaleiros do Poder. Tinha sido no Tempo das Lágrimas de Sangue que havia feito a minha promessa de iniciação perante o Livro dos Elementos. Por este motivo levava e levo todos os grupos que tenho o privilégio de treinar e acompanhar ao meu primeiro refúgio simbólico. São jornadas em que procuramos a meditação e a contemplação como forma de conquista interior. As conversas e as histórias à volta da fogueira pela noite dentro resolviam o resto.

Nestas jornadas para além do muito que pude ensinar, foram enormes as aprendizagens que pude perceber. Com eles percebi a importância do devaneio fácil como forma de reconciliação com a simplicidade e a naturalidade de cantar o tempo como forma de encantar o próprio tempo.

Mas o tempo passou e apesar da sua cada vez maior perícia no domínio das artes ocultas e de combate, o seu carácter diletante, vaidoso e manipulador e forma relativizadora como viam a realidade não só persistira como havia ganho contornos de detalhe escondido. O diletantismo alastrava a todas as formas como existiam, a perícia e habilidades que desenvolveram aguçavam a sua vaidade ao ponto de menosprezarem os restantes elementos do grupo, a forma como manipulavam os acontecimentos levou-os a sublimar e relativizar os seus próprios erros existenciais, colocando na divina coincidência e no contexto adverso a explicação para as suas falhas e falta de sentido.

Durante muito tempo não quis nem fui capaz de perceber que a linha que nos separava aumentava na proporção em que a nossa cumplicidade crescia. Quando o que nos une a quem amamos nos alimenta teimamos em não perceber o acessório dispensável que pode bloquear o próximo caminho. Existiram alturas em que éramos apenas amigos, em que me esquecia das minhas funções e missão de Mestre. Fui ensinado a deixar esses momentos fluírem naturalmente e aprender com eles sem pensar na direção para que me levavam. Mesmo sendo Mestres nunca devemos esquecer que antes de tudo somos humanos, humildes na existência carnal e desajustados na permanente procura do nosso caminho da redenção.

Como todas as pessoas que foram desiludidas por Benem e Alcatium, também eu acabei por ser uma vítima das suas lateralidades, a diferença é que era uma vítima voluntária, alguém que imbuído de esperança alimentou a necessidade de existir com eles. Não importa o motivo que fez com que os nossos caminhos se separassem, aliás acho mesmo que o erro foi ter visto um caminho que eles próprios nunca haviam escolhido para si mesmos e que apenas existia na minha visão de pedagogo.

Mesmo assim eles acabaram por ser meus Mestres involuntários. Ensinarão-me que não há humilhação no ato de ir atrás daqueles que afetivamente povoam a nossa alma e ao mesmo tempo a renegam. Nesse caminho de despiste aprendemos a equilibrar a mente, as proporções do que somos capazes de dar e a gerir as frustrações do nosso íntimo que nos obrigam a amar, a estar disponível para o próximo e a perceber que voltaremos a cair no mesmo erro.

Os amigos falhados farão sempre parte do nosso passado, presente e futuro, alguns deles serão novos caminhos de redenção que nos torturarão e farão pensar no que realmente vale a pena. O que importa é que não paralisemos, que não permitamos que a alma esqueça que o mesmo caminho que nos desiludiu foi o mesmo que já nos fez feliz, que nos permitiu aprender, desaprendendo e nos permitiu continuar, sabendo parar.

O Tridente Cósmico

Numa das minhas muitas viagens parti em busca do ensinamento do “Tridente Cósmico”. Comigo, como em muitas outras jornadas, partiram Mestre Canis Lupus e Mestre Chitra. Como noutras ocasiões partimos para Islam, para o Templo das Lágrimas de Sangue, onde esperávamos que o Mestre Simbólico Ant Elael nos recebesse e permitisse que nos testássemos na “Prova dos 3 trevos”, a prova simbólica que confirma que fomos capazes de dominar o “Tridente Cósmico”.



Dominar o Tridente Cósmico significa que fomos capazes de aprender e pôr em prática as três grandes aptidões do Cavaleiro do Poder: a arte da retórica na capacidade de partilharmos e ensinarmos aos outros os caminhos da redenção; a arte da mediação na capacidade que temos em adaptarmo-nos aos outros e estabelecer pontes entre os mesmos reconciliando-os com a sua alma e o seu caminho; e a capacidade de acreditar e de perceber que somos instrumentos de intermediação de um bem maior.

Resumidamente um Cavaleiro é antes de tudo um especialista na arte de comunicar, um pedagogo na arte de mediar e um crente porque sabe onde deve estar e porque deve estar.

A “Prova dos 3 trevos” tem lugar no fosso das lágrimas, que liga o Fontanário da praca central do Templo das Lágrimas de Sangue ao rio Mormon, que passa mesmo ao lado do Templo. É suposto arrancarmos 3 ramos do grande Embondeiro de Trevos (árvore rara só existente em Islam) do Templo e largá-los no Fontanário. Reza a lenda que se os 3 ramos, levados pela torrente de água, fizerem por completo o caminho que liga o fontanário através do fosso até ao rio Mormon, é sinal que já somos Cavaleiros do Poder capazes de dominar o ensinamento do Tridente Cósmico.

Cada ramo é lançado com uma diferença de 365 segundos entre eles, cada um por cada dia de uma época anual. Se o primeiro chegar significa que dominamos a arte da retórica, o segundo que dominamos a arte da mediação e o terceiro que a nossa crença é real. Se algumas destes não chegar significa que ainda temos um caminho a percorrer na arte ou na capacidade em causa. Por muito estranho que possa parecer, sempre que o primeiro ou o segundo ramo não chegaram até às frenéticas águas do Mormon, o terceiro também nunca chegou, acaba sempre por ficar preso na ramagem anterior. Significa que o nosso caminho para dominar o ensinamento do Tridente Cósmico ainda não terminou e que então devemos voltar ao nosso Mestre de origem para nos elevarmos num novo caminho da redenção e procurar dominar o ensinamento.

Logo que chegados a Islam, de imediato nos dirigimos ao Templo e procuramos o Mestre Simbólico Ant Elael. Humildemente pedimos que nos permitisse testar o nosso caminho na “Prova dos 3 trevos”. Fui o primeiro, lancei o meu primeiro ramo, e em cada 365 segundos lancei os restantes dois. Seguiu-se Canis Lupus e por fim Chitra. Os três ramos que lancei chegaram ao Mormon, embora o último ramo tenha hesitado, sinal que a minha crença colocava a ela própria desafios que ainda estavam por contar. Canis Lupus também viu os seus três ramos do embondeiro de trevos a chegar às águas do Mormon. Por fim Chitra viu também o seu primeiro ramo chegar, esperou pacientemente pelo segundo e terceiro, mas estes pareciam não poder fazer o caminho. Reza a lei da “Prova dos 3 trevos” que deverão ser esperadas 3 luas até que,

findo o prazo, o Mestre que se submeter à prova e não passar deve procurar novo caminho da redenção junto do seu Mestre de origem.

Como bons amigos que éramos decidimos esperar junto de Chitra. Todos os dias voltamos às margens do Mormon para esperar pelos dois ramos em falta. As três luas passaram e os ramos não surgiram. Chitra não conseguia perceber o que havia falhado no seu caminho. Os três havíamos sido treinados pelos mesmos Mestres de origem e em algumas artes Chitra era muito mais capaz que eu ou Canis Lupus. Nem nós conseguíamos perceber o porquê daquele resultado.

Chitra dirigiu-se a Mestre Ante Elael que ordenou o que todos já sabíamos que era suposto acontecer. Chitra deveria renovar o seu caminho da redenção para novamente se submeter à “Prova dos 3 trevos” e assim perceber se havia dominado o saber do Tridente Cósmico. Chitra perguntou:

- Venerável Mestre, sei que não devo, mas pedia que me interpretasse o resultado da prova e o que as linhas do tempo futuro me interpelam a fazer.

- Amigo Chitra, a forma como não foste capaz de completar a “Prova dos 3 trevos” responde à tua pergunta. – Respondeu Ant Elael.

- Mas venerável Mestre, eu acredito que este é o meu caminho, não duvido do que sou, onde quero estar e a quem me devo dedicar. Fui capaz de elevar dezenas de Aprendizes a Companheiros da Ordem. Se em alguma altura falhei, nunca deixei de acreditar, apenas me tornei mais forte na busca. Não consigo perceber porque não fui capaz de completar a prova. Não é possível que tenha havido algum erro? – Insistiu Chitra.

- **Meu amigo, a força com que acreditas, a força com que ajudaste os outros a atravessar a ponte foram oportunidades que não renegaste. Esquece se falhaste o caminho e acredita nesta nova oportunidade de fazer novo caminho, de te redescobrires na tua origem. A tua vida é como o rio Mórmon, uma torrente incandescente que leva até à tua crença, o mar imenso. Acreditamos que só deixa de existir se o rio secar. Mas mesmo se este secar continuará vivo o seu leito e a possibilidade de fazer novo caminho, mesmo que de forma mais lenta. Não vejas o que não foi, vê o que pode ser, e o que pode ser é sempre uma oportunidade.**

O pecado e o ódio

Mestre Mizegui Takasugui dizia-me: **“O pecado e o ódio vão sempre existir, o que não significa que sejas seu prisioneiro”**.

Há primeira vista este ensinamento é uma redundância, todos sabemos que somos seres imperfeitos, fartos de nós próprios e com tendência para o caminho mais fácil, ou então para o caminho mais negro. Só com muita disciplina, treino e consciência das nossas fraquezas e forças percebemos onde realmente reside o nosso equilíbrio.

Mas a frase do meu bom amigo Mizegui Takasugui está para além desta visão simplificada. Quando me perguntava o que aprendera com aquele ensinamento repetia-lhe a constantemente a mesma ideia que vos descrevi em cima.

Numa noite, numa das nossas muitas conversas há volta da fogueira voltamos ao mesmo tema. Eu voltei a dar a mesma visão que já havia dado em várias reflexões anteriores. Durante esta conversa, Mestre Mizegui resgata o seu velho diário simbólico e retira algumas velhas páginas soltas:

- Vou partilhar com vocês o que escreveu Monge Negrinus, meu velho rival e arqui-inimigo depois de uma das nossas batalhas – elucidou-nos Mestre Mizegui.

Com o diário em punho leu para nós o que o seu velho inimigo escrevera a respeito do nosso tema de conversa:

“Odiar não é um exercício difícil, muitas vezes é inclusive um sentimento mobilizador e gerador de uma energia interior que nos alimenta e dá sentido à nossa ação.

Dizer que não odiamos ninguém é uma qualificação óbvia de quem nunca experimentou ser humano e o simples ato de errar pela naturalidade de errar.

Se formos ao dicionário ancestral ódio significa "extrema aversão," "hostilidade," "animosidade" ou "desejo que o mal se abata sobre o objeto odiado," bem como "emoção que exige ação." O ódio é antes de tudo uma emoção humana, se existe, assenta num sentido que determina o nosso comportamento e que o fundamenta. Eu há muito que ergui os meus ódios de estimação e mesmo sem grande esforço, eles auto alimentaram-se ao longo do tempo e em alguns casos ganharam contornos de loucura.

De qualquer forma importa de forma clara distinguir o ódio sentido do ódio ativo. E de forma ainda mais clara, afirmar que no campo pessoal fiquei-me sempre pelo primeiro. Deixarmo-nos dominar pelo ódio no sentido comportamental tornando-o ação curva-nos perante a nossa própria falta de sentido, tolhe-nos o discernimento e insulta o nosso projecto de vida.

Encaro o ódio sentido como o pecado, como uma ferramenta do ego que me permite manter alerta sobre forças de que desconfio. Não argumento que se trata de um bom ponto de equilíbrio, mas até agora ainda não me deixou cair e preveniu males maiores.”

Depois de partilhar este texto connosco, Mizegui acrescentou:

- Odiar e pecar faz de nós humanos, faz de nós o que somos e não queremos ser. Renegá-los é algo que não conseguiremos fazer, podemos tentar, mas sairemos sempre derrotados. Importa é que quando eles acontecerem nós sejamos capazes de aprender com eles. Foi assim que fez Monge Negrimus, em vez de renegar a sua natureza tentou tirar o máximo partido dela, traçando sempre a linha limite entre ele e a sua não existência, porque tinha consciência que havia linhas que não devia ultrapassar.

Entretanto tentei perguntar como havia Mestre Mizegui retirado aquelas páginas do diário simbólico de Monge Negrimus, mas este fingiu que não ouviu, saudou-nos gentilmente e retirou-se para a sua tenda.

O Triunfo dos pequenos gestos

Quando treinamos para receber a honra de ser parte da Ordem dos Cavaleiros do Poder preparamo-nos para triunfar o maior número de vezes possível e para que em todas as vezes que saímos derrotados o tenhamos sido porque o nosso adversário apenas foi melhor que nós, embora da nossa parte o compromisso e entrega tenham sido totais.

Se nos preparamos para esta demanda também somos exultados a vencer nos pequenos gestos do dia-a-dia: no abraço que damos à nossa mãe, no momento que tiramos para conversar à volta da fogueira em família sobre os ensinamentos do pai, no beijo de bom dia que damos à mulher que amamos, na refeição que preparamos, na forma como vemos o por do sol, no sorriso que deixamos escapar ao desconhecido atormentado.

O Livro dos Elementos chama a este triunfo “Vencer no Intermédio” e dedica-lhe um dos seus códices poéticos:

Tendo como ponto de encontro a linha da vida

E procurando uma pequena fenda no horizonte negro

Tento perceber o afinal...

O afinal de todos os pontos de exclamação que clamei,

De todas as letras que redigi,

De todas as pautas que errei...

Estou a estudar para o meu próximo audaz plano,

Para a próxima leitura interminável,

Para a não menos exasperante,

Próxima Lua errante.

Recito momentos de plenitude,

Anseio por auroras de perfeição

Por momentos ou eternos ápices,
Em que o Nós é Uno
E o Uno um Nós sem receios nem meditações do momento.
Concebo no ser humano o sinal do épico
A sina de que será como nunca foi
A quase certeza de um Uno e Nós imbatível
Capaz da diferença indiferente
Precisa e eficaz
Incisiva e decisiva.

Mas é quando, sonhando no alto,
Me apercebo do sopé da montanha
Da base que traça o mundo dos homens
Que faz deles protótipos eternos
Estudiosos do acaso
E imperfeitos guerreiros de epopeias diletantes.
Esqueci-me que nem sempre é possível atravessar a ponte.
Lembrei-me que na esquizofrenia humana
O sentido humano balança entre as duas bases da ponte
E deslumbrasse com o seu embaraço
Convertendo-se na sua ausência irrequieta e fugaz
Fugindo de si, parando no tempo.

É nesta desdita confusão
Que caminho até ao centro da ponte
Passo a passo, tábua por tábua
Vasculhando cada nó de uma construção de cordas gasto
Sem receio, mas talvez desiludido,

Talvez até um pouco diluído num tónico de inércia.

Percebo e percebemos

Que entre os pontos de exclamação clamados

Poucos e nenhuns são perfeitos

E que na travessia desta ponte de corda

O importante é que todos vençam

Uns pelo início

Outros pelo legado que deslumbrantemente atingiram,

Outros porque venceram no intermédio...

Se no centro está a virtude

No equilíbrio está a mais vital das diplomacias

Porque vencer

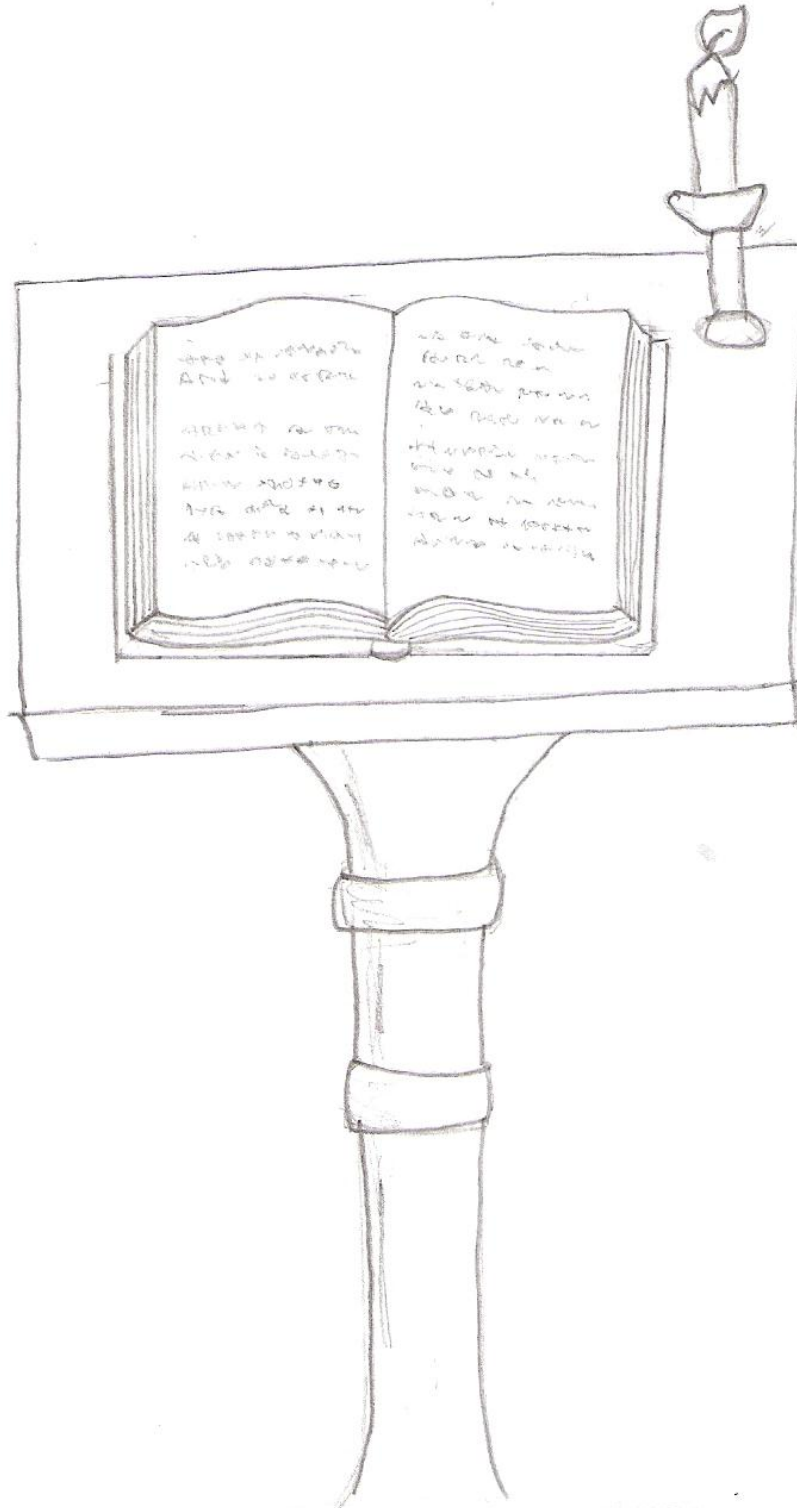
Está na fórmula que a felicidade de cada um permite

No alfa, no apogeu

E no intermédio... de todas as coisas...

O nosso treino e as quatro pontes do compromisso

O caminho para nos tornarmos Companheiros na Ordem dos Cavaleiros do Poder, para firmarmos um compromisso com o nosso legado e com os nossos companheiros de Clã é árduo. Tratasse do caminho da redenção de que já falamos algumas vezes. Esta estrada faz-se no treino, numa rota de quatro pontes que nos levam ao compromisso e ao conhecimento. O livro dos Elementos descreve da seguinte forma o que chama de



“As quatro pontes do compromisso”:

Quando caminhamos para o compromisso há quatro pontes que temos de atravessar primeiro: a da persistência; a da convicção; a do sacrifício; e a do conhecimento.

A da persistência assenta a na capacidade que temos para ir atrás dos nossos sonhos, sem teimosias, mas com a resiliência de percebermos que os verdadeiros sonhos são os que nos fazem subir montanhas e não os que estão do outro lado do caminho... embora do outro lado do caminho possam estar montanhas enormes.

A ponte da convicção vive nas nossas crenças e valores, na fé que temos em nós, nos outros e na esperança de um mundo que não tem tempo para a nossa falta de tempo.

A ponte do sacrifício traduz-se na nossa aptidão para escolhermos o essencial mesmo deixando de parte "parte" de nós, e do que por vezes chegamos mesmo amar.

A ponte do conhecimento é o caminho da técnica, da pedagogia, do guerreiro que não renega a teoria que fez a prática de todos os dias.

Após atravessarmos estas quatro pontes, o Ritual do compromisso a que chamamos Ritual dos Símbolos é apenas a confirmação do guerreiro que sempre fomos.

Persistência no Todos

Durante o meu primeiro caminho da redenção fiz questão de perceber cada uma das quatro pontes do compromisso que me levaram ao meu Ritual.

Por essa altura ainda antes que os meus Mestres de entronizassem na Ordem dos Cavaleiros do Poder escrevi estas palavras no meu diário simbólico sobre um dos ensinamentos mais difíceis porque passei, o de perceber a arte da persistência. A este escrito dei o nome de “Floresta densa...e a persistência compensa...”:

“Nestas linhas de tempo mal interpretadas (porque assim o quero), acabo agora de chegar à maior e mais densa das florestas de que tenho memória. Não sou daqueles que sucessivamente pergunta pela sua não existência ou pelo que dela resta, aliás se os meus presentes dias são de não existência, que eles se propaguem às décadas que se seguem nesta curta existência terrena.

Mas como vos dizia, entrei por estes dias na mais densa das florestas que conheci. Este foi um período de intensas mudanças, não tanto da minha parte, mas daqueles que me rodeiam e colaboram comigo e com as causas que abraço (e abraçamos...!!!). Conseguir que, apesar de todas as esperadas mudanças, fôssemos capazes de manter o rumo que nos orienta e une, foi um exercício insano e mais desgastante que o tempo que não espera. A verdade é que os Deuses ajudaram e cá continuamos nós pelo mundo dos vivos a desbravar uma floresta imensa, cheia de recantos, de magia oculta e sombria e de desafios de esperança que nos continuarão a unir por mais algum tempo.... dando tempo aqueles por quem trabalhamos....

Ser persistente compensa ... na insanidade da recompensa de que não é só por nós ou pelos outros... mas que é por todos ao mesmo tempo....”

Fran, o lenhador pescador

É difícil falarmos de nós e do que nos tornamos sem falar dos amigos, os bons e os maus, independentemente da escala de valores de cada um. Eles são aqueles que dão sentido à nossa existência, cheios de qualidades que nos anulam e complementam e defeitos que nos tornam úteis na sua vida. Quando abreviamos a noção que temos sobre a sua importância na nossa vida, lembramo-nos que eles foram parcelas importantes do caminho. Hoje vou abreviar a importante história de um deles, Fran.

A história de Fran é fácil de contar, é a de um velho amigo lenhador e pescador das Montanhas de Geray, a dois dias de caminho de Ethérnia. Fran esteve comigo nas primeiras épocas anuais em que ambos tentávamos a aceitação da Ordem dos Cavaleiros do Poder e procurávamos um Mestre que nos pudesse ensinar. Durante este caminho as nossas rotas acabaram por se separar mas não a nossa amizade.

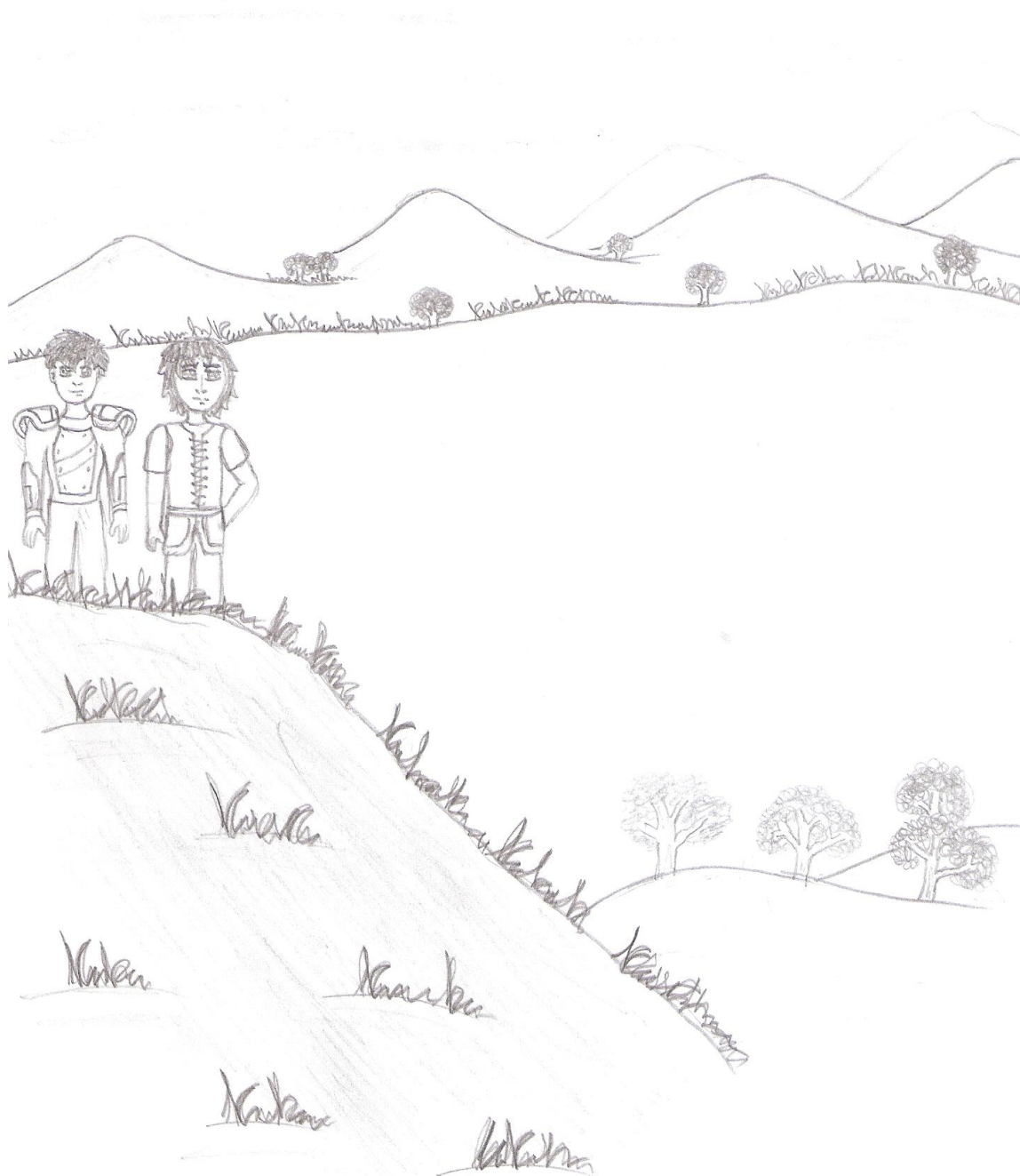
Sem nunca ter sido um Mestre proclamado, Fran à sua maneira, foi um grande Mestre. Dotado de pouca visão, praticamente cego, Fran levava uma vida praticamente normal e só notávamos as suas dificuldades quando tentava ler os escritos do Livro dos Elementos ou combater a cavalo. Em todo resto, Fran era muito melhor que nós, apesar de muito meticuloso e egoisticamente apaixonado pela sua forma de vida.

Como já vos tinha contado, Fran era lenhador e pescador. Para além de se manter a ele próprio e ao seu Clã mais próximo, Fran fazia-se rodear por dezenas de crianças diariamente a quem ensinava a arte da pesca e da relação do homem com a natureza. Sem retóricas muito entroncadas, Fran explicava-lhes o valor de cada planta, a generosidade de cada tarefa a que nos entregávamos, o porquê de abater uma árvore em detrimento de outra, que peixes devíamos pescar e os equilíbrios que nunca devíamos perturbar. Fran fazia-o todos os dias, sem pensar muito bem porque o fazia, simplesmente fazia, e todos os dias as crianças voltavam para o ver trabalhar e para ele lhes ensinar sem que alguma vez ele as tivesse convidado. Fazia parte da lei natural que ele próprio havia escolhido para si.

Fran estava em contacto com a natureza, ouvia os sons que mais ninguém ouvia, sentia os clamores que mais ninguém sentia e cheirava os aromas que só alguém com a sua hipersensibilidade poderia indagar. Por escolha própria eu decidi continuar o meu caminho na Ordem e ele escolheu seguir o seu, o de guardião das Montanhas de Geray, dos seus Clãs e das suas tradições.

Com ele aprendi cedo a importância de aceitarmos a nossa condição de humanos e os limites da magia que a mesma nos permite. Ele dizia muitas vezes: **“O facto de não conseguir ver o horizonte não significa que não possa viajar até ele”**.

A verdade é que nunca consegui dominar os saberes que Fran domina, desde a construção de complicadas estruturas e mecanismos de madeira aos rituais de sobrevivência nos inóspitos cumes das Montanhas de Geray.



Mas como bons amigos mantivemos os nossos rituais próprios e o cuidado de no fim de cada época anual nos reencontrarmos à volta da fogueira para partilharmos as feridas do caminho e as novas luas que desencantamos.

O Labirinto da Identidade

Há um teste que todos fazemos quando queremos ser Cavaleiros do Poder, chama-se o Labirinto da Identidade. E fazemo-lo quando somos ainda candidatos a aprendizes, mesmo antes de imaginar o que está para além da porta que queremos abrir.

Este desafio foi determinado pelos primeiros predestinados de modo a que aqueles que não eram dignos da bênção de entrar na Ordem dos Cavaleiros do Poder fossem colocados à margem, não como forma de fechar a Ordem, mas como forma de prevenir a entrada dos corruptos, dos chantagistas, dos cegos de coração e dos descrentes na alma humana. Mas como todos os testes era falível.

Nesta descoberta tive o privilégio de ser acompanhado pela Mestra Caelum, sábia mulher já de larga idade e que viria a marcar o meu percurso. Para coincidência das coincidências, Caelum era também amiga de longa data da minha amada mãe.

Para aqueles que acham que o Labirinto da Identidade era mais uma ruína sagrada ou templo de enorme porte, enganasse. O Labirinto da Identidade tinha e tem lugar em local escolhido pelo próprio aspirante a Aprendiz. É um teste, não um ponto de referência. Nesta prova somos levados a refletir sobre os nossos refúgios, aqueles que identificamos como sendo os nossos espaços e locais emocionais. Somos levados a reencontrar os nossos sonhos, aprendendo a distinguir estes dos nossos desejos. Somos levados a escolher os objetos com que nos identificamos e que nos acompanharam na nossa jornada e por fim somos impelidos a evidenciar quais são os nossos poderes, aqueles dons e qualidade únicos que nos distinguem.

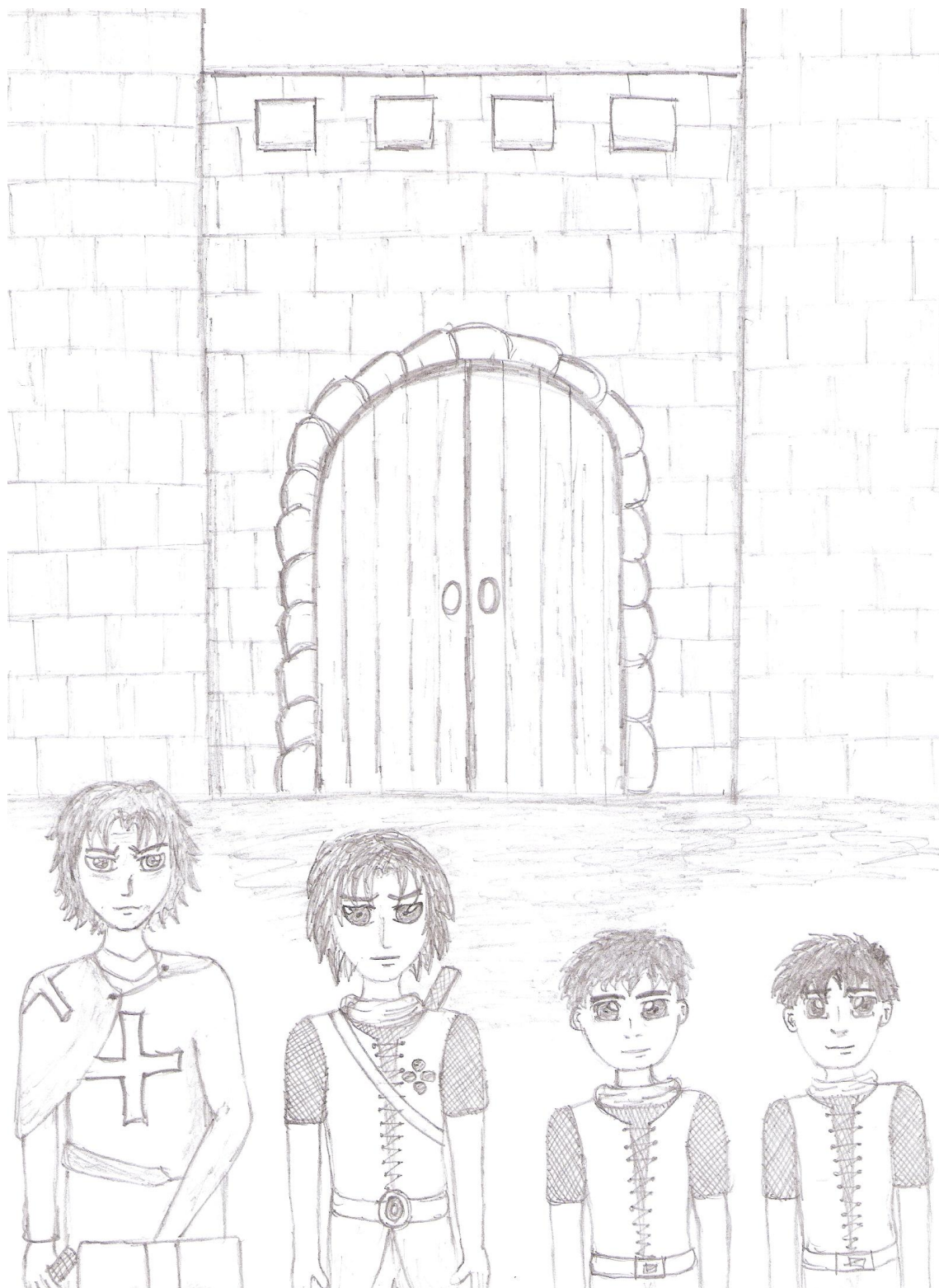
Mestra Caelum questionou-me para onde deveríamos partir. Disse que a viagem não tinha de ser muito longa, ficaríamos por Ethérnia. Apesar de ter alma de viajante sempre fui um apaixonado pelo horizonte que me viu nascer.

Mestra Caelum replicou:

- Ethérnia é grande. Onde te queres encontrar contigo próprio?
- Entendo Mestra. Sugiro a Fortaleza de Status. É o símbolo de Ethérnia e os seus jardins trazem-me o sentimento de paz, sobretudo à noite, no sossego do abandono. – Respondi.
- Que assim seja. Hoje quando a Astro Menor se revelar encontrar-nos-emos em Status. – Confirmou Caelum.

O Astro Menor enfeitiçou a noite e dirigi-me para a Fortaleza. Quando lá cheguei lá estava Mestra Caelum há minha espera. Consigo levava três crianças, também elas aspirantes a aprendizes da Ordem. Senti-me confuso, mas não questionei.

Mestra Caelum levou-nos para o pé do Lago dos Flamingos, mesmo no sopé da Fortaleza de Status. Nas muralhas da Fortaleza desferiu um violento golpe recorrendo à sua adaga. Do molho de pedras que caiu no chão, Caelum recolheu um calhau de forma pontiaguda e com ele, em local recolhido, longe de olhares estranhos, começou a desenhar na terra a forma de uma cruz.



Virada para mim sobre o olhar atento das três crianças explicou:

- Tu és o centro da cruz. À tua direita, em cima, vais escrever a sangue quais são os teus refúgios, os espaços com que te sentes comprometido. Em baixo os objetos a quem devotas um amor material incompreensível. À esquerda com o sangue que te restar, em cima escreverás que sonhos te guardam o sono, em baixo os poderes e dons que podes dedicar ao mundo.

- Mestra, quando me falais em sonhos, ao que vos referis? Sabeis bem qual é o meu sonho... – repliquei

- Pedi que me mostrasses os sonhos que te guardam o sono e não os teus desejos. – Clarificou Caelum.

- Mestra, se me permitis, só tenho mais uma dúvida. Se não souber responder, o que acontece? – Questionei preocupado

- Se não souberes responder, significa apenas que teremos conversas mais longas... Volto na próxima noite assim que o Astro Menor se levantar novamente...

Caelum partiu, mas para meu espanto as três crianças ficaram comigo como se de guardiões se tratassem. Antes que tentasse começar, de um momento para o outro as três começaram a conversar comigo numa inversão de acontecimentos inesperada. Queria muito fazer o exercício, mas os três pequenos peregrinos praticamente não me davam espaço. Eles davam pelos nomes de Alcatium, Caballus e Selur.

Alcatium e Caballus pegaram-me pelas mãos e levaram-me até ao lago. Selur, o mais intrépido dos três lançou água sobre as nossas cabeças e fugia de nós em círculos convidando-nos para o confronto lúdico. Perguntei-lhes se os seus pais não os esperavam. Alcatium, o mais velho, explicou que durante aquela semana ficavam com Caelum, amiga pessoal dos seus progenitores. Queria dar-lhes atenção, mas a minha ansiedade atirava a minha vontade para o teste do Labirinto da Identidade.

Inicialmente tentei dar-lhes provas inúteis que me dessem tempo para completar o exercício enquanto os mantinha ocupados. Mas sempre que me preparava para começar a reflexão que Mestra Caelum me pedira lá surgia pelo menos um deles com a suposta prova inútil completa. Ao fim de algumas horas e já estafado, o frio começou a apertar. Decidi acender uma fogueira e pedi que cada um deles fosse recolher um pouco de lenha. À beira da Fortaleza de Status só é possível recolher madeira na copa das árvores, porque apenas existem as árvores do jardim, e este é limpo diariamente pelos serviços da Fortaleza.

Os três pequenos bem tentavam mas viam-se impotentes para escalar qualquer árvore. A cada um, na sua vez, ensinei-lhes o que podia ser feito para recolher a lenha

que precisávamos. A Alcatium fiz-lho perceber que a sua destreza seria mais útil se escalasse as árvores de grande porte junto da muralha principal da Fortaleza. Poderia utilizar o suporte das pedras de grande porte para chegar aos galhos mais frondosos. A Caballus e Selur, mais pequenos em idade e tamanho que Alcatium, induzi-os a utilizar a sua criatividade para criarem eles próprios uma fortaleza de pequenas rochas que lhes permitisse facilitar a subida a árvores de menor porte, seleccionando sempre os galhos mais secos e mais densos.

Depois de conseguirmos recolher a quantidade que precisávamos, acendemos a fogueira. Os três já estavam muito cansados, mas mesmo assim pediram-me que lhes contasse uma história para que pudessem adormecer. Faltavam poucas horas para amanhecer e eu sabia que durante o dia não podia completar a minha prova porque criaria muito alarido. Tinha poucas horas para completar o exercício, mas a minha responsabilidade não me permitia descurar a minha atenção pelos pequenos peregrinos.

Como não me lembrava de nenhuma história em particular contem-lhes algumas das minhas próprias histórias, com algumas invenções do fantástico pelo meio. Sem me aperceber, o seu sono deu origem a um interrogatório de “porquês” e de “como serias” ao qual não prestava atenção e que nos ocupou até de manhã.

Quando amanheceu, apaguei a fogueira, desmontei o pequeno acampamento improvisado e limpei a área. Levei-os comigo até à moradia dos meus pais porque não sabia que mais fazer, sozinhos não os ia deixar. De tão cansados que estavam, dormiram o dia todo. Pela noite voltamos ao sopé da Fortaleza de Status.

Caelum surgiu, dirigiu-se ao local onde havia desenhado a cruz no chão, virou os seus olhos em atitude felina na minha direção e questionou-me:

- Afinal parece que vim perder o meu tempo. Nem sequer tentaste começar o exercício... que fizeste toda a noite?
- Mestre, as crianças que deixaste comigo não permitiram que tivesse tempo para sequer o tentar começar. – Ripostei.
- Não tiveste tempo para completar o Labirinto da Identidade mas tiveste tempo para alinhar uma fogueira? – Voltou a perguntar.
- Estava muito frio Mestre, foi necessário aquecer o grupo. Lamento não ter conseguido o tempo que precisava para completar o teste. Peço perdão por a ter feito perder o seu tempo. – Voltei a responder, enquanto virava costas e pensava voltar a casa.
- Espera. – Ordenou Caelum.

Virada para Alcatium, Caballus e Selur, pediu a estes que viessem até ela e questionou-os:

- Quem é aquele que vos ajudou a passar noite?

- É aquele Caelum. – Respondeu Selur.

- E como foi a vossa noite? – Voltou a perguntar Caelum.

- Foi muito divertido Caelum. Ele mandou-nos brincar a jogos que nunca tínhamos jogado nem sabíamos que existiam. Procuramos lenha para a fogueira e contou-nos histórias de quando o pai se irritava com ele pelas mentiras que inventava. – Respondeu Alcatium.

- E não sentiram a minha falta? – Interrogou novamente Caelum.

- Como disseste que era para seguir o estranho, fizemos o que pediste. Nem pensamos muito nisso. Eu pelo menos nem pensei. – Retorqui Caballus.

- Aprendeste alguma coisa com a tua noite? – Perguntou Caelum desta vez para mim.

- Não sei bem Mestra, estou confuso. – Respondi com o olhar fixo no chão.

- Dei-te duas cruzes, a do pensamento, que desenhei no chão, e da missão, viva na liberdade destes três pequenos peregrinos. Escolheste a da missão. O teu refúgio foi onde eles estivessem, os teus sonhos foram proteger os deles, e o teu maior poder foi dar-lhes o teu tempo e sabedoria para serem o que queriam ser e precisavam ser. Quanto aos objetos a quem devotas um amor material incompreensível, eles são apenas isso, objetos. O importante é a memória que eles te trazem e essa está na vida que levas todos os dias. Bem-vindo à Ordem dos Cavaleiros do Poder meu aprendiz.

E foi assim que entrei para a Ordem dos Cavaleiros do Poder. Perguntam vocês o que teria acontecido se eu tivesse completado a cruz que Caelum havia desenhado no chão e em que descreveria a sangue os meus refúgios, os meus sonhos, os objetos com que me identificava e os meus poderes. Provavelmente aconteceria o mesmo, pelo menos eu gosto de acreditar que sim. Normalmente o exercício é feito dessa forma e cabe depois ao nosso Mestre interpretar e ler o que descrevemos e perceber se estamos preparados ou não para ser aceites na Ordem como aprendizes.

Aquele dia mudou a minha vida, depois disso haveria de me tornar Mestre Aprendiz e aceitar Alcatium, Caballus e Selur como meus aprendizes e acompanhá-los até ao dia em que se tornaram Companheiros da Ordem. Nenhum deles haveria de chegar Mestre e os nossos caminhos haviam de se separar irremediavelmente, mas foram eles

que me mostraram qual era o meu verdadeiro poder **“dar tempo aos sonhos dos sem tempo, sendo eles o nosso tempo”**.

O Dragão e os 4 universos simbólicos

Cada um de nós pertence a um universo simbólico que nos define e nos dá casa emocional. O Livro dos Elementos reza que quando cada um de nós nasce alinha-se energeticamente com o seu universo simbólico e permanece para sempre a ele ligado.

Os predestinados, através do Livro dos Elementos, definiram como quatro os universos simbólicos conhecidos, deixando no ar, que na sabedoria do tempo, novos universos simbólicos seriam descobertos assim que o Homem se desse a conhecer a ele próprio

Assim somos ensinados que cada um de nós pertence ou ao Universo Animal, ao Universo Astral, ao Universo Natural ou ao Universo Místico. Embora cada um de nós seja produto dos quatro, o que somos, a vida que levamos, o caráter que desenhamos é alimentado energeticamente por esse universo que nos bate à porta da alma em forma de símbolo.

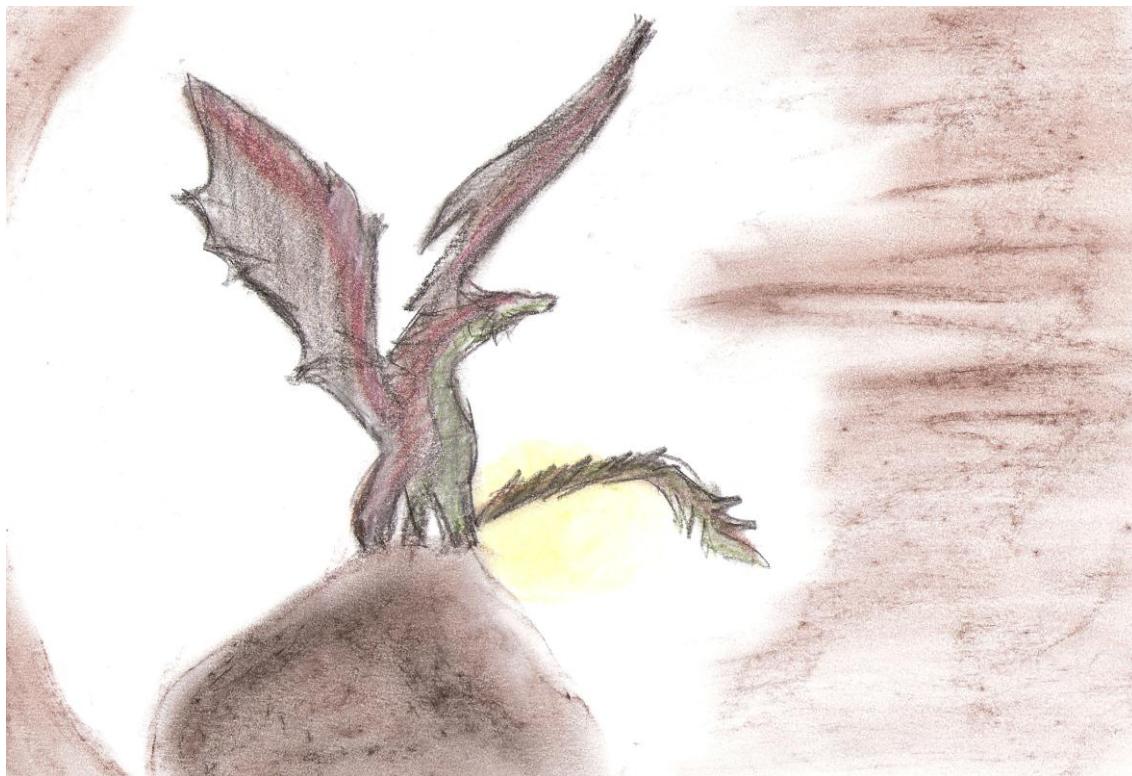
Na Ordem dos Cavaleiros do Poder cada um de nós tem um símbolo que nos é legado pela nossa Mestra ou Mestre quando atingimos o estatuto de Aprendiz e que evolui conosco até ao dia em que nos tornamos Mestres. Esse símbolo pertence a um dos quatro universos simbólicos e traduz o que somos, o que prezamos, o que não somos mas nunca o que gostaríamos ou desejaríamos ser. É uma espécie de espelho da nossa alma.

Normalmente demoramos parte da nossa vida a descobrir o que somos, o mesmo tempo que demoramos a descobrir o nosso símbolo e dessa forma o universo simbólico a que pertencemos. O meu símbolo começou por ser o Dragão, até ao dia, em que já Mestre, descobri ser o Dragão de Fogo, criatura das Trevas e da Luz, habitante isolado do Universo Místico.

Sermos habitantes simbólicos do Universo Místico significa que o nosso símbolo é uma das criaturas sobrenaturais que habitam em lendas, sonhos, as histórias dos Deuses e momentos de delírio de que já ouvimos falar mas jamais ousamos desvendar. Falamos de exemplos como a pureza do Unicórnio, a sagacidade do Pégaso ou a adaptabilidade da Hidra.

Os outros três universos simbólicos seguem o mesmo padrão. O Universo Animal diz respeito a todos os símbolos ligados a todas as espécies animais conhecidas. O Universo Natural diz respeito a todos os símbolos que emanam de representações naturais, por outras palavras, de todos os símbolos filhos do arquétipo da Mãe Natureza. Por fim o Universo Astral é o refúgio de todos os símbolos do Cosmos astronómico, os planetas, as estrelas, os cometas e tudo mais que os astros nos contam.

O símbolo que nos é confiado pelo nosso primeiro Mestre evolui connosco. Muitas vezes somos levados ao engano e o nosso primeiro símbolo foi apenas uma desculpa inicial para começarmos a existir. São muitas as histórias de Cavaleiros que com a sua evolução perceberam que nunca pertenceram a determinado universo simbólico, apenas se amarraram a ele para perceberem que era altura de se deixarem amordaçar pela sua não existência.



Conhecemos o nosso universo simbólico e o nosso símbolo quando começamos a percorrer o Labirinto da Identidade rumo aos Caminhos da Redenção de que já vos falei. Na prática o nosso símbolo é uma forma descomplexada de nos vermos, analisarmos e percebermos em perspetiva. Lembro-me bem do que a Mestra Caelum me confidenciou quando me ordenou Cavaleiro Aprendiz Dragão: **“Somos enquanto tivermos coragem para ser. Não importa o que outros Dragões já fizeram com o seu poder, importa o que novo o Dragão fará com o velho poder na sua nova aventura...”**

O legado de um guerreiro

Entre os códices poéticos escritos a sangue no Livro dos Elementos, alguns surgem como fábulas lendárias de Cavaleiros e Guerreiros que fizeram o novo início e que deram forma à sabedoria dos nossos dias. Uma das lendas mais conhecidas e contadas de geração em geração em forma de códice poético conta a história do guerreiro que partiu em busca do seu legado, do seu sentido e que junto dos seus novos companheiros se desafiou desafiando-nos. Conta que cada um de nós tem um caminho a percorrer, que não sendo o nosso destino, nos torna responsável pelo destino dos outros. Lembro-me de quando o meu velho amigo, Mestre Mizegui Takasugui me leu o códice que ainda ecoa na minha mente. Esse códice dá pelo nome de “O legado de um guerreiro”:



Antes que a neblina cede-se
Que o mar se deixasse ir
E que as estrelas voltassem,
O Guerreiro alimentou o espírito,
Guardou a espada
E buscou mais uma tentativa de regresso.
Não é que ele não quisesse ali estar,
Mas o seu intuito e presença antecipavam outra direção.

A sua consciência não o orientava,
Mas isso não era importante,
O relevante era ter a certeza de onde deveria estar.

A neblina cedeu,
O mar deixou-se ir
E as estrelas voltaram.
O nobre soldado fez-se vivo e partiu.
Sem que a sua natureza o desvendasse
Uma estranha criatura seguia-o
Algo de um rosto desfigurado,
Presença incómoda
E corporalmente invisível aos olhos.
O Guerreiro sentia-se ameaçado,
Talvez até desorientado e vago,

Nada que fizesse recair a sua desmedida coragem.

Sentia-se parcialmente perseguido

Mas o seu legado estava presente demais para ceder.

Os dias completavam-se uns nos outros,

As verdades escoavam-se,

O herói personificado ousava continuar.

Naquele dia ele conheceu uma Bruxa.

Esta contava-lhe que em tempos foi fada

E se hoje assim o era

A causa estava num envelhecimento encantado que lhe haviam destinado.

O Guerreiro perguntou-lhe

Se poderes não tinha para operar a mudança

Esta responde que só para os outros, nunca para ela,

Para ela só outra de uma mesma vida.

O Guerreiro ofereceu-se para desmistificar este encantamento encantado,

Mas a Bruxa não aceitou,

Profetizou-lhe que outras glórias não podiam esperar

E que estranhas presenças não o podiam parar.

O Guerreiro promete continuar,

Desde que a vulnerável Bruxa o acompanhasse,

Para juntos encararem a diferença.

A estranha presença de face desfigurada continuou a segui-los.

Alguns dias mais, o Guerreiro conheceu um Órfão,

Os seus pais haviam partido em viagem eterna,

Porque a verdade haviam revelado.

O pequeno era o que restava de um dado sonho

Que agora fugia da vulgaridade.

O Guerreiro convidou-o a acompanhá-lo,

A criança pensou em breves consciências

E perguntou porque haveria de o acompanhar.

O suposto herói argumentou que também ele,

Também ele queria viver o sonho,

Também ele o procurava por entre tudo e nada.

A invisível presença continuava no seu encaicho.

Algumas luas após,

Avistaram uma cidade perdida,

Profundamente perdida por entre vazios.

Um Velho Soldado acenou-lhes,

O Guerreiro pôs-se em guarda,

O homem vinha em paz.

Era o último guardião da cidade perdida,

Era o último sonhador daquelas paragens,

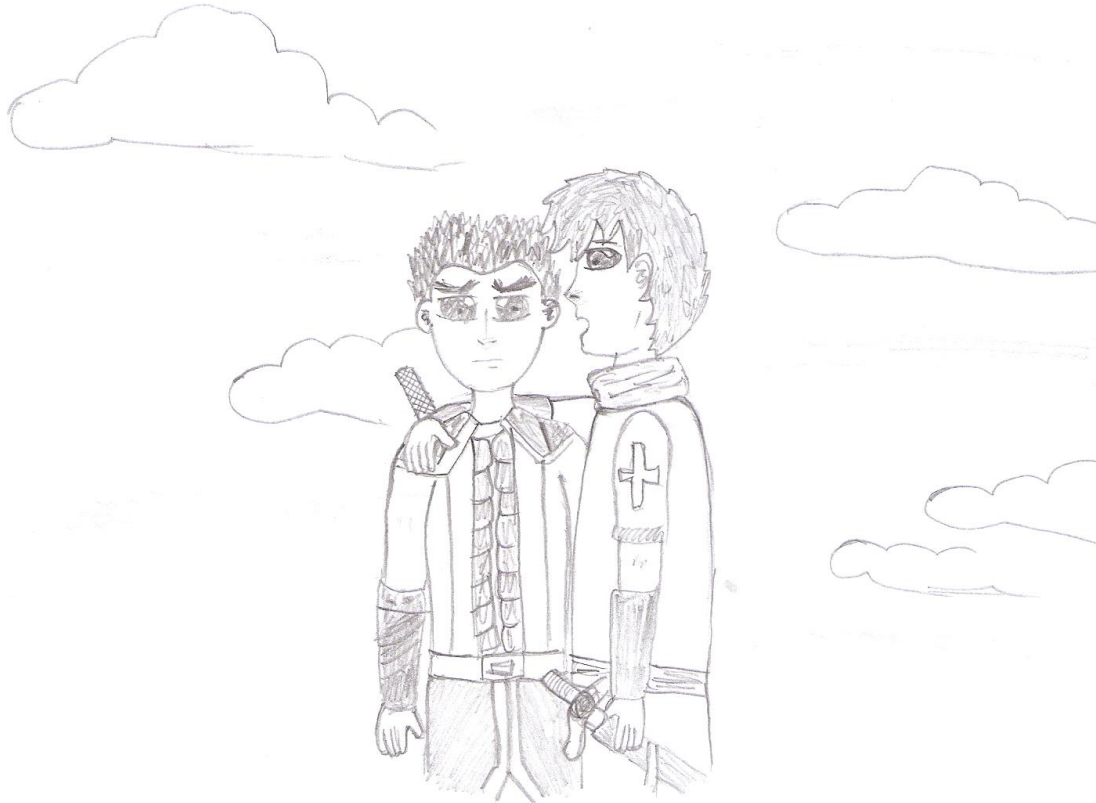
O único que acreditava num regresso.

Mais uma vez, o Guerreiro, convidou-o a seguir com eles.

Com os olhos na face do homem,

Segredou-lhe que juntos regressariam ao sonho.

Aquela estranha e incómoda presença não os largava.



Passaram dias, longas jornadas, séculos,

Quem sabe, milénios.

Estes quatro peregrinos continuam a sua busca,

Continuam a tentar encontrar,

Continuam a tentar regressar,

A estarem de novo presentes,

A estarem de novo vivos em essência e espírito.

E esta desfigurada presença,

Incómoda e corporalmente invisível que sou

Continua a persegui-los

E em cada nova caminhada

Eles encontram alguém novo que se lhes junta,

Encontram alguém novo que também ambiciona sonhar,

Alguém desesperadamente à procura de conquista.

Por entre céus e infernos

E em todas as realidades

Eu irei também lá estar,

E arrisco que também cada um de nós,

Porque duvido que estejam mortos

Porque duvido que não queiram ser vida.

Porque sei, tenho a certeza,

Que o Guerreiro, a Bruxa, o Órfão e o Velho

Irão viver o seu sonho...

E eu... o meu...

A viagem

Um Cavaleiro é um peregrino constante. Voltamos sempre à nossa casa, à nossa morada, mas pernoitamos apenas por momentos porque há sempre um novo caminho para trilhar. Somos ensinados e desafiados a partir em viagem, não porque o berço que nos viu nascer não esteja à nossa altura, mas porque o Cavaleiro deve buscar novos berços onde possa nascer novamente e assim completar novos caminhos de redenção que o tornem parte do mundo a que escolheu fazer parte.



Viajar não significa deixar para trás, muito pelo contrário, viajar significa buscar à frente, valorizar o que fomos para perceber o que devemos ser.

Lembro-me quando parti para aquela que foi uma das minhas maiores viagens, não por ter sido a mais longa, mas por ter sido uma das mais fantásticas.

Parti só, ou praticamente só, fui com Yos, um modesto ferreiro de Tirse, uma pequena aldeia perto da minha Ethérnia. Acompanhou-me enquanto escudeiro, mas a nossa relação nunca foi totalmente honesta, éramos os dois ainda muito jovens e as perspectivas de vida que tínhamos eram completamente opostas. Eu era um jovem Cavaleiro Aprendiz vaidoso e descuidado e ele um Escudeiro Aprendiz com especial engenho para as artes de ferreiro, mas com muito mau feitio no que acatar ordens dizia respeito.

Nessa viagem partimos para a região de Sirius, bem no oriente do Império de Gaia rumo à antiga cidade de Sadnaya, onde ficava o velho Mosteiro de Tiberiades, onde eu procurava treinar a arte da retórica e o dom da comunicação que a minha Mestra Caelum afirmava que eu possuía.

Enquanto de Yos passava os dias junto dos cavalos e da Casa de Armas do Mosteiro eu fui colocado a ler os velhos escritos do Livro dos Elementos junto de Elena, uma Cavaleira, já Companheira da Ordem que havia já viajado por meio mundo das regiões conhecidas.

Elena ensinou-me a importância da viagem como fonte de inspiração para a missão de ser Cavaleiro. Um dia à volta da fogueira com o Astro Maior quase a nascer partilhou a leitura de uma das suas últimas viagens, redigida no seu diário simbólico e que naquele momento pareciam as minhas próprias palavras:

“Onde estava eu quando me encontraram?...”

Por estes dias começo mais uma vez com "POR ESTES DIAS", porque tinham de ser estes e não outros.

Sou e fui em virtude do que todos fomos e somos, nem mais, nem menos, mas sempre tentando enganar o presente com um terceiro sujeito que acompanhava a minha sombra.

Por estes dias encontraram-me de ressaca num emaranhado de almas e abutres celestes, pronto para morrer reatado ao meu mundo de perdição. Senti que por uns dias tinha emigrado para um universo alternativo reconfigurado na exata medida das minhas necessidades filosóficas.

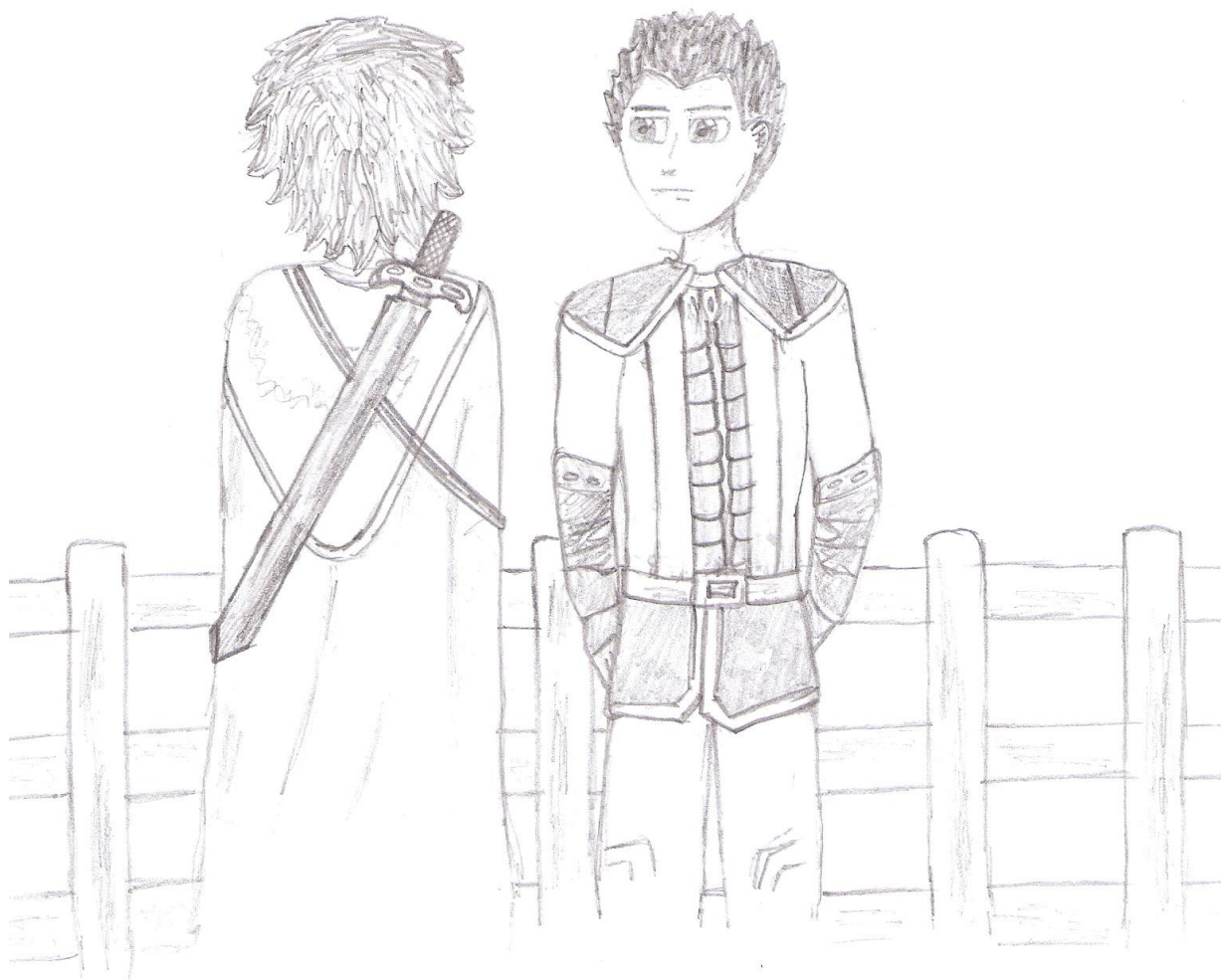
Estive com as personagens que descrevo nos meus sonhos, com os lunáticos com quem sonho viajar e extasiei-me com as vivências de quem não tem medo de abraçar o próximo, só pelo simples facto de que gosta dele ou dela.

Perdi-me durante dias em momentos de exatidão que nunca foram meus. Foram milhares de pedaços de Cosmos fundidos e que geraram esse imenso universo filosófico, de que todos eram, são e quiseram fazer parte.

Entretanto, quase perdida na minha aura, encontraram-me, atormentada, junto às cinzas produzidas por um incêndio quase extinto. Agora por estes dias procuro a próxima Pedra Filosofal que fará voltar onde estava antes de me encontrarem...”

A partilha do poder

Conheci muitos estranhos durante a minha jornada, uns tornaram-se amigos, outros influenciaram a minha vida de forma transcendente e nunca mais voltei a vê-los, outros ainda viriam a tornar-se em grandes adversários que serviriam e servem de horizonte incandescente que não nos permite baixar a guarda.



Hoje falo-vos de Bottelli, Mestre Aprendiz da velha região de Tundra, uma das primeiras a chamar a si um nome. Bottelli encaixa nas três descrições que enunciei, começou como um estranho que influenciou a minha vida de forma transcendente e pensei nunca mais voltar a ver, haveria de se tornar um dos melhores amigos e hoje assegura ainda esse papel com o de grande adversário que no meu horizonte incandescente não me deixa baixar a guarda, não porque me queira algum mal, mas porque me lembra, sempre que nos revemos, o motivo pelo qual ambos existimos.

Conhecemo-nos num dos muitos retiros que fazemos na Montanha com outros Mestres Aprendizes para testarmos as nossas capacidades e meditarmos sobre a nossa existência. Este em particular foi nas montanhas de Maçka, na região de Bzon. Normalmente para estes retiros, para além dos nossos companheiros de sempre, no meu caso Chitra e Canis Lupus, temos a oportunidade de conhecer novos Mestres que para além de virem aprender connosco também nos vêm ensinar a ser com as suas histórias e talentos. Na Ordem dos Cavaleiros do Poder a este ritual de partilha chamamos o tirocínio da Simbologia Grupal. O Livro dos Elementos retrata que “...todos aprendemos com todos, todos somos grandes e pequenos, todos podemos ensinar e ser ensinados, todos somos quando todos estamos.”

Eu e Bottelli, depois de sorteio, ficamos com a mesma tenda. Todas as noites depois de longas jornadas de treino, meditação e reflexão perdíamos-nos em histórias sobre a nossa terra, as nossas famílias e a forma como vemos o mundo.

Numa das muitas conversas que tivemos contei-lhe sobre as minhas origens com a Mestra Caelum e o grupo de aprendizes que acompanhava. Dei-lhe a conhecer dezenas de histórias sobre dezenas de aprendizes que ajudei a iniciar na Ordem ou que de alguma forma ajudei a treinar mas que por algum motivo nunca chegaram a entrar na nossa Ordem. Bottelli mostrou-se surpreendido por estar acompanhar e ter acompanhado tantos aprendizes e questionou-me sobre os meus métodos:

- Como consegues ter tempo para todos os teus aprendizes?

- Sinceramente, nem penso muito nisso. – Respondi

- Sabes, acho que não é possível estar em tantos espaços ao mesmo tempo. Descobri que quando tentamos ser valiosos demais na vida de muitas pessoas acabamos por não valer a ninguém na plenitude. – Interpelou-me Bottelli.

- Talvez. Mas acho que tudo aconteceu com naturalidade. Nunca pensei se eram muitos ou poucos aqueles com quem partilhava o meu tempo. Sempre gostei de estar presente na vida das pessoas o mais possível ajudando-as a construir as suas próprias pontes tornando o meu poder o mais útil possível. – Retaliei cordialmente.

- Meu novo amigo, o teu legado, apesar de recente é assinalável. Mas enganaste quando falas do teu poder. – Assinalou Bottelli.

- Não entendo. – Questionei desorientado.

- **Quando falas em tornar o teu poder útil não estás a falar do teu poder, porque ele não é, nunca foi e nunca será teu. Como nestes dias que aqui estamos nenhum dos nossos talentos ou capacidades nos pertence, também o mesmo acontece quando estás com os teus aprendizes. O nosso poder só existe quando é o poder de alguém,**

quando é nosso deixando de o ser porque permitiu que o poder do outro acontecesse. Também tu tiveste o privilégio de ver o teu poder acontecer porque alguém permitiu que o seu poder fosse teu... É nesta partilha que reside verdadeiramente o poder que nos dá forma.

A responsabilidade de decidir

Muitas vezes a maior lição que podemos aprender é perceber que a decisão que temos de tomar passa por acatar o não ideal e ser produtivo e realista com o que temos em vez de tentarmos descobrir o que nunca existiu.

Como Cavaleiros do Poder somos obrigados a não negar ajuda, a não alegar impossibilidades e a procurar uma nesga de oportunidade em cada centelha de vida. Mas mesmo sendo peregrinos do impossível, somos lembrados pelos nossos Mestres que devemos sempre ponderar todo o manancial de recursos à nossa disposição e a não tomar decisões que os possam desperdiçar todos de uma vez. É tudo uma questão de responsabilidade, não a responsabilidade de estar no local certo à hora marcada para a batalha a que não podíamos faltar, não a responsabilidade de não virar a cara à luta e enfrentarmos os nossos encargos, mas a responsabilidade de que não podemos desperdiçar mais uma oportunidade que pode não voltar a existir.

A este respeito Mestre Mizegui Takasugui escreveu o seguinte texto no seu Diário Simbólico.

“Pergunto-me muitas vezes até que ponto devemos relativizar o que somos e o que os outros são. Não há dúvida de que para cada situação as soluções são completamente diferentes, ou pelo menos assumem contornos distintos de acordo com os contextos ou variáveis que determinam direta ou indiretamente cada uma das «faces» de uma mesma medalha. Já agora quando eu falo em «faces» quero muito simplesmente dizer que existem muitas opiniões diferentes.

Se tudo pode ser relativizado, se todos temos o direito à nossa diferença, e com ela, o direito ao nosso erro, ao nosso génio, ao nosso «seja lá o que isso for», recuso-me a aceitar, embora me conforme, que a displicência e a ausência de exigência possam ser metodologias de vida.

Conheço, não um, nem dois, mas dezenas de jovens aprendizes que pretendem ser Mestres, incluindo amigos meus, que escolheram não interferir na vida dos outros. Perante um problema, uma decisão difícil, escondem-no nos alçapões dos seus corações e preferem ver o tempo que não sabem ser seu a resolver tudo por um passe de magia ou esquecimento. Quando questionados sobre se isto os preocupa respondem «cada coisa a seu tempo!!!...»

Não sei se fique espantado, se considere a situação normal, acho que o mais «sociável» seria relativizar tudo, porque afinal «qual é o problema...???».

Não me tenho como exemplo, considero até que tenho tendência para a arrogância. Mas entre todos estes «mas» acredito numa cultura de exigência, numa matriz de valores e numa estrutura social onde todos se devem guiar, pelo menos, por um

conjunto de deveres básicos como são “eu ser responsável pelas minhas decisões” e “eu não adiar o meu caminho por muito difícil que ele possa ser”.

Tentar analisar esta questão seria extremamente pernicioso e provavelmente pouco válido, e dentro desta perspetiva limito-me a dar a minha opinião sobre a chamada «cultura de exigência».

Termos como a meritocracia, como excelência, como decisão são conceitos que cada Cavaleiro relembra vezes sem conta. Em comum têm todos a malfadada «cultura de exigência». Nos dias que correm ser exigente não significa ser intolerante, ser exigente não significa preterir o social pelo económico, muito pelo contrário, ser exigente significa concertação, coesão e consenso, pelo menos o consenso possível. E é aqui que entra a mais relevante de todas as variáveis, nós.

Continuamos a acreditar que o problema, que a «tal coisa» está sempre para além de nós, que alguém que não nós a irá resolver, e se não resolve, nunca seremos nós os responsáveis e esquecemo-nos que devemos dar tudo para dentro da nossa esfera de influência tentar resolver o problema, ou pelo menos parte dele. Ser exigente significa não fugir, significa assumir com responsabilidade os compromissos que aceitamos ou acolhemos.

Ser exigente é muito simplesmente dar valor, dar força ao que realmente tem que ser. E o que tem que ser não são só os deveres sociais. A exigência vive na amizade, na resposta que damos aos que a nosso lado precisaram e nos deram a oportunidade de lhes dar a mão. Ser exigente é não ser indiferente e ter memória. Para ser exigente basta ser o que pedimos aos outros...”

Simplificar a existência

Um dia escrevi no meu diário simbólico:

“ É estranho pensar como as tormentas nos mudam de um instante para o outro, é estranho como nos inclinamos na sua direção... mais estranho ainda é o êxtase que sentimos nesta brusca e nefasta vontade de desaparecer... de percebermos o que nos faz bem e mesmo assim desistir de ver a luz que nos liberta e faz mais humanos.

A vida é feita de processos simples, de lições inesquecíveis fomentadas por chuvas de ideias mutáveis ao segundo que nos sinalizam, dão rosto e nos fazem perder num ápice.

Quando me lembro das conversas à volta da fogueira com o meu grupo de aprendizes, lembro-me disto mesmo. São momentos de uma chuva de ideias de um ideal que uns dias não faz sentido, noutros se redescobre e revela o que de melhor o ser humano tem enquanto fortaleza humana, enquanto conjunto de pessoas que constituem a nossa Ordem, os grupos, os clãs, os legados.

A nossa ligação pode mesmo acabar amanhã, mas ninguém apagará os caminhos de simplicidade que já trilhamos e nos marcaram...”

Quando releio este excerto do meu diário, escrito durante o meu retiro nas Montanhas de Maça com Mestre Bottelli, lembro-me quantas vezes cedemos à insatisfação e a partir dela pomos em causa tudo o que já fizemos. O bem maior que ajudamos a dar forma já não nos chega, algo ainda maior ainda nos aguarda. Pelo menos é isso que a nossa insatisfação insana nos diz. O nível a que supostamente chegamos já não nos chega, é altura de procurarmos o próximo grau, o novo desafio que nos vai arrebatrar e ligar de novo ao mundo, tornando a nossa presença tolerável e aceite pelo nosso coração.

Aprendi que ceder a esta tormenta pode ser um erro de proporções devastadoras. É verdade que enquanto Cavaleiro do Poder o treino do ser e da mente é interminável, mas o mais difícil dos treinos é aprender a viver a simplicidade, os pequenos sinais do dia-a-dia, a beleza e conforto da sombra da árvore em que nunca reparamos, o batimento do coração do nosso amigo de todos os momentos, o paladar da refeição que a nossa mãe repete incessantemente porque é a nossa favorita.

Queremos tanto passar para o próximo nível que nunca o chegamos realmente a atingir numa insatisfação permanente. **Nenhum de nós está verdadeiramente vivo se nunca encontrou o tempo da simplicidade, aquele em que os homens sonham acordados e o tempo de todos é um só.**

A família

Hoje vou falar-vos da minha família. Como sabem vivo em Ethérnia, um pequeno vilarejo ancestral, sede feudal da região. Sou sozinho, os meus pais vivem aqui perto, a minha irmã migrou para a região de Bahar onde vive em família com o seu esposo.

O meu pai é um velho sábio que se rege pelos ensinamentos da Velha Ordem do Livro dos Elementos. A Velha Ordem foi o primeiro grupo de Mestres que redigiu a sangue o primeiro original do Livro dos Elementos e que deu origem, segundo as antigas lendas, ao início da Nova Era.

É um filósofo e líder de Clã. As pessoas recorrem a ele em busca de aconselhamento espiritual e de mediação para os pequenos desacatos do dia-a-dia que ocorrem na nossa comunidade. A minha mãe é uma Líder Profateri. As Líderes Profateri são as matriarcas do Clã que têm a responsabilidade de educar as crianças até às suas dez épocas anuais. A minha irmã é uma Aprendiz Profateri, que um dia desempenhará as mesmas responsabilidades que a minha mãe no nosso ou noutra Clã.

Em pequeno fui educado no meio de centenas de outras crianças como eu, não só pelas responsabilidades que a minha mãe desempenhava mas porque fui ensinado pelos meus progenitores que a vida é feita na construção de laços entre os que nos são semelhantes, numa partilha permanente de saberes e liberdades. O meu pai dizia sempre “Não peças aquilo que não estás disposto a dar...”.

A minha mãe, por outro lado, ensinou-me a seguir o coração, a não ter medo de arriscar, a quebrar as regras sempre que estas eram absurdas, a ir além do que eu achava ser capaz, deu azos à minha loucura quando decidi que queria ser um Mestre Cavaleiro, profetizou-me que tinha de estar disposto a renunciar à minha liberdade quando o mundo assim o exigisse.

No meu tempo, como acho que assim o foi no tempo de todos, a nossa família determina as linhas do nosso tempo, ajuda-nos a perceber qual é o nosso legado e dá-nos o conforto do refúgio eterno, mesmo depois do seu tempo ter passado.

Mizegui Takasugui, meu velho amigo, disse-me um dia sobre a sua família já ausente no tempo dos vivos:

- Nunca estou sozinho, sempre que sonho o meu pai e a minha mãe não me deixam que eu me perca na minha tormenta. Sempre que estou acordado é só olhar o horizonte, os seus olhos continuam a ver através dos meus...

Mestre e Aprendiz

Quando aceitamos ser Mestres temos como propósito ser o exemplo de outros que seguirão as nossas pegadas. Temos como demanda ser o que outros foram para nós, de proporcionar aos que nos vão seguir a orientação para que também eles tenham lugar no caminho que quiserem escolher. Este é o papel óbvio do Mestre relativamente ao seu discípulo. Mas o Mestre não esquece que não deixou de ser humano, sabe que pode errar, que os seus sentimentos o vão voltar a trair e que como exemplo pode sempre defraudar. Na noção de que continua imperfeito, qual é afinal o papel do Mestre na vida dos discípulos?

Nesta permanente questão de ser humano perguntamos e argumentamos com argúcia o nosso papel principal e secundário na linha de tempo que nos liga à vida dos outros... Tentamos perceber se somos mestres, aprendizes, ratos ou simplesmente ervas daninhas em jardins alheios...

Neste labirinto percebi que na parte que cabe ao Mestre, o seu papel não está no poder que este tem para transformar vidas ou antecipar caminhos, o seu poder está no equilíbrio que mesmo tem para dominar o esse mesmo poder... na capacidade que este tem para não deixar de tomar decisões e dar opiniões por medo ou covardia de errar, bem como no discernimento que deve ter para permitir que, depois do seu "indispensável complemento", o aprendiz possa partir em viagem até à próxima paragem em que Mestre e Aprendiz se voltarão a fundir.

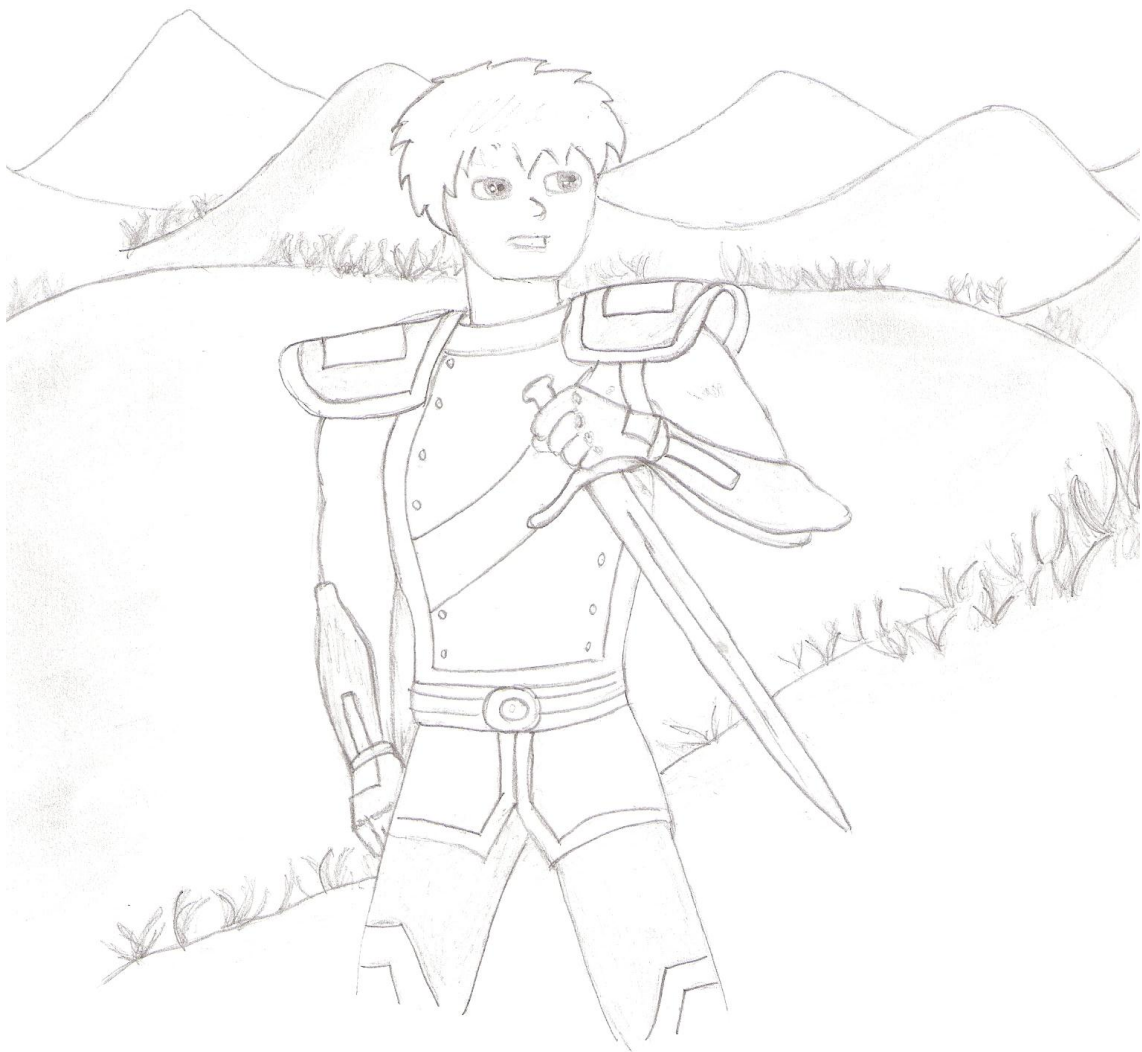
Ser ou não ser, o quer que sejamos, não é uma questão, é uma prerrogativa, uma metáfora, um paradoxo que nos alimentará na nossa paranoia constante... ter consciência disso faz-nos menos paranoicos e mais úteis aos que nos fazem ter um papel, os nossos aprendizes.

O sacrifício e a resiliência

Todos nós desenhamos mentalmente o desafio maior que nos há-de surgir e desafiar para todo o sempre. O que não pensamos é no depois após o desafio. Mestre Caelum ensinou-me que depois do grande desafio que o mundo nos guardou só nos restam dois caminhos, ou encontramos a próxima montanha que devemos escalar ou perdemos a vontade de viver.

Pode parecer exagerado o que partilho com vocês, mas é a realidade nua e crua, porque simplesmente a grande maioria dos humanos vivos nunca conseguirá chegar ao dia em que enfrenta o seu desafio maior. Ou, quando chegam à verdade do momento, quando esse ápice acontece, não o sabem interpretar ou não o conseguem vislumbrar.

Durante o meu treino tive o supremo privilégio de perceber e entender em cada etapa qual era o meu desafio maior e de entender qual a montanha que se lhe seguia. Numa das minhas peregrinações a Milénia Centrum, ilha mãe do arquipélago de Milénia,



capital espiritual do Império de Gaia, conheci de longe a Lagoa das Visões. Enamorei-me pela sua beleza e petrifiquei perante a magnitude daquele monumento natural. Naquele momento, na primeira vez que a vi, percebi o porquê do nome da Lagoa. Parei no meu tempo, concentrei toda a energia cósmica que fluía de cada um dos meus sentidos numa espécie de exercício de concentração e focalização que me transcendia e jamais havia experimentado. Aquele instante transformou-se em eternidade e transportei-me para o meu dia-a-dia, vi rostos familiares com quem me havia aventurado nas eternidades presentes e passadas, vislumbrei as minhas ações quotidianas que exprimiam a minha missão enquanto pessoa comum feito Mestre em caminhos que via como alheios. Vi-me e amei-me pelo que era, mesmo com todos os erros que tinha cometido e iria cometer. A Lagoa mostrou-me onde naquele momento eu pertencia e deveria estar. De repente lá acordei daquele transe através da voz de Chitra, meu companheiro de sempre. Não havia tempo, era altura de regressar. Eu queria muito mergulhar nas águas da Lagoa, mas o meu tempo em Milénia tinha chegado ao fim, o meu dia-a-dia chamava-me de volta. De qualquer forma eu sabia que haveria de voltar à Lagoa das Visões, conhecida por entre os homens comuns como a Lagoa da Visão de Fogo, e por entre os místicos, como o Refúgio dos Dragões de Fogo. Naquele dia percebi pela primeira vez o porquê do meu símbolo ser o Dragão.

Algumas épocas anuais após voltei ao mesmo local que me inspirara para desta vez mergulhar nas suas águas. Poucos tinham conseguido tal feito porque a descida, para além de muito íngreme, era extremamente arriscada. Mas o mais difícil nem era lá chegar e ter o privilégio de mergulhar nas suas águas, a grande dificuldade era voltar. A escalada era quase impossível, haviam poucas fendas e socalcos nas rochas que circundavam a Lagoa e a maior parte da parede natural era lisa e húmida o que dificultava ainda mais qualquer tentativa de subida. A única solução era ir em grupo.

Comigo foram Chitra, Canis Lupus, Mizegui e Alcatium, ainda meu aprendiz. Através de algumas manobras de cordas lá conseguimos fazer a descida depois de muitos desvios entre a vegetação viva dos rochedos que circundavam a Lagoa. Alcatium ficou no topo para que depois nos pudesse auxiliar na subida.

Chegado à base da Lagoa deixei-me ficar longas horas a admirar o espelho das suas águas. Tinha apenas em mente mergulhar naquele espelho de visões, mas Mizegui havia-me prevenido que podia não voltar à tona. Todos os que tinham medo de renegar ao seu demónio acabavam por se afundar com ele nas águas da Lagoa. Lenda ou não, havia sido aqui que Mizegui havia perdido o seu pai, um dos Grandes Mestre da Velha Ordem do Livro dos Elementos, que viria a dar forma à atual Ordem dos Cavaleiros do Poder.

O mesmo Mizegui, em vez de mergulhar as águas da Lagoa, pretendia nadar de uma margem à outra para afastar o demónio da perda do seu pai, o que lhe havia ensinado

tudo e que ele nunca havia conhecido. A Lagoa em toda a sua extensão tinha partes muito perigosas, redemoinhos travessos e poços invisíveis ao olho humano que funcionavam como buracos negros sobre disfarce. Mostrei-me preocupado, mas quem era para opinar sobre as opções do mais sábio dos meus amigos.

Mizegui lá se fez à água enquanto eu, Canis Lupus e Chitra parámos para meditar durante breves instantes antes de mergulharmos. Chitra foi o primeiro, segui-lhe os passos e por fim foi Canis Lupus. Enquanto mergulhava perdi os meus sentidos, deixei de sentir frio e calor, voltei a um local que conhecia mas que havia guardado em guarnições recalcadas da minha mente. Estava de novo no ventre de minha mãe ainda a meses de nascer, percebi a primeira vez que entendi a voz do meu pai, lembrei-me de quando ainda não me lembrava e encontrei o momento em que pela primeira vez existi em consciência. De repente voltei à tona em aflição apanhado por um dos redemoinhos traiçoeiros da Lagoa. Canis Lupus e Chitra tentaram vir em meu auxílio, Alcatium sem pensar duas vezes esqueceu a sua responsabilidade e aventurou-se num mergulho suicida de mais de quinhentos metros para me tentar salvar.

Deixei-me levar pela torrente de água, a força do redemoinho em efeito ventoinha atuava como lâminas afiadas que me abriam a pele descerrando feridas quase lineares. Tentei usar a corrente a meu favor mas os meus esforços eram infrutíferos. Já sem vislumbrar a tona da água fiz um último esforço, virei a minha cabeça rumo à superfície, forcei um abrir de olhos e vi uma mão na minha direção. Agarrei-a com toda a força que tinha e deixei que a sua força me transportasse de volta à tona da água. Tinha sido Mizegui a salvar-me.

Já há superfície fiz um último esforço para chegar a terra. Definitivamente a água não era o meu elemento.

Alcatium interpelou-me aflito:

- Mestre, como estás?

- Vivo. E tu não devias estar no topo da encosta para nos ajudares a subir? – Retribui fatigado.

- Esta não é a altura para falar meu amigo, temos de te levar para o topo dos rochedos, para que possamos voltar a casa e tratar as tuas feridas. – Alegou Canis Lupus.

- Não te preocupes Lupus, não são estas feridas que o vão derrubar. Queres-nos contar o que viste lá em baixo? – Perguntou Mizegui.

- Nem eu sei bem meu amigo, foi como voltar ao início de tudo, ao início do início quando amamos sem saber amar, quando sentimos sem perceber o que é sentir,

quando nos escolhemos sem nunca nos termos escolhido. – Respondi confuso com as minhas próprias palavras.

- És um predestinado. O teu treino trouxe-te até aqui. Mesmo nas tormentas foste resiliente e mantiveste o espírito aberto e o teu Cosmos aceso. Ao mesmo tempo o teu aprendiz estava disposto a cometer o supremo sacrifício em nome daquele que escolheu seguir. Hoje podes estar feliz porque a tua resiliência e o sacrifício dos que te amam mostraram-te o caminho. – Explicou Mizegui.

Percebi naquele dia que tinha tido o meu primeiro grande desafio e que havia sido o meu treino e sacrifício diário que me haviam dado a resiliência espiritual e física para lhe fazer frente. Nem vos conto como foi impossível subir toda a encosta, mas a verdade é que o verdadeiro desafio já tinha sido superado. Mas em vez de perdido, eu estava feliz porque sabia, que mais dia, menos dia, a próxima montanha a escalar se revelaria naturalmente. Eu apenas tinha de continuar o caminho.

Quando tentar é desistir

Mestre Ant Elael no tempo de aprendizagem que passei no Templo das Lágrimas de Sangue contava-me que ter um rumo implica derrotas e indefinições dolorosas. Sem elas nunca vamos perceber o que é o privilégio de vencermos o nosso erro...

A este respeito ele contava as muitas vezes em que jovens aprendizes tentavam sem nunca de facto terem tentado, quando a sua tentativa não passava de uma desistência sonolenta, uma desculpa emocional para si e para a desistência que já tinham abraçado. Ant Elael explicava-me que muitas vezes tentar é desistir, sobretudo quando o nosso coração não acordou para o desafio de se desafiar a ele próprio, para a predisposição de dar tudo sem saber o que esperar. Elael partilhava comigo que há momentos de mau augúrio que nos desafiam sem dar opção, ou os vencemos, ou morremos no ápice da tentativa. Ou somos ou não somos.

A este respeito Elael partilhou as palavras de um dos seus primeiros aprendizes, vencido pela incúria de não perceber que só tentar não chegava, o seu nome era Petrus Flavis e no diário simbólico que abandonara no Templo das Lágrimas de Sangue



havia escrito:

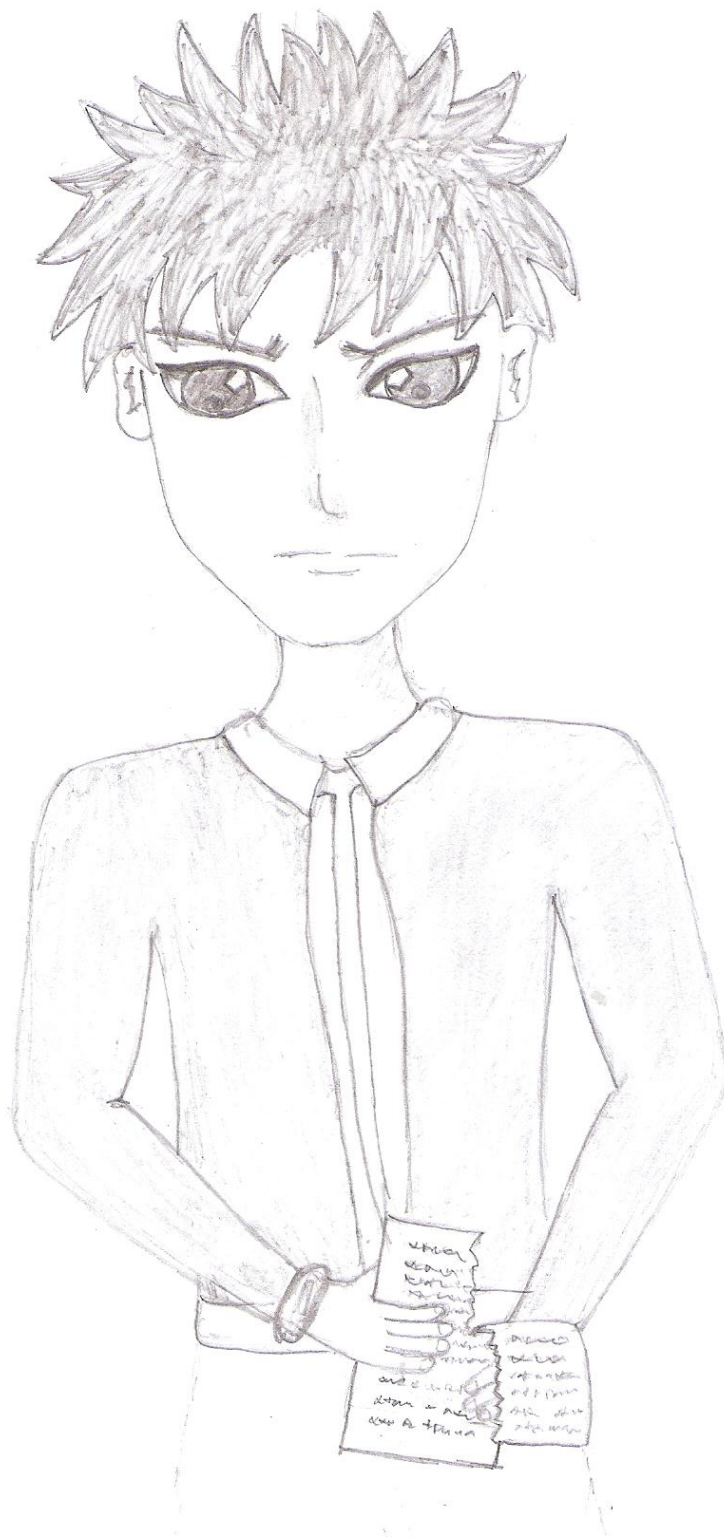
“Quantas vezes já nos indicaram a porta de saída, que estávamos a mais ou que já não valia a pena enfrentarmos o próximo desafio. Estes contextos não são novidade nenhuma, umas vezes foram os outros que nos deram a conhecer este enigmático conjunto de ideias, outras vezes foram os amigos que muito estimamos, outras ainda foram a força das circunstâncias. Normalmente o que varia é a força com que deixamos com que esta força inexplorada nos invada o nosso coração impreparado.

Gosto de acreditar que conheço o meu rumo, não o destino para que ele me leva, mas o rumo para o qual ele me orienta. Este gostar de acreditar vai-se tornando em crença e esta crença em fé e acabamos todos a perceber o porquê da religião e da mística da existência de cada humano.

Independentemente de vir a mudar de direção nos próximos épicos episódios da minha eternidade, a verdade é que acredito no meu rumo e devo ter o discernimento de perceber que este implica derrotas e indefinições dolorosas. Quando falo de derrotas não falo de perder, falo de ceder ao óbvio, de permitir que o meu errado dê lugar ao meu certo, de seguida ao importante manifestando por fim o essencial. Quando falo de indefinições dolorosas falo das imperfeições de quem nos faz sofrer, de quem fazemos sofrer, dos que nos guiam e daqueles que guiamos. A este rumo que assumo com dúvidas mas sem rodeios entrego três ideias humanas, simples e essenciais: amar, aprender e partilhar.”

Medos, pilares e armas...

Durante o processo de aprendizagem em que nos tornamos Mestres Aprendiz da Ordem dos Cavaleiros do Poder, antes de nos aceitarem nessa condição, o Mestre que nos permite avançar no caminho pergunta sempre: - Quais são os teus medos, pilares e armas?



É a nossa resposta que determina onde realmente queremos estar e onde devemos estar. A pergunta nunca é feita da mesma forma e surge sempre como armadilha. Este triângulo simbólico revela o que tememos, o que nos paralisa, os nossos muros. Por outro lado permite perceber por quem estamos, onde queremos estar e porque desejamos estar, revelando os pilares que nos ligam ao nosso legado. Por fim desvenda a imagem que temos sobre os nossos talentos, sobre a nossa missão, sobre o que achamos que realmente podemos mudar, descodificando e aclarando as armas que vamos usar no combate que se segue.

A este respeito o Livro dos Elementos declara “Cada homem só entende os seus pilares e as suas armas no dia em que não destrói os seus muros. Um homem só percebe porque está e ao que vem no dia em que foi capaz de escalar os seus muros sem os derrubar ou contornar”. Mais há frente um código poético sobre o anonimato de “Testamento de um Vivo”, redigido por um dos velhos predestinados, conclui:

“Ouço as vozes do tempo

O repetir de um passado

A vida que ultrapassa os homens

Que destrói barreiras e trespassa o sonho...

Neste momento, sou eu e o mundo

Sou eu para o mundo,

Um mundo de homens,

Um mundo de personagens...

A este fim que determino

Deixo ao tempo a palavra

A lei da minha lenda.

Ao meu espírito deixo a memória

Das personagens, dos tempos, dos exemplos.

No mito deposito a fúria,

A inconformidade de uma existência própria.

À minha personagem

Deixo o sonho e o sopro de cinzas de um real.

A ti alma,

Entrego o meu sarcófago milenar,

A arca do poder, o fogo e as asas do Dragão.

Nas estrelas

Deixo as linhas mal desenhadas do poema,

O infinito do presente.

Deixo aos homens

O que resta deles

E o que lhes falta existir.

Para ti vulgaridade

Deixo o corpo cansado e inútil daquilo que sou.

Aos que vejo

Deixo tudo o quanto sou

E consigo ver.

No Cosmos

Deixo cair o horizonte

E deixo-me ir, sozinho

Rumo ao meu céu e ao meu inferno..."

A Távola

Enquanto guerreiro dou muitas vezes por mim com a necessidade de voltar ao ponto de onde parti, de retornar ao início, dando força à nostalgia das minhas recordações. Este sentimento é uma espécie de armadilha que nos tolhe o espírito e nos faz esquecer tudo o que temos que caminhar. Quando nos deixamos abater pela nossa própria limitação existencial pensamos no que passou para minorarmos a nossa insatisfação, ocultando todos os desníveis que o nosso passado nos fez ultrapassar.

É para evitar esta tentação que todos os finais de época anual os Mestres Aprendizes se juntam ao seu grupo nativo para fazerem a Távola. A Távola é um exercício de meditação e reflexão ancestral praticado no início do novo início pelos predestinados. Todos os finais de épocas anuais os predestinados juntavam-se no grupo que tudo começara e em círculo fechado partilhavam um a um o que cada um sentia por cada um dos seus pares. Era uma forma de cada um perceber até onde tinha viajado o seu coração a partir do início que ele próprio determinara e que havia tido lugar com o seu grupo nativo.

Assim todos os Mestres Aprendizes no final de cada época anual juntam-se ao seu grupo inicial para cumprir este pressuposto. Para mim este momento mais que sagrado é essencial no equilíbrio que faço entre o passado e o presente. Permite-me ver o já não vejo, voltar amar o que esqueci, mas sobretudo a perceber o que realmente é importante e sinalizável para afrontar a próxima etapa.

Lembro-me da última Távola em que participei. Como sempre fiz viagem com Canis Lupus e Chitra. A Távola desta vez teria lugar nas Montanhas de Geray, a dois dias de caminho de Ethernia. Do meu grupo nativo a quem Mestra Caelum havia iniciado éramos sete. Para além de mim, Canis Lupus, e Chitra juntavam-se Mayra, Picard, Didacus e Margherita.

Em cada época anual era escolhido um de nós por parte de todo o grupo como responsável por orientar aquele velho ritual. Nesta época anual havia calhado a Mayra. Mais uma vez Mestra Caelum não veio, mas mesmo assim continuamos. Esperamos que o Astro Menor se eleva-se na noite, acendemos uma fogueira, deixamos que Mayra prepara-se cada um dos oito lugares, incluindo o da Mestra Caelum, e perante a sua indicação começamos.

Mayra indicou que o primeiro de quem se falaria seria Chitra, seguido de Canis Lupus, eu, ela própria, Picard, Didacus e por fim Margherita. Diz a regra que enquanto se pronunciam sobre nós não nos podemos manifestar. Apenas no fim de todos se terem referido a todos os elementos do grupo poderemos dirigir-nos a alguém ou a todos para lançar uma questão ou argumentar algum dos factos ou sentimentos partilhados.

Cada um pode ouvir de cada um dos presentes aquilo que representava no coração do outro. Nenhum de nós ficou surpreendido com o que ouviu e pode mais uma vez alimentar a sua paz de espírito. O mais importante, cada um percebeu o que ficou para trás e os sentimentos que tínhamos uns pelos outros eram mais uma desculpa e incentivo para continuarmos a nossa missão.

No fim Mayra e Picard tinham de regressar de imediato, mas os restantes ficaram mais um dia para juntos treinarmos as artes do combate. O Livro dos Elementos retrata a Távola da seguinte forma: **“É bom parar para perceber porque devemos continuar, é bom rever o início para que nunca se perceba onde é o fim...”**

Do Túmulo ao Ritual

Há um momento decisivo na vida de cada um de nós que nos marca para sempre de forma diferente de todos os outros. Enquanto vos contei as minhas histórias falei-vos de algumas dezenas destes momentos, mas este que vos conto agora é sobre o compromisso inadiável, de dogma, do olhar para a frente sem nunca voltar para trás.

Já vos contei que sou Mestre Aprendiz da Ordem dos Cavaleiros do Poder e que o meu símbolo é o Dragão de Fogo. Mas ficou por contar como tudo aconteceu. Na Ordem dos Cavaleiros do Poder chamamos ao momento em que somos entronizados como Mestre Aprendiz e nos marcamos com o nosso símbolo como o Ritual dos Símbolos. Para lá chegarmos devemos passar pelo derradeiro caminho da redenção, mas sobretudo por uma prova que nos surge no ponto ar. Para os mais distraídos, só para recordar, o caminho da redenção tem sempre quatro pontos distintos: o ponto terra onde iniciamos a caminhada; o ponto água onde nos vemos perante nós mesmos; o ponto ar onde finalmente buscamos a aceitação do que é e não do que desejávamos que fosse; e por fim o ponto fogo onde firmamos o nosso compromisso com o nosso tempo e o tempo dos outros.

É entre os pontos ar e fogo que surge a prova do Túmulo, um exercício de insanidade mental que nos faz perguntar onde realmente deveríamos estar e torna claro se estamos predispostos a assumir o lugar de Mestres Aprendiz e dessa forma passar a influenciar a vida dos outros e dos seus.

Mestra Caelum levou-me para Ethérnia até uma velha cabana perdida atrás de uma velha ermida abandonada. À espera estava Blua, companheira da Ordem dos Cavaleiros do Poder que praticava o velho culto do Dragão Azul.

Os praticantes do velho culto do Dragão Azul são cavaleiros com o poder da hipersensibilidade, conhecidos pela capacidade que têm de fazer os outros revelarem os seus verdadeiros demónios, mesmo aos cavaleiros mais fortes e preparados. Eu e Blua já nos conhecíamos há algumas épocas anuais, tinha sido eu a treiná-la nas artes da sobrevivência em locais inóspitos e nas artes do combate com espada. Pensava que sabia o que me esperava, mas Mestra Caelum havia-me ensinado que o Túmulo não é um caminho, é um abismo. Escalá-lo é a superação final rumo ao potencial que tencionamos ser.

Fui fechado na velha cabana com Blua. E ela confrontou-me:

- Então és tu o meu Túmulo?

- Como? – Questionei surpreendido.

- Muito bem... estou pronta para perceber o que me trouxe até aqui... - continuou Blua, pensando que a minha pergunta era parte daquela encenação obtusa.

Naquele momento fiquei também eu confuso. Não estaria também ela a testar o meu momento e a minha integridade. Nestes momentos somos ensinados a não ter preconceitos e a aproveitar o que de melhor a situação nos pode dar. Então eu continuei:

- E o que te trouxe até aqui Blua?- perguntei.

- Disseste no último dia que treinamos perto das Lagoas de Ribra que o nosso caminho havia acabado naquele momento. Disse-te que não aceitava, que não percebia. E agora, aqui estás... para me lembrares que o caminho acabou. Que tive de te perder, que vou continuar a perder quem gosto... que vou continuar a caminhar, a conquistar, a amar só para voltar a perder mais à frente. Dizias-me que o nosso caminho era esse, que esse era o teu caminho..... Então porque voltaste? Para me lembrares que tenho de te perder outras vez quando nunca me deste a oportunidade de continuar. – Argumentou com a voz gasta como se lhe faltasse o fôlego para se fazer perceber a ela própria.

Fiquei petrificado, agarrado ao chão sem me conseguir mexer. Esperava ouvir tudo, menos o passado que tudo fizera para esquecer. Sempre me refugiei na minha ausência para não ter que sofrer com a ausência dos outros. Blua tinha sido um desses casos. Tinha-me ligado aos seus olhos, à forma como pronunciava os poemas que escrevia e à forma como sorria desligada do horizonte. Como sabia que não poderíamos continuar a caminhar, havia preferido dar à ausência a resposta para não sofrer. Mas o meu Túmulo trouxe-me aquele abismo de volta.

- Não voltei, foi o meu Ritual que me trouxe. És o caminho que me falta percorrer antes de receber o meu símbolo. Agora percebo porquê. – Retorqui ansioso e tentando não mostrar que estava a falir emocionalmente.

- Então é isso que sou, mais uma etapa? – Perguntou-me num berro furioso agarrando-me pelo pescoço.

- Não, não o és... eu é que sou a ausência da etapa... o que não existe do caminho. Somos finitos na existência e não sabemos como lidar com isso. Somos imperfeitos a lidar com o futuro e com o medo da distância da ternura que nos liga, da felicidade que nos fez ter lugar.... não quis lidar com a tua ausência, com o futuro sem te ver a ver o horizonte.... por isso parti.... sabia que tinha de ser assim... - respondi com uma dor aguda no peito correspondendo ao seu agarrar com um abraço.

Paramos durante horas a conversar, choramos de forma ruidosa e perdemos a noção de onde estávamos. Não sei com que sentimento Blua saiu daquele momento de

insanidade, mas imagino. Eu, por minha vez, aceitei que vou continuar a fazer da ausência a fuga para o meu “finito”, para a incapacidade que tenho para não saber lidar com a ausência de quem me marcou o caminho. O Túmulo recordou-me como é duro perder, como é sofrer pelo caminho a dois que sabemos que é efêmero.

Somos limitados, somos finitos, transitórios e passageiros. Isso não limita a nossa capacidade de sonhar, amar e subir ao topo da montanha, mas lembra-nos como o caminho é difícil e nós imperfeitos. E é bom ser imperfeito, porque é isso que nos dá uma nova razão para voltar a sonhar...

Depois do Túmulo avancei com Mestra Caelum para o meu Ritual dos Símbolos e cumprir a suprema honra de ser o Mestre Dragão de Fogo.

A noção do detalhe...

Até agora contei muitas das minhas histórias do caminho que fiz, que todos fizemos, até nos tornarmos Cavaleiros. Tenho o privilégio de viver numa época de paz, o que de certa maneira quase nos fez esquecer que tudo começou porque em tempos estivemos em guerra, uma guerra que desconhecemos, mas que deu origem ao novo início da nova era.

Mestre Ant Elael durante o meu treino em Islam, região do Templo das Lágrimas de Sangue, ensinou-me uma valiosa lição. Contava ele que a guerra terminou graças aos esforços dos predestinados que haviam formado a Velha Ordem do Livro dos Elementos, que por si daria origem à Ordem dos Cavaleiros do Poder. Se todos sabiam quem tinha dado forma ao início da nova era, ninguém sabia quem havia posto fim à velha era, da qual se rezavam apenas velhas lendas, velhos mitos acobardados pelo tempo. Mas entre todos os velhos contos sobre o início da guerra que havia posto o fim à velha era um tinha ganho força maior entre os velhos mestres.

Ant Elael segredou-nos que a “Guerra do Mito”, nome que chamamos ao grande conflito que deu origem ao fim da velha era, havia começado no peso de uma simples ferradura. Sem percebermos o que queria dizer, intercedemos junto de Elael para que nos explicasse o que queria dizer:

- Meus amigos aprendizes, reza a lenda que existia um velho mensageiro, experiente na arte de cavalgar, a quem havia sido incumbido a tarefa de avisar os reinos quando o inimigo se aproximava, de modo a que todos pudessem preparar. Ele havia sido o escolhido pela experiência, arte e tenacidade impar que apresentava. Um dia, mais uma vez, o seu soberano ordenou que avisasse o povo, para que este se preparasse para a invasão. Mas desta vez, ele teria que ser veloz e acutilante como nunca, pois aproximava-se o maior e mais cruel dos invasores. Era dele a tarefa de preparar o povo para defender a sua terra mãe. O soberano pediu-lhe que tivesse cuidado, se inspirasse, preparasse com minúcia e mais uma vez salvasse o reino e as suas gentes. A sua tarefa era vital, sobretudo junto das zonas remotas do reino. Mas dessa vez.... desta vez o velho mensageiro, demasiado confiante, esqueceu-se de verificar as ferraduras do seu cavalo e.... pouco depois da partida... o seu cavalo após uma passada mais pesada, partiu o casco, caiu sobre a sua perna direita e o velho mensageiro caiu prostrado por terra.... O tempo acabaria por passar, o inimigo acabaria por chegar, a velha era acabaria por se omitir.... Tudo porque o velho mensageiro havia facilitado uma vez, tudo por causa do peso de uma ferradura... - contou Ant Elael.

A partir desta história, Elael tentou chamar-nos a atenção para a noção do detalhe, para a importância do pormenor que por vezes a experiência nos faz esquecer. Após esta história, Mestre Elael continuou:

- Poucos se recordam que continuamos a treinar para o que está para vir, para a aversão pela qual não queremos passar. Neste caminho acabamos por confundir os tempos de paz e oportunidade com tempos de letargia e horizontes de ingenuidade. Nada é tão bom que não possa piorar e nada é tão mau que não possa melhorar, o importante é que a experiência não se torne em apatia, nem o que aprendemos num caminho vazio. Todos nos preparamos para o que ainda não veio.



O que é a beleza

Como Cavaleiro do Poder somos ensinados a procurar a perfeição em cada momento, a ser sublime em cada gesto, a ser magnífico em cada disputa. Provavelmente nunca o iremos almejar, mas o caminho que nos é sugerido é esse, a busca permanente da beleza real. Não a beleza do aspeto, mas beleza de estar em harmonia com o mundo que nos rodeia.

Somos ensinados que a beleza é uma experiência espiritual, narrada pela percepção dos elementos e pela forma singular como cada um os experimenta. Mas a verdadeira beleza é aquela que trespassa o olhar e se traduz num elo, naquilo a que chamamos de relação. Mestra Caelum ensinou-me que a beleza é um poema escrito a dois, é o dom que partilhamos, é o melhor de nós visto pelos outros, é a nossa arte como expressão maior do que sentimos e partilhamos com quem amamos.

A este respeito lembro um texto que o meu velho amigo Mizegui Takasugui escreveu no seu diário simbólico sobre a mulher que em tempos amou:

“Normalmente prefiro escrever como se de nada ou de tudo se tratasse. Sou muito confuso porque acho que pretendo ou quero ser. Passando hoje um pouco à margem de tudo isso quero contar ao meu mensageiro, às constelações universais e aos meus amigos mais próximos a história, ainda pequena, de uma constelação nova que descobri.

Era, ou seria, uma noite como tantas outras. Eu e o meu mensageiro pernoitávamos por entre as estrelas e o Astro Menor. E, sem esperar por nada, demos conta de uma luz, que ao contrário de outras noites, estava muito mais intensa.

Evocamos as forças do tempo e viajamos até essa constelação, que até esse dia, nos era desconhecida. Tinha um olhar doce, terno, mas muito ausente. Interpelamos aquele estranho ser que se tentava escapar por entre palavras de um poema ainda por escrever. Mas sem muitos rodeios, entre tantas interpelações, surgiam ainda mais perguntas.

Nesse dia voltamos a casa sem perceber muito bem que nobre constelação era aquela. No dia seguinte, era a festa dos Astros, todos os cometas, constelações e planetas estavam convidados. A nobre constelação do poema por escrever também veio. Durante toda a noite observámo-la, excedemo-nos no nosso olhar sobre o dela e com o passar das badaladas... aos poucos... fomos entendendo que importava pouco se as perguntas tinham respostas.

Percebemos que o seu segredo era a beleza das palavras que haviam ficado por escrever no poema da sua alma. E sem querer voltar a tentar entender a aura que dela



emanava, nessa noite dançamos e deixamos que o tempo desse a conhecer a essência de cada um, no tempo de cada um.

Mais uma vez voltamos a casa, mas desta vez, em vez de perguntas levamos pedaços de sonhos, frações de céu. Estávamos os dois, eu e meu mensageiro, felizes por termos descoberto um novo conjunto de estrelas tão sublime e um poema que podíamos auxiliar a escrever na escala do tempo perdido.

Percebemos que aquela constelação não era nenhuma fera, muito menos uma ninfa. Era antes um poema sob a forma de Cavalo Selvagem que divagava por entre o Cosmos. Ninguém o conseguia vislumbrar durante o dia, mas de noite, surgia incandescente e embalado pela sua aura alada, à espera que um qualquer mensageiro, um qualquer ser, a conjecturasse.

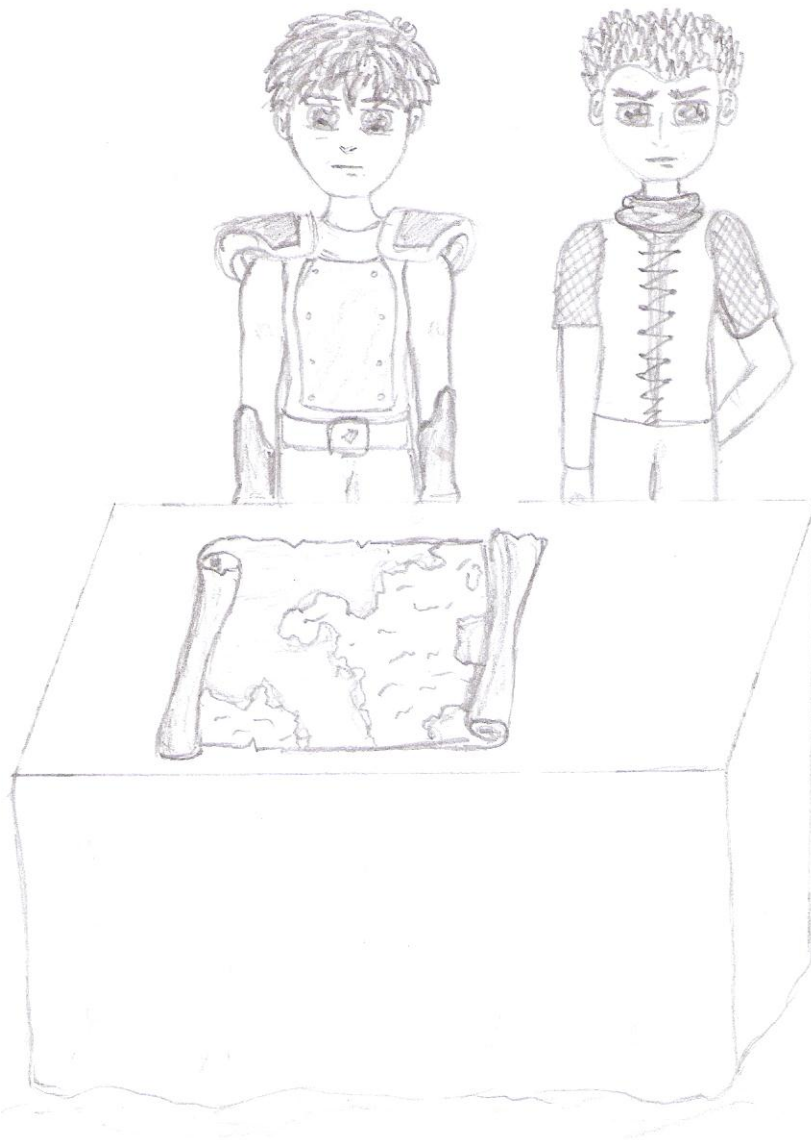
Quem é este ser «Constelação Cavalo Selvagem?»



O plano de combate...

Mestra Edvania foi a minha Mestra na arte de entender e projectar um plano de combate, de conceber a melhor estratégia para chegar ao propósito a que nos comprometemos.

Ensinou-me a entender que um plano de combate se faz a quatro níveis.



Primeiro importa perceber o terreno que estamos a pisar, os seus desníveis, as suas armadilhas naturais, a vantagem que o mesmo nos pode dar e as oportunidades que a partir dele podemos despoletar.

Segundo importa saber quem connosco está disposto a morrer, quem connosco está apenas disposto a ficar e quem, na inconsciência da sua mente, coloca a possibilidade de nos abandonar, colocando o campo de batalha à mercê do adversário.

Terceiro, temos de conhecer o nosso adversário, investigar e tentar perceber as suas forças, as suas incúrias, as suas fraquezas, as suas ausências e as suas armas secretas. Sem lhes prestarmos vassalagem, os nossos adversários merecem o nosso respeito pelo que são e pelo que conseguiram ser.

Por fim devemos escolher com minúcia as armas que levamos para combate, as que nos parecem as mais eficazes, eficientes e letais para a batalha que se aproxima.

Mestra Edvania chamou-me a atenção para a importância da estratégia, do plano astuto e regrado, mas avisou-me para a base de qualquer plano:

Podemos ter o terreno a nosso favor, a melhor equipa, conhecer cada detalhe do nosso adversário e ter em mãos o mais poderoso arsenal e isso não chegar, só porque nesse dia nos esquecemos que também eles se preparam para nós e nos venceram com... o elemento surpresa.

Dizia Mestra Edvania: - **Espera o inesperado. Sobe a colina que ninguém espera que subas, faz do teu adversário melhor do que ele é, sê novo em cada nova batalha, não permitas que o rótulo de vencedor ou vencido sejam verdades. Alimenta cada novo combate com uma nova sinceridade.**

A corrente

Como já vos contei, todos os Cavaleiros do Poder têm um grupo nativo com quem treinaram e determinaram laços de eternidade que nos prepararam para os novos grupos que teríamos a oportunidade de ensinar.

A nossa Mestra havia sido Mestra Caelum. Para além dos companheiros de sempre, Canis Lupus e Chitra, o grupo tinha ainda Mayra, Picard, Didacus e Margherita.

Caelum desde o primeiro dia ensinou-nos que ela seria a primeira a falhar, porque ela seria a primeira a tentar estar connosco e o seu esforço e dedicação naturalmente a levariam ao erro. Referia-nos vezes sem conta que ela só fazia valer o seu poder na medida em que cada um de nós se tornava mais forte com ele. Caberia a cada um de nós continuar esse caminho.



O poder que estava a ser partilhado connosco só fazia sentido na continuidade, na capacidade que teríamos para preparar outros para as suas próprias batalhas, para as suas derrotas, para os seus abismos e para os seus momentos de glória.

Caelum sempre nos deixou claro: **Somos todos uma só corrente que nos compromete e se compromete.**

Revolução

Benem foi um dos meus mais brilhantes aprendizes, alguém que apesar de todo o seu talento nunca chegou a cumprir o desígnio que ele próprio achava ser o seu. Benem acreditava na revolução, numa nova era logo após a nossa era. Acreditava que grandes feitos e epopeias o aguardariam.

Mestre Ely, o meu último grande Mestre, ensinou-me que os homens viam a revolução como uma grande transformação, como uma mudança sensível de uma qualquer natureza, fosse ela progressiva, contínua ou repentina. Outros ainda viam a revolução como um movimento de revolta contra um poder estabelecido, no sentido de promover mudanças profundas no sistema que nos regulava.

Aliás, a Humanidade que se erguera após o início da nova era acreditava que tinha sido uma revolução a dar voz aos novos tempos de oportunidade que todos vivemos e vivíamos.

Benem acreditava que iria contribuir para um desses momentos. Um dia o mesmo perguntou-me:

- Mestre acredito que ainda está para vir a grande revolução. E eu.... eu serei um dos que lá estará para lhe dar forma. O Mestre também acredita?

- Meu bom amigo... Eu acredito que tu não sabes o que é uma revolução. – Respondi ponderadamente.

- Como assim Mestre? Achas que não estou à altura da missão para que me treinaste? – Voltou a questionar ansioso.

- Sabes o que significa revolução? – Questionei-o.

- Claro Mestre. Revolução é mudar o mundo, quebrar o instituído, dar nova voz a quem dela precisa. – Respondeu empolgado.

- Tua falas da revolução dos homens e esqueceste-te da revolução interior pela qual cada um de nós tem de passar. Não tenhas pressa na revolução alheia, prepara a tua. – Respondi antes de virar as costas.

Acho que foi depois desta conversa que as nossas discordâncias e distanciamento começaram a aumentar.

Mas voltando a Mestre Ely, o mesmo ensinou-me que o verdadeiro significado de revolução é o ato de resolver. Numa das nossas muitas conversas na velha taberna onde nos costumamos encontrar, depois de partilhar este episódio com Benem, ele dizia-me:

- Não há revoluções grandes nem pequenas. Não importa se a mudança aconteceu numa, duas, três ou com milhares de pessoas. Sempre que resolvemos, sempre que alguém resolve, sempre que erguemos uma nova ponte que une margens... a revolução acontece.

O caderno de encargos

Somos aconselhados pelos nossos Mestres em determinada altura da nossa vida a desenharmos, a escrevermos, a determinarmos o nosso caderno de encargos. São uma espécie de objetivos, de metas que sentimos ser capazes de cumprir na nossa relação com o mundo. De qualquer forma, qualquer um de nós já o fez ou vai fazendo isso todos os dias. Quem de nós nunca se permitiu a planear o que considera ser realmente importante e fazer sentido para o caminho que escolheu para si.

Mestre Ant Elael referiu-me o caderno de encargos como sendo o estabelecimento de metas existenciais e significantes que nos permitem alimentar o espírito inconformado e elevarmos o nosso nível existencial, simbólico e cósmico.

O ser humano tem a tendência para se auto deteriorar e ritualizar-se numa busca obstinada por meandros mesquinhos, egoístas que o destroem e violam a sua integridade. O divertido e rebuscado da situação é que boa parte das vezes o ser humano tem plena consciência da sua insanidade, mas insiste porque é imperfeito, fraco e "humano". O nosso caderno de encargos é mais uma forma de nos orientarmos e percebermos para onde queremos caminhar, pondo de parte esta nossa incrível tendência para desumanização.

Mas voltando ao porquê desta reflexão, tenho a plena consciência do que me deteriora diariamente e me faz ritualizar os meus devaneios. Temos direito a vivê-los enquanto nos testamos e aprendemos o caminho do tempo, mas não podemos eternizá-los, eles podem-nos tornar obsessivos e fazer com que nos percamos na nossa própria irregularidade. Não estou a afirmar que deixemos de ser irregulares, estou apenas a lembrar, que nada é tão bom que não acabe ou se deteriore, nem nada é tão mau que não possa melhorar ou mudar de sentido.

Em tempos parti, como muitas outras vezes, em jornada solitária para as Montanhas de Geray. Tinha como objetivo perceber o que queria incluir no meu caderno de encargos. Nessa jornada dirigi-me a um velho templo abandonado da Velha Ordem do Livro dos Elementos para estar em retiro. Qual não foi o meu espanto quando dou por mim no meio de uma cerimónia pagã num templo da Velha Ordem. Para não dar nas vistas e respeitar o momento, deixei-me ficar bem cá trás a apreciar o momento.

Era um ambiente estranho, e eu era uma estranha e pálida presença por entre os presentes. Mas não deixa de ser assombroso que é mesmo assim que me sinto diariamente, um estranho num mundo de estranhos que me estranham e se estranham....

Por breves minutos entrei em astral (momento em que o nosso ser simbólico viaja para além da nossa carcaça) e em transe fiz daquele estranho momento uma ponte

entre mim e o mundo dos espíritos. Desenhei pela primeira vez, e de uma forma clara, o que acredito ter sido "o meu caderno de encargos".

Guardo para mim o que determinei, mas fico com uma certeza, ele não é para concretizar sozinho. **O nosso caderno de encargos é só mais uma oportunidade de nos lembrarmos que a nossa missão está na missão de todos aqueles que escolhemos para existirem connosco.**

Calcular o essencial

Um dos ensinamentos mais difíceis que aprendi foi o de calcular o essencial. Todos nós em alguma altura somos levados a escolher de forma inequívoca. Todos nós já fomos colocados na situação que temos de optar pelo nós ou eles, pela verdade ou a mentira, pela esquerda ou pela direita quando precisamos do centro, pelo incerto quando o certo já não chega.

Mestra Caleum ensinou-me que antes de escolhermos o que desvendamos como essencial devemos perceber onde residem os nossos abismos e os nossos talentos para melhor aplicarmos os nossos esforços.

Na Ordem dos Cavaleiros do Poder, quando somos levados a percorrer o nosso primeiro caminho da redenção, na etapa do ponto água, por vezes somos colocados perante a prova da “Escala dos 5 Talentos e dos 5 Abismos”. De facto tratasse de um exercício simples.

Imaginem uma linha de água imaginária traçada no chão, acima da tona de água residem os nossos cinco maiores talentos, sendo que o que está à tona de água é o menor deles e o situado em mais alta escala o maior deles. Abaixo da linha de água estão os nossos cinco abismos, sendo o mais próximo da linha de água o menor deles e o mais profundo e longínquo o maior e mais perigoso dos nossos abismos. Depois de os desenharmos mentalmente, transcrevemo-los para o nosso diário simbólico. Depois partilhamos com o nosso Mestre e com os membros do nosso grupo nativo para percebermos se o que pensamos sobre nós equivale à forma como os outros nos realmente vêem e interpretam. Depois deste caminho redimensionamos a nossa Escala dos 5 Talentos e dos 5 Abismos e ficamos com mais uma ferramenta para sabermos como calcular o essencial.

E agora perguntam vocês. Depois de percebermos que talentos e abismos nos erguem, de que forma calculámos o essencial? Fica aqui a forma que ensinaram:

Primeiro importa distinguir o certo do errado, o bem do mal. Depois, dentro do bem e do certo importa perceber o que é importante do que não é importante... ou se quiserem, o que é menos importante.

Depois, dentro do importante importa distinguir, à luz dos nossos talentos e abismos, o que é essencial, o que é crucial para continuar o caminho. E quando acharem que já calcularam o essencial lembrem-se que poderão que ter que escolher novamente, só que desta vez, a opção será entre o essencial... e o vital.

Preservar os equilíbrios delicados...

Por estes dias partilhava com Canis Lupus que havia lido que mais difícil do que conseguir algo novo é conseguir preservar e elevar o que já temos ou conquistamos.

Depois da nossa conversa fiquei a pensar. Não é novidade para ninguém que somos circunscritos pelo novo, pela eterna saciedade de queremos aumentar os nossos níveis de adrenalina e de interesse pelo mundo que nos rodeia. E esses requisitos apenas os vislumbramos no novo, na descoberta de algo que volte a tornar a nossa vida interessante. E nesta demanda esquecemo-nos de quem nunca se esqueceu de nós, dos caminhos que tanto nos custaram a trilhar ou das montanhas que muito suor levaram a subir.

Com esta ideia não quero argumentar que devemos viver permanentemente na lição e façanhas do passado. Muito pelo contrário, acho que o caminho para a felicidade passa por elevar o que somos e ajudamos a construir dando sempre espaço para o que de novo o destino nos trazer.

Nesta fase já estou a ouvir os comentários da total ausência de novidade das linhas que exponho. A mim, nobre ser desorientado, cabe-me concordar com quem alimenta em si esta ausência de novidade. De qualquer forma todos concordarão que não é demais lembrar. E isto leva-me à pergunta: O mundo que nos rodeia tem um equilíbrio delicado... como preservá-lo?

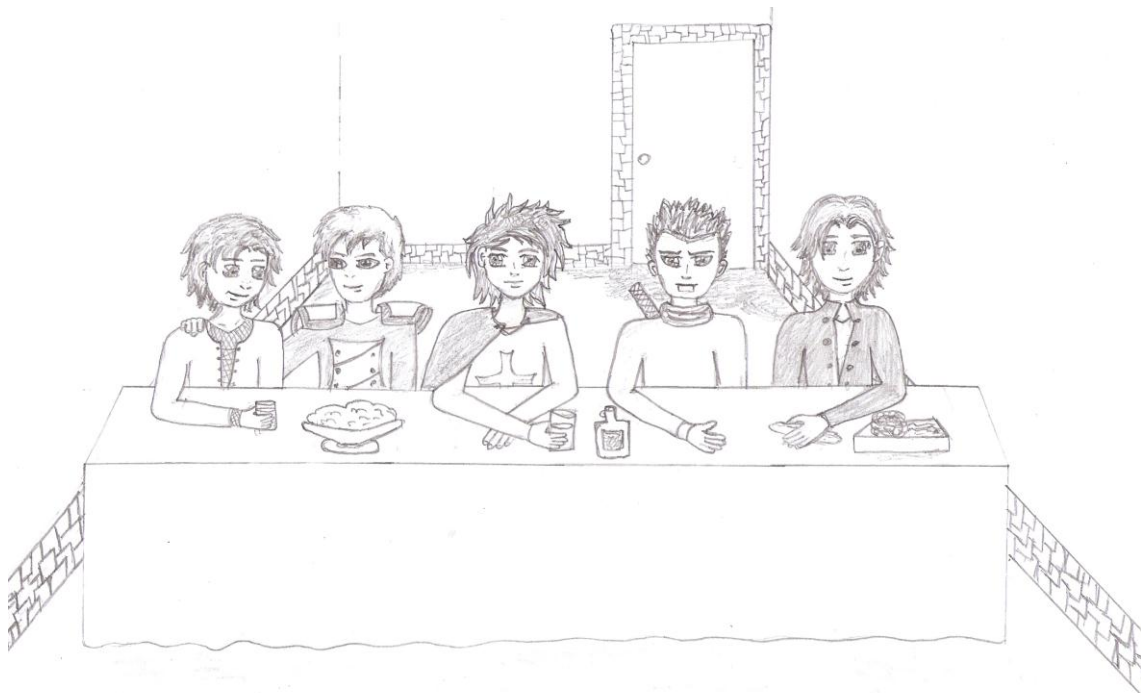
A esta pergunta o meu amigo Mizegui Takasugui respondia-me desta forma:

- A resposta à tua pergunta é um exercício de cronologia. É sempre importante lembrarmo-nos do que pretendíamos e onde queríamos chegar antes de avaliarmos o que nos rodeia. Muitas vezes vamos para além do que pretendíamos e tornamo-nos imprudentes e impacientes por algo novo que desperte o entusiasmo de existirmos. Nesta fase é importante que tentemos perceber quem está connosco, como está connosco e o que ainda querem de nós. Depois devemos arranjar um pouco mais de espaço no nosso "copo cheio" para ouvirmos e prestarmos mais de atenção a sinais que nunca havíamos avistado antes. São estes detalhes que nos permitirão encontrar orientação para as nossas próximas viagens emocionais. Por fim é fundamental nunca traçar destinos finais. Eu, pelo menos, fico-me sempre pelo que chamo de etapas ou pontos de passagem, porque destinos finais... nem na morte... Sabes, meu bom amigo, o mundo que nos rodeio está muito para além dos nossos olhos.... e o essencial continua a ser invisível aos olhos...

Passar o testemunho

Como Mestres já todos sofremos quando chega a altura em que cortamos a ligação simbólica do Mestre com o Aprendiz. É verdade que a ligação emocional é intemporal, que os laços de amizade trespasam a relação de autoridade, mas continuo a acreditar que nunca estamos preparados para a solidão da decisão de os ver partir.

Lembro-me o que sofri com Blua, uma das Cavaleiras que treinei e que viria a reencontrar na prova do Túmulo, antes do meu Ritual dos Símbolos, lembro-me da desilusão que foi Benem, mas lembro-me sobretudo do primeiro grupo nativo que tive a oportunidade de treinar. Era composto por Alcatium, Caballus, Selur e Ni Chitra, irmão mais novo do meu bom amigo Chitra.



Foi Mestra Caelum que me havia confiado a tutoria de Alcatium, Caballus, Selur. Ni Chitra haveria de se juntar ao grupo por intermédio do seu irmão. Foram meus aprendizes oito longas épocas anuais até os entronizar como companheiros da Ordem dos Cavaleiros do Poder.

Pensei que estava preparado para passar o testemunho e libertá-los para também eles encontrarem novos grupos nativos que haveriam de trilhar o seu caminho da redenção firmados no seu saber, mas enganei-me.

Perante a sua presença fiz o que todos os Mestres fazem, presidi ao seu Ritual dos Símbolos, e incumbi-os de partilhar e legarem ao mundo um poder que não era seu.

Na solidão da minha decisão vertia um sangue de ansiedade e saudade que não controlava e me limitava a reter para mim para não subverter ou obstruir o momento da passagem do compromisso.

Nestas alturas recorro a Mestre Ely para buscar alento para a próxima montanha a escalar. E ele repete sempre:

“Passar o testemunho não apaga a memória, as ligações e a verdade das relações. Passar o testemunho não termina o nosso compromisso, só o renova... o resto cabe ao tempo decidir...”

Liderar...

A arte de liderar para um Mestre Aprendiz da Ordem dos Cavaleiros do Poder não pode ser algo que o transcenda, é algo inato, que nasceu com ele, que lhe dá a segurança para exercer a sua missão de inspirador de um mundo melhor.

Liderar não significa mandar, significa autoridade sem perder a autenticidade. Liderar pressupõe qualidades espirituais, morais e pessoais. Espirituais porque acredita que a sua missão está para lá da sua compreensão e ângulo de visão, morais porque percebe que deve guiar pelo exemplo e pessoais pelas qualidades únicas que tem e o distinguem de todos os outros líderes

A este respeito lembro-me quando Mestre Mizegui Takasugui partilhou comigo como o Livro dos Elementos definia a Liderança e o líder:

“ A Liderança é antes de tudo espiritual. É a capacidade de reconhecer os dons especiais e as limitações dos outros, associada à capacidade de colocar cada um ao serviço do que faz melhor.

O líder é o elo que assume a responsabilidade, que sendo exemplo, caminha diligentemente ao lado dos que comanda, estando certo de que um dia prestará contas da sua liderança.

O maior poder do líder é poder da transformação. Ele sabe que transformar a vida de outros mais que um poder, é um privilégio. O Grande Mestre do Tempo disse aos primeiros Mestres que ensinou “Os grandes líderes influenciam-nos a ir a lugares que nunca iríamos por conta própria e a subirmos montanhas que pensávamos nunca ser capazes de subir” “

Mais à frente os escritos do Livro dos Elementos completam:

“ O líder questiona-se: O que é mais importante, a pessoa ou a tarefa?

No entanto ele não procura uma resposta, ele equilibra a importância da sua missão com o exemplo e segurança que transmite na arte de inspirar outros a serem melhores. Ele assume para si as sete bases da Simbologia do Líder:

- a integridade no exemplo
- a determinação no caminho
- a sabedoria na decisão
- a disciplina no treino

- ouvir o companheiro e o coração no comando
- a coragem no combate
- a intuição no poder inspirativo... “

O boato

Existem aprendizes que passam pela nossa vida de forma efémera e dos quais perdemos o rasto com a mesma velocidade com os vislumbramos pela primeira vez. Uma dessas aprendizas foi Misty.

Já fui desiludido e desiludi alguns dos meus discípulos mais que uma vez. Misty, apesar da sua não importância, desiludiu-me e eu desiludia. Tudo porque ela cedeu à tentação da inveja e eu à tentação do facilitismo ao lhe negar uma segunda oportunidade.

Em Ethérnia nada é o que parece, mas tudo é o que aparenta. Depois do novo início os primeiros mestres ensinaram a população a por de parte os preconceitos, a aceitar o outro na sua diferença, a tentar ver para além da sua margem. De qualquer forma, apesar de todos fazerem um esforço para viverem estas máximas, o ser humano continuava a ser humano e, dessa forma, falível na sua existência.

Por esses dias em que Misty apareceu, as pessoas pareciam que me olhavam de forma diferente. Inicialmente não dei muita importância, pensava ser uma impressão pessoal sem fundamento. Até que Caballus, um dos meus aprendizes mais antigos, me questionou:

- Mestre, ouvi dizer que pensavas em partir e levar-nos para a montanha? – Questionou

- Partir, levar-vos para a montanha? Sabes bem que isso não é possível. Ethérnia ainda precisa de nós. – Respondi.

- Não é o que se ouve dizer Mestre. Ainda ontem ouvi dois velhos na taberna a comentar que ias abandonar Ethérnia. Um deles queixava-se que lhe havias prometido ajudar a fazer um poço e que não irias cumprir a tua promessa. O outro estava indignado porque mais uma vez Ethérnia seria votada ao abandono por um dos seus líderes. Ao mesmo tempo também te acusou de teres eloquentes discursos que agora pões em causa com a tua partida. – Concretizou Caballus.

- Mas de onde é que vêm essas histórias. Jamais trairia o meu povo. Jamais privaria as vossas famílias da vossa presença nestes momentos de indecisão. Tanto tu como os teus companheiros sabem disso. O que te leva a duvidar? São umas meras histórias de taberna? – Questionei-o exacerbadamente.

- Perdoa-me Mestre por duvidar de ti, mas é que!... - Hesitou Caballus.

- Mas é o quê? – Questionei violentamente.

- É Misty Mestre.... em conversa connosco partilhou que lhe havias dito que irias partir para as Montanhas de Endai. Deu-nos a entender que achavas que Ethérnia não era o local indicado para continuar o treino e que as suas gentes não estavam à tua altura... - respondeu.

- E tu acreditaste meu parvo? – Questionei-o ainda com mais veemência.

- Perdoa-me Mestre, deixei-me levar pelo seu jogo de palavras... - respondeu baixando a cabeça em sinal de penitência.

- Levanta a cabeça, não me debes nada, apenas duvidaste.... Caballus, meu bom amigo... **a verdade e a mentira tornam-se insignificantes quando as pessoas não sabem no que acreditar.** Esse é poder do boato, a história que ninguém sabe donde partiu e que ninguém percebe onde chegará.

Depois desta conversa que tive com Caballus chamei o meu grupo de aprendizes, dispensei Misty sem lhe dar uma justificação e deixei que tempo provasse a Ethérnia e às suas gentes que estavam errados. No futuro acabaria por partir, mas nunca deixaria de voltar, independentemente das pessoas continuarem a não saber no que acreditar.

A projeção emocional

Todos nós ficamos doentes, mas um Cavaleiro do Poder não teme a doença, pelo menos a doença física. A doença emocional, essa é outra história completamente diferente. Existem sobretudo duas enfermidades emocionais que qualquer Cavaleiro tenta evitar a todo o custo, uma é a Letargia Emocional de já vos falei, a outra, a mais grave de todas, é a projeção emocional. Sem darmos conta, perdemos-nos nos seus meandros, na sua inexistência e quando acordamos pode ser tarde demais. Mas o que a torna tão nefasta é que maior parte dos Cavaleiros que se deixa tolher pelo seu silêncio nunca chega acordar. Não morreu fisicamente mas deixou-se perder na sua existência.

A projeção é o processo mental disfarçado de caminho espiritual no qual as características que estão ligadas ao nosso Cosmos são gradualmente afastadas deste em direção a outros objetos, noções e pessoas. Quem se deixa tolher pela projeção emocional foca-se na direção de objetos, noções e pessoas cujas qualidades e capacidades são vistas como as mais adequadas para ajustar o que elas inconscientemente pretendem deslocar.

É uma forma de se defenderem da angústia gerada pelo fracasso, de desculparem os seus defeitos projetando a responsabilidade do infortúnio em alguém ou algo externo ao seu Cosmos.

Muitos foram os Cavaleiros que caíram neste engodo e nunca mais de lá saíram só porque tinham medo de errar. Mestre Caelum ensinou-me uma valiosa lição para nunca ser engolido pelo abismo da projeção emocional. Ela dizia:

- O melhor de ser humano é poder errar e traduzir esse erro numa oportunidade. Na realidade não existem erros, apenas lapsos de um caminho que te levou a um determinado destino...".

Darmas e Oportunidades

Às vezes tudo nos parece correr bem. Tudo bate certo, tudo aparece no momento que augurávamos, o abstrato tornasse no concreto, os sucessos acumulam-se e nós sentimo-nos capazes de nos superarmos muito para além da banalidade do real. Quando passei a primeira vez por este sentimento não sabia como reagir, não sabia de que maneira regar o meu entusiasmo. Pensando estar a cair em tentação recorri a Mestra Caelum.

Ao ver-me num pânico, sorriu para mim e partilhou comigo um velho texto do seu Diário Simbólico de quando ela era ainda Companheira da Ordem:

“Depois de mais uma jornada no meu leito de masmorras fúnebres, eis que dou por mim de novo no mundo dos vivos, acompanhado por um estranho darma (prémio divino por bom comportamento e vida reta numa suposta vida passada) que me põe perante duas escolhas óbvias:

- Se posso ter o mundo para quê só ter parte dele?
- Se posso ter o mundo e a outra parte que não é dele porque não tentar o universo todo?

Embora ambas as opções sejam totalmente desproporcionadas, penso que são poucas as vezes que nos damos conta do potencial que nos rodeia e dos instrumentos reais que temos à nossa disposição. Sem cair na tentação da soberba e sem passar ao lado da teoria da simplicidade e solidariedade humana, é bom termos consciência do pouco tempo que temos para fazermos a diferença e ancorarmos a realidade ao caminho dramático do sucesso.

Quando somos bem-sucedidos, a tendência é para desconfiarmos da sorte, de quem caminha ao nosso lado e do medo que parece que deixamos de sentir. **Ser bem-sucedido foi apenas mais uma oportunidade bem aproveitada até à próxima com que nos iremos deparar...**”

Voltar atrás no Tempo

Já todos quisemos na nossa humana insanidade voltar atrás no tempo, dar voz às nossas raízes. Foram elas que nos deram forma e nos alimentaram antes de lhes fugirmos e procurarmos o mundo.

Procuramos todos as nossas raízes, donde viemos para onde vamos e se de facto tudo o que fizemos faz algum sentido. Não vos vou fazer perder tempo a refletir e dissertar sobre o que sendo importante não importa nada porque só nos faz perder tempo.



Em tempos tentei voltar às minhas raízes, recordar o meu berço e os contextos que me fizeram ser... e reitero ser...

Ser, sermos, implica magia interior, intuição, vontade de tentar perceber o que nos rodeia e por quem nos fizemos rodear.

No campo da magia interior não encontro medos absurdos, só velhas recordações de adolescência em que recordo a fraude que quis ser e forma como a queimei num inferno inexistente.

No campo da intuição vejo tantos símbolos existenciais que tenho dificuldade em perceber os meus. Olho para os olhos que me orientaram e orientam e percebo que os símbolos nem são a razão que nos conduz, somos nós que conhecemos e orientamos os símbolos, constatando o seu poder e a forma como os canalizamos.

Questionam agora vocês... afinal do que nos fala este lunático Cavaleiro?

Tento explicar de forma pessoal que a nossa intuição está presente nos nossos detalhes e que estes são representados pelos símbolos que só nós e a nossa índole reconhece.

Ao viver a vontade de tentar perceber o que nos rodeia, percebo que os meus sonhos quase que deixaram de existir, pernoitam noutras longitudes servindo o meu horizonte e o horizonte de quem lhes quiser dar sentido.

Voltar atrás no tempo só faz sentido se percebermos que o tempo nunca será o mesmo.

Aprender através dos olhos dos outros

Mizegui Takasugui, o mais sábio de todos os meus amigos Mestres Aprendizes, era nativo de Oika, no extremo ocidente do Império de Gaia. Sempre que voltava a Oika, pelas manhãs dedicava o seu tempo às crianças do vilarejo. Juntavam-se no sopé do velho Templo da Velha Ordem do Livro dos Elementos de Oika e até que os pais os chamassem Mizegui partilhava as suas histórias das viagens que havia feito. Em troca pedia que as mesmas crianças que o ouviam lhes contassem também as suas histórias.

Muitos achavam que tinham histórias desinteressantes porque não haviam vivido nada comparado com o Mestre Viajante, mas Mizegui não permitia que quem não fosse capaz de contar as suas histórias, ficasse para ouvir as suas.

Mizegui recordava-lhes que ninguém desconhece tudo, ninguém percebe tudo, mas todos temos uma história para contar, algo que só nós vivemos e sabemos. E depois lembrava-lhes que todos nós desconhecemos alguma coisa, por isso devemos ter sempre a disponibilidade para aprender algo novo e ouvir uma nova história.

Estar com as crianças da sua Oika permitia-lhe lembrar o que ele fora, de onde ele partira e assim não perder a consciência da sua simplicidade e singularidade.

Depois daqueles momentos matinais, Mizegui retirava-se para o Templo e em introspecção meditava sobre as batalhas que havia combatido, as feridas que havia aberto, as vidas que havia salvado. Por fim dedicava os finais de tarde a conversas com os Velhos Mestres do Templo. Ele sabia que não era só no silêncio que os Cavaleiros se faziam, mas na palavra, no trabalho e na ação originada pela reflexão.

Á noite juntava-se à sua mãe, a família que lhe restava, e recordavam os ensinamentos de seu pai, um dos Mestres predestinados. Numa dessas conversas, Mizegui contava à mãe o seu dia e a sua busca incessante para não cair na tentação de pôr em causa a sua humildade e a percepção de ver o mundo através dos olhos dos outros que em tempos também ele fora. Nessa conversa a sua mãe recordava-lhe:

- O teu pai sempre acreditou que ninguém era mais sábio que ninguém. Sempre argumentou que apenas existiam saberes distintos. Quando era criticado por colocar todos ao mesmo nível limitava-se a perguntar: Quando começaste a caminhar sozinho?

Perceber que o que nos é essencial...

Um dos exercícios mais difíceis de conseguir é, como já vos contei, calcular o essencial. Mas descansem que não vos vou fazer perder tempo voltando a escrever sobre isso. Vou antes contar-vos o que calcular o essencial me permitiu descobrir e a razão pela qual é tão vital ser capaz de entender o que realmente importa no pouco tempo que temos entre o mundo que nos viu nascer.

A este respeito recordo um encontro com o meu velho grupo nativo com Canis Lupus, Chitra, Mayra, Picard, Didacus e Margherita. Entre nós só faltava a nossa Mestra, a sábia Caelum.

À volta da fogueira com as estrelas de um céu limpo como companheiras cada um lembrava o que de facto era o essencial da sua caminhada até aquele dia. Picard assinalava:

- Lastimo todos aqueles que perderam a sua capacidade de sonhar, de darem voz à sua coragem de proclamar e denunciar. Lamento a vida de todos aqueles que desistem de se ver o amanhã no testemunho do hoje, no aqui e no agora, preferindo atrelar a alma ao passado, à apatia e à rotina...

Mayra por sua vez tinha descoberto:

- Só percebendo o que fomos teremos a capacidade para perspetivar o que podemos ser. O que vamos transformar amanhã teve lugar no ontem, caminhando no hoje.

Por sua vez Didacus ressaltava que a sua liberdade era o seu essencial:

- A minha liberdade, a nossa liberdade, que conquistamos a muito custo, não é uma dádiva. É uma busca permanente no ato consciente de quem a vive. Acredito que ninguém procura liberdade para ser livre. É exatamente o contrário. Nós lutamos por ela porque nunca a tivemos. Aliás, acho mesmo que sou incapaz de libertar alguém, e como tal não conheço um único ser humano que se liberta sozinho. Nós, humanos imperfeitos, libertamo-nos em comunhão."

Na sua vez Chitra referiu a importância de arriscar:

- Continuo a acreditar que não é possível existir sem a capacidade de sonhar o impossível. A vida na sua plenitude ensinou-me que é irrealizável alcançá-la sem risco.

Canil Lupus, no seu momento de intervir, sintetizou o seu essencial como um caminho de aprendizagem interminável:

- Há algo que todos os meus Mestres me fizeram perceber. Onde quer que haja mulheres e homens, existe sempre o que conceber, há indefinidamente o que ensinar, vai haver sempre o que aprender.

Por sua vez Margherita, o único elemento do grupo que vivia em comunhão simbólica (cerimónia que une um homem a uma mulher para formarem família) definiu o amor como o centro das nossas vidas:

- Não acho possível viver sem amor. Amar está muito para além da intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam. Amar relativiza a própria existência. Amar faz-nos perceber como deixamos ser para finalmente sermos.

Fiquei para último e depois de ouvir todo o meu grupo não era capaz de perceber e situar o meu essencial. Sem pensar muito saíram-me estas palavras:

- Depois de vos ouvir tudo me parece essencial. Meus amigos, neste momento, a única coisa de que tenho a certeza, é que era essencial estar aqui com vocês e lamento... lamento por todos aqueles que nunca perceberam o que é importante e assim... foram vencidos pela não existência...

Quando o mundo já não nos chega

Um grande pensador, que nunca assinou o seu nome ou passado, ainda do tempo velha era, que alguns especulam ter sido um sanguinário conquistador, talvez um dos que fez cair a velha era, deixou o seguinte escrito: “Com a ajuda do Céu venci um império enorme. Mas a minha vida era muito curta para alcançar a conquista do mundo. Essa tarefa foi deixada para os que vêm a seguir a mim.”

Todos os Mestre recordavam aos seus aprendizes estas palavras por um simples motivo. Todos chegávamos ao dia em que o mundo já não nos chegava. Todos chegávamos ao dia em que almejávamos a novidade, porque a singularidade do presente já não era suficiente. Todos nos deixávamos levar pelo momento em que a montanha mais alta era apenas mais um instante antes da montanha que era ainda maior, tudo porque achávamos que um desafio superior, que não sabíamos definir, nos chamava algures num vazio desconcertante que não conseguíamos controlar.

A este sentimento os nossos Mestre chamavam de soberba. Ele aparecia entre retalhos mal preparados do nosso ser e rendilhado de soberceria, fazendo-nos esquecer o dom da humildade, da simplicidade, tornando-nos seres altivos e arrogantes porque nada do que vivíamos era suficiente para alimentar o nosso “eu”.

A este respeito Mestre Ely deixou-me a mais valiosa das lições:

- Quem não souber perder nunca estará preparado para vencer, quem não for capaz da simplicidade das pequenas tarefas nunca estará preparado para a dureza das grandes. Quem não souber apreciar o sorriso gasto da sua mãe nunca saberá realmente o que é sorrir, quem não for feliz a recordar o primeiro livro que leu até à última página nunca estará preparado para aprender novas línguas...

Há caminhos que ninguém espera que possam surgir

Todos fazemos planos de futuro, todos nos vemos nas situações que idealizamos como ideais para nós e para os que nos são próximos. Os Mestres da Ordem dos Cavaleiros do Poder não são diferentes, todos eles idealizam no seu íntimo o potencial que cada um dos seus aprendizes pode almejar, o nível a cada um deles pode chegar, a derradeira missão que só ele irá abraçar. Alguns de nós, caídos em tentação afetiva, imaginamos que alguns deles seguirão os nossos passos, que serão uma espécie de percussores do que sempre idealizamos que eles poderiam ser.

Hoje conto-vos a história de Lyntis, a Cavaleira Lince, alguém que foi capaz de ultrapassar o potencial que qualquer um dos seus Mestre lhe vaticinou e se perdeu nas suas próprias conquistas.

Fui Mestre de Lyntis nas artes da estratégia e das técnicas de combate com armas. Ela fez parte do terceiro grupo de aprendizes que acolhi juntamente com Blua, Sté, Nebula e Monterius. No início, Lyntis era a mais apagada do grupo, a que passava mais despercebida. Blua e Sté funcionavam como um duo dinâmico, Blua mais luminosa e Sté mais metódica e resiliente. Monterius era a mais apoteótica e extravagante, com dons de comunicação de uma predestinada. Nebula era o elemento místico do grupo, aquela que parava para perceber o sentido das estrelas e onde habitava a aura de cada um. Lyntis não tinha nenhuma destas qualidades, muito pelo contrário, para além da sua força de vontade e crer não parecia revelar nenhum talento especial. Mas a verdade estava escondida.

Ela tinha algo diferente de todos os outros aprendizes que tinha treinado e que há primeira vista não fomos capazes de perceber. Tinha o poder de ler os poderes de cada um e de forma autónoma desenvolvê-los por si mesma. Era capaz de reproduzir e apreender o poder de cada um, recriando um poder que há primeira vista nos parecia completamente novo.

Para além de seu Mestre tornei-me seu amigo e confidente, sempre ciente da diferença de caminhos que nos estava destinada. Com as épocas anuais a passarem, umas depois das outras, Lyntis tinha deixado de ser mais uma para se assumir como aquela que conseguia dominar um pouco de cada uma das artes. Era também aquela que com mais maestria era capaz de competir com o seu próprio Mestre nos exercícios mais minuciosos.

Com o tempo, em muitas batalhas que combatemos, já deixava que fosse ela a traçar o plano de ataque, a liderar a montagem dos mecanismos de defesa ou então a ser ela a comandar a equipa de batedores que marcava o território antes de avançarmos para qualquer combate.

Durante uma longa época, eu e os outros Mestres perdemos o discernimento e de forma natural, ainda antes de Lyntis ser entronizada como Mestra Aprendiz, permitimos que ela desempenhasse as funções que qualquer Mestre Aprendiz já fazia. Em nenhum momento nos perguntamos se seria cedo ou tarde. Eu, pessoalmente, olhava para o caminho que Lyntis traçava e sentia o orgulho de sentir que alguém poderia continuar o meu caminho. Com certeza que Lyntis o iria continuar de forma diferente, mas caminho não morreria no que eu era. Decidi nesta altura dar a Lyntis a liderança de um grupo de jovens aprendizes ainda crianças. Nessa altura pensei que ela estivesse preparada.

Nas primeiras épocas anuais, Lyntis fez nobremente o acompanhamento do novo grupo nativo, ao mesmo tempo que continuou a desempenhar todas as funções que já desempenhava.

Chegou o dia do seu Ritual dos Símbolos, altura em que lhe foi atribuído símbolo Lince e o título de Mestra Aprendiz. Era altura do corte doloroso porque já passara várias vezes. Desta vez, na minha ingenuidade, pensei que não seria tão doloroso, porque ambos continuaríamos amigos, mas desta vez sem os desníveis de autoridade naturais na relação entre Mestre e Aprendiz. Por esta altura parti em viagem com outro grupo de Aprendizes para explorar novas regiões ainda desconhecidas ao Império de Gaia.

Ao fim de uma época voltei para rever Lyntis e o seu primeiro grupo de aprendizes, mas não encontrei ninguém. Procurei na velha colina onde treinara com ela a arte do manejar da espada, mas nada encontrei. De volta ao Templo onde havia começado a treinar o grupo de Lyntis reencontrei Ste.

- Ste, minha velha amiga, como estás? – Perguntei.

- Bem, nobre Mestre. O que traz de volta? – Replicou Ste.

- Vim rever-vos, mas não encontrei Lyntis nem o seu grupo. Onde estão? – Voltei a perguntar.

- Não sabeis o que aconteceu Mestre? – Questionou-me.

- Não, o que sucedeu? – Questionei alarmado.

- Ninguém sabe muito bem, mas segundo o que me explicou Mestre Canis Lupus, Lyntis não soube lidar com todas as responsabilidades que assumira. Entrou em colapso emocional por achar que não estava à altura do que os velhos Mestre esperavam dela. Pouco depois desistiu da Ordem e partiu para o exílio.

Fiquei chocado com o que Ste me contara e procurei de imediato Canis Lupus. Contou-me que não havíamos sido prudentes. Que nos havíamos esquecido que há um tempo

para tudo e que mais do qualquer outro aspeto, nos havíamos esquecido de colocar a hipótese de que Lyntis também poderia falhar, também era falível, também poderia não estar preparada. O facto de durante tanto tempo ter sido ela a que mais se havia superado, havia-me cegado e tirado o discernimento para perceber que a seguir a grandes escaladas podem seguir-se quedas mortais.

Olhei para Lyntis da mesma forma que olhava o meu caminho e esqueci-me de tentar perceber se afinal havia outro que ela quisesse trilhar. Não agi com intencionalidade nem fui irresponsável na forma como a treinei. Mas não consegui perceber a tempo que provavelmente o seu caminho não era o meu.

Agora, por estes dias, procuro por Lyntis em todos os locais que treinamos. O exílio de um Cavaleiro é como a morte emocional. Deixamos tudo para trás sem olhar para onde vamos.

Provavelmente Lyntis nunca quis o que achamos ser o melhor para ela, provavelmente ela quis mais do que podia dar, provavelmente ela até está determinada para este caminho. Mas neste momento o que humildemente sei, é que existem caminhos que esperávamos nunca ter que trilhar. **Ainda não sei o que aconteceu, mas tenho a certeza que vou continuar a ir atrás... muito provavelmente para voltar de onde nunca deveria ter partido. Mas para certos destinos um Cavaleiro tem mesmo de ter a certeza.. e este é um deles...**

A cura....

Um dia, uma das mulheres que supostamente amei, questionou-me:

- Afinal tens cura?

Não lhe soube responder e refugiei-me no meu diário simbólico como o fizera centenas de outras vezes. Estas foram as minhas palavras:

“Aprendi que um guerreiro "faz o melhor que pode e sabe até que o seu caminho se revele...". Quanto mais aprendo e quanto mais alimento as minhas dúvidas acredito ainda mais nesta demanda. O único problema é perceber quando é que o caminho realmente se revela.

Importa pouco onde fomos parar, importa é que estamos.... e misticismos e variações astrais à parte, importa o que fazemos com o tempo e recursos que temos no sítio e com as pessoas com quem estamos.

Numa citação mais ou menos religiosa, supostamente existimos para deixar a nossa marca e partirmos de volta a um infinito que ninguém percebe ou quer perceber. E por entre caminhos que se revelam e marcas mais ou menos declaradas, vamos acabar por nos "adoentar" e deixar consumir por uma "chaga de inexistência". Vamos acabar por duvidar de nós próprios e por tudo que mexe ao nosso lado.

Muitas vezes, esta demanda está longe de ser nossa responsabilidade, mas noutros venerados momentos, somos nós os principais responsáveis pela "nossa própria doença". É nestes momentos que todos procuramos uma cura, uma forma de nos redirmos e percebermos.

Mas querem saber qual é parte imbecil de tudo isto? ...

A cura é mais uma ilusão emocional, mais um momento de paralisia até à doença seguinte que desencadeará a cura que se lhe segue. Nós somos a nossa própria cura, a nossa própria terapia.

A força de vontade e capacidade de resiliência também se aprendem, mas as decisões continuam a ser de quem as toma, e isto que faz dos nossos erros um decisão inadiável na consciência que todos prezamos ter.

Mesmo assim, procurar uma cura não nos irá fazer mal. Esse caminho tortuoso que todos insistimos em fazer, tem pelo menos a vantagem de nos despertar, de nos dar a perceber o que é ilusão, o que pode ser a verdade e o que de facto é mentira. Um brinde à cura universal.... aquela que jamais será encontrada... mas que nunca deixaremos de procurar enquanto houverem portas por abrir.”